

**UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Instituto de Artes/SP**

DANIELA MAYLE MEIRELLES

EURITMIA: FLUXO DE VIDA QUE PERMEIA O MOVIMENTO  
NA EDUCAÇÃO WALDORF

São Paulo  
2014

DANIELA MAYLE MEIRELLES

EURITMIA: FLUXO DE VIDA QUE PERMEIA O MOVIMENTO

NA EDUCAÇÃO WALDORF

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Arte Terapia/Terapias Expressivas Orientadora. Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Kathya Maria Ayres de Godoy.

São Paulo  
2014

Dedico esta pesquisa a todos os meus alunos,  
que são a minha verdadeira inspiração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Deus* pela oportunidade de viver esta grandiosa experiência. Agradeço a minha *família amada*, por ser minha fortaleza. Agradeço aos *meus pais* todo o cuidado, o carinho e o amor que dedicaram a mim, mas em especial agradeço a minha *mãe* por sempre me incentivar a realizar os meus sonhos. Agradeço ao meu marido *Marcelo*, por estar sempre ao meu lado, me norteando e cuidando de mim. Agradeço sua paciência, seu amor e dedicação. Não foi fácil ler, reler, sugerir e insistir para que o melhor fosse feito, à custa de uma esposa, tantas vezes, intolerante, cansada e ocupada. Muita gratidão e amor é o que eu sinto *por você!* Agradeço ao meu filho *Yuri* por ser meu principal professor e a alegria da minha vida. *Amo você infinitamente!*

Agradeço aos meus colegas de trabalho que me ensinam, dentre tantas coisas, a crescer, mas em especial agradeço a minha grande amiga a Prof<sup>a</sup>. de Eúritmia *Marisa Devecchi Bernardi* que sempre compartilhou suas ricas experiências pedagógicas comigo e tanto me orienta em meu trabalho didático e artístico. E aos amigos feitos neste curso de Especialização em Arteterapia, agradeço o companheirismo nesta incrível jornada. Agradeço em especial as minhas colegas de trabalho do Instituto de Desenvolvimento Waldorf, *Melanie Guerra, Paula Levy e Maria Florencia Guglielmo*, que tanto me estimularam a realizar esta formação e esta pesquisa.

Agradeço à minha querida orientadora, a Prof<sup>a</sup>. *Kathya Maria Ayres de Godoy*, por ter estruturado o meu trabalho e ter me guiado com muita eficiência. Agradeço aos professores do Curso de Arteterapia e Terapias Expressivas do Instituto de Artes da UNESP, em especial, a querida professora, *Ana Maria Mezzarana Kiyon* que sempre apoiou e incentivou muito a nossa classe a observar os fenômenos revelados pelo ser humano em cada uma de suas ações.

Por fim, agradeço a todos os meus alunos da *Escola Waldorf Rudolf Steiner*, por terem me proporcionado uma verdadeira aprendizagem e reflexão, além de momentos inesquecíveis e conhecimentos para uma vida inteira.

*“Procura no próprio ser: E tu encontrarás o mundo;  
Procura na ação do mundo: E tu encontrarás a ti próprio”.*

*Rudolf Steiner*

## RESUMO

Esta pesquisa visa realizar um levantamento teórico sobre os aspectos correlativos dos elementos didáticos da Eurytmia, em seu percurso no currículo da Pedagogia Waldorf. A autora deseja descrever quais os elementos eurítmicos que são aplicados no ensino do 1º ano do Ensino Fundamental que tem relação com o processo de criação artística dos alunos do 12º ano do Ensino Médio. Essa pesquisa apóia-se teoricamente na biografia do filósofo austríaco Rudolf Steiner e em sua obra, o criador desta arte, assim como na visão de ser humano e de mundo da Antroposofia, nos conceitos básicos da Pedagogia Waldorf, na Eurytmia como uma arte do movimento criada em 1912 e sua aplicação pedagógica na prática das escolas Waldorf e no desenvolvimento desta disciplina dentro do currículo Waldorf. A contribuição final deste estudo é a reflexão sobre a observação das relações estabelecidas na prática pedagógica da Eurytmia no processo de aprendizagem do ser humano em suas diversas fases de desenvolvimento.

**Palavras-Chave:** Eurytmia; Currículo da Pedagogia Waldorf; Fases de desenvolvimento do ser humano.

## **ABSTRACT**

This research aims at a theoretical survey on the correlative aspects of the didactic elements of Eurythmy in its course in the curriculum of Waldorf education. The author wishes to describe what eurythmy's elements that are applied in teaching 1st grade of elementary school that is related to the process of artistic creation of the students of the 12th grade of high school. This research is based theoretically on the biography of the Austrian philosopher Rudolf Steiner and his work, the creator of this art, and also in understanding of the human being and the worldview of Anthroposophy, the basics of Waldorf Education in Eurythmy as an art movement established in 1912 and its pedagogical application in practice of Waldorf schools and the development of this discipline within the Waldorf curriculum. The final contribution of this study is the observation of reflection on the relations established in the pedagogical practice of Eurythmy in the learning of human beings in their various stages of development.

**Key-words:** Eurythmy; Curriculum of Waldorf Education; Stages of human development.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – RUDOLF STEINER.....	22
FIGURA 2 – MARIE STEINER.....	26
FIGURA 3 – PRIMEIRO GOETHEANUM.....	29
FIGURA 4 – PRIMEIRAS EURITMISTAS .....	30
FIGURA 5 – EURITMIA ARTÍSTICA – EURYTHMY SPRING VALLEY ESEMBLE .....	31
FIGURA 6 – EURITMIA PEDAGÓGICA.....	32
FIGURA 7 – EURITMIA TERAPÊUTICA.....	33
FIGURA 8 – PRIMEIRA ESCOLA WALDORF EM STUTTGART .....	34
FIGURA 9 – FÁBRICA DE CIGARROS WALDORF ASTORIA.....	34
FIGURA 10 – SEGUNDO GOETHEANUM .....	35
FIGURA 11 – SALA DE AULA DE UMA ESCOLA WALDORF .....	48
FIGURA 12 – DIA-A-DIA NUMA ESCOLA WALDORF .....	49
FIGURA 13 – ORGANOGRAMA DOS SETÊNIOS .....	50
FIGURA 14 – TEORIA BIOGRÁFICA .....	51
FIGURA 15 – PRIMEIRO SETÊNIO “O MUNDO É BOM” .....	51
FIGURA 16 – SEGUNDO SETÊNIO “O MUNDO É BELO” .....	52
FIGURA 17 – TERCEIRO SETÊNIO “O MUNDO É VERDADEIRO” .....	53
FIGURA 18 – JARDIM DE INFÂNCIA.....	54
FIGURA 19 – O BRINCAR NO JARDIM DE INFÂNCIA.....	55
FIGURA 20 – O CONTO DE FADA NO JARDIM DE INFÂNCIA .....	56
FIGURA 21 – O AMBIENTE DO JARDIM DE INFÂNCIA .....	57
FIGURA 22 – AULA DE MARCENARIA DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	59
FIGURA 23 – ENSINO MÉDIO .....	61
FIGURA 24 – SOCIEDADE “TRIMEMBRADA” E OS TRÊS PRIMEIROS SETÊNIOS.....	65
FIGURA 25 – ESCOLA WALDORF RUDOLF STEINER – SÃO PAULO.....	68
FIGURA 26 – WOW DAY – WALDORF ONE WORLD DAY.....	69
FIGURA 27 – A JOVEM LORY MEYER-SMITS.....	71
FIGURA 28 – GESTOS DAS VOGAIS EM EURITMIA .....	74
FIGURA 29 – GESTOS DAS CONSOANTES “M” E “N” EM EURITMIA.....	76
FIGURA 30 – GESTO DA CONSOANTE “T” EM EURITMIA.....	77

FIGURA 31 – GESTOS DAS CINCO VOGAIS (A, E, I, O, U) E EM SEQÜÊNCIA OS GESTOS DAS SEGUINTE CONSOANTES (B, CH, D, F, G, H, K, L, M, N, P, R S, T, V).....	78
FIGURA 32 – SESSÃO INDIVIDUAL DE EURITMIA TERAPÊUTICA .....	85
FIGURA 33 – SPRING VALLEY EURYTHMY ESSEMBLE, NY – USA .....	86
FIGURA 34 – EURITMIA SOCIAL.....	87
FIGURA 35 – AULA DE EURITMIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	100
FIGURA 36 – AULA DE EURITMIA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	102
FIGURA 37 – APRESENTAÇÃO DE EURITMIA NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	103
FIGURA 38 – APRESENTAÇÃO DE EURITMIA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	104
FIGURA 39 – AULA DE EURITMIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	106
FIGURA 40 – APRESENTAÇÃO DE EURITMIA NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	107
FIGURA 41 – APRESENTAÇÃO DE EURITMIA DO ENSINO MÉDIO.....	109
FIGURA 42 – APRESENTAÇÃO DE EURITMIA DO ENSINO MÉDIO.....	110
FIGURA 43 – APRESENTAÇÃO DE EURITMIA DO ENSINO MÉDIO.....	111
FIGURA 44 – APRESENTAÇÃO DE EURITMIA DO ENSINO MÉDIO.....	112

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -- ORDENAÇÃO DAS CONSOANTES.....	75
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABRE – Associação Brasileira dos Eurytmistas

EWRS – Escola Waldorf Rudolf Steiner

E.F. – Ensino Fundamental

E.M. – Ensino Médio

F.E.W.B. – Federação de Escolas Waldorf no Brasil

IDW – Instituto de Desenvolvimento Waldorf

MEC – Ministério de Educação e Cultura

SAB – Sociedade Antroposófica no Brasil

WOW – Day Waldorf One World Day

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO .....	13
1	RUDOLF STEINER SEU TEMPO E SUA OBRA .....	22
1.1	A visão da Antroposofia.....	37
1.2	A Tetramembração do ser humano.....	41
2	PEDAGOGIA WALDORF E SEUS FUNDAMENTOS .....	45
2.1	Criação da Pedagogia Waldorf.....	45
2.2	Conceitos Gerais.....	48
2.3	Pedagogia Waldorf no Brasil .....	66
2.4	Escola Waldorf Rudolf Steiner – São Paulo .....	67
3	EURITMIA .....	71
3.1	Breve contexto histórico do surgimento da Eurytmia .....	79
3.2	Campos de atuação da Eurytmia .....	83
3.3	Principais elementos da Eurytmia Pedagógica .....	88
4	CURRÍCULO DA PEDAGOGIA WALDORF .....	91
4.1	Aspectos gerais do currículo .....	92
4.2	A Eurytmia no currículo da Pedagogia Waldorf.....	94
4.2.1	A Eurytmia na Educação Infantil .....	96
4.2.2	A Eurytmia no Ensino Fundamental do 1° ao 8° ano .....	97
4.2.3	A Eurytmia no Ensino Médio do 9° ao 12° ano.....	108
4.3	As correlações dos primeiros quatro anos do Ensino Fundamental com os quatro últimos anos do Ensino Médio.....	113
4.4	O currículo de Eurytmia aplicado na Escola Waldorf Rudolf Steiner atualmente .....	116
5	METODOLOGIA.....	122
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	123
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	127

## INTRODUÇÃO

Em minha vivência como bailarina pratiquei diversos estilos de dança, desde o ballet clássico até a dança contemporânea, integrei vários grupos artísticos amadores e profissionais. Conclui minha graduação em Educação Física e Dança pela UFRJ, no Rio de Janeiro, em 2001 e atuei como professora de dança para crianças e adolescentes em muitas academias e escolas particulares e públicas.

Em meio a este percurso deparei-me com o pensamento filosófico da Antroposofia e por consequência com a Pedagogia Waldorf e a Eurytmia<sup>1</sup>. Entusiasmada com este breve encontro com a arte da Eurytmia, busquei então um maior conhecimento sobre o tema, realizando a formação em Eurytmia artística na Spring Valley Eurythmy School, em Nova York, EUA. Esta formação de quatro anos em Eurytmia artística visa introduzir e aprofundar os fundamentos artísticos e estéticos desta arte do movimento. Depois, com o intuito de dar continuidade a minha atuação como docente fiz concomitantemente a formação em Eurytmia pedagógica.

A diferença entre a formação em Eurytmia artística e pedagógica é que a primeira visa desenvolver no indivíduo os aspectos estéticos que envolvem cada elemento desta arte do movimento enquanto a segunda consiste em aplicar os fundamentos da Eurytmia de forma didática, adaptando seus elementos às características de cada etapa de desenvolvimento da criança e do jovem. A Eurytmia pedagógica se preocupa não só com as particularidades antropológicas<sup>2</sup> do desenvolvimento humano, mas também com a construção de uma relação integradora entre os diversos conteúdos ensinados no currículo de cada ano escolar.

---

1 Os termos Antroposofia, Pedagogia Waldorf e Eurytmia serão mais bem definidos no decorrer deste estudo, no entanto, segue adiante uma breve explicação destes. Segundo a Federação das Escolas Waldorf no Brasil “Antroposofia é um caminho de conhecimento capaz de dar respostas rigorosas e comprováveis a todos os campos relacionados ao homem e ao seu mundo” (<http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br> Acesso em: julho, 2014. F.E.W.B. Federação de Escolas Waldorf no Brasil, 2008). A Pedagogia Waldorf, criada por Rudolf Steiner, em 1919 é uma pedagogia que tem como ponto de partida o conhecimento da criança e de seu desenvolvimento em diversos aspectos. Enfoca o ser humano como ente físico, anímico e espiritual. (<http://www.ewrs.com.br/> Acesso em: agosto, 2014). Eurytmia foi criada em 1912, por Rudolf Steiner como a arte capaz de dançar a palavra, em uma referência ao grego “*eurythmós*” que significa ritmo verdadeiro (NOGUEIRA, 2003).

2 A noção de antropologia utilizada pela Antroposofia desenvolvida por Steiner, é fundamentada em uma ciência empírica moderna e ampliada pelo conhecimento da realidade supra-sensível do anímico-espiritual. Por meio desta visão, torna-se possível compreender de forma diferenciada as fases evolutivas da infância e adolescência, no decorrer das quais se desdobram e se transformam as relações com o mundo e a disposição para o “*aprender*” (RITCHER, 2002).

De volta ao Brasil, passei a atuar como professora de Eurytmia para crianças do 1º ano do Ensino Fundamental ao 12º ano do Ensino Médio, na Escola Waldorf Rudolf Steiner, em São Paulo. Esta foi a primeira escola fundada no Brasil a utilizar a pedagogia Waldorf, e agora em 2014 completa 58 anos de existência.

Também ministro aulas de Eurytmia no curso de formação de professores Waldorf no Instituto de Desenvolvimento Waldorf (IDW), em São Paulo. Criado em 1970, o curso aborda o desenvolvimento do ser humano e sua integração no mundo, tanto nas aulas práticas quanto nas teóricas. Sua fundamentação conceitual baseia-se na Antroposofia.

O curso de Formação de Professores Waldorf é de nível técnico-profissionalizante, e possibilita ao formando lecionar em classe das 1ªs às 5ªs séries do Ensino Fundamental em quaisquer escolas do Sistema Nacional de Ensino. Os professores formados no Centro de Formação de Professores Waldorf podem conduzir alunos de Educação Infantil e do 1º ao 8º anos nos estabelecimentos do Estado de São Paulo filiados à Federação das Escolas Waldorf do Brasil, de acordo com autorização expressa do Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo.

Em meio a este percurso de prática docente percebi a necessidade de voltar à academia para começar a estabelecer diálogos reflexivos entre os conhecimentos que adquiri com a Antroposofia, a Pedagogia Waldorf e a Eurytmia e o mundo científico formal. Com este pensamento, ingressei neste curso de Especialização em Arteterapia e Terapias Expressivas na Unesp de São Paulo.

A partir da minha identificação com os diversos temas abordados neste curso de especialização e do processo de reflexão sobre minha prática docente com Eurytmia é que pretendo desenvolver esta pesquisa. Temas, como: a fenomenologia como abordagem terapêutica, a Arte como ferramenta de expressão a serviço da cura do indivíduo, a inclusão no processo de educação e muitos outros me inspiraram a mergulhar na prática pedagógica em que atuo com um olhar investigativo e questionador.

É dessa forma, que pretendo adentrar nos meandros e nas nuances da prática pedagógica da Eurytmia na Pedagogia Waldorf. Desejo fazer um estudo aprofundado e reflexivo sobre os elementos eurítmicos ministrados no currículo do 1º ano do Ensino Fundamental e suas relações com a atuação artística dos alunos do 12º ano do Ensino Médio nas aulas de Eurytmia. Como coloca Bardt (2008),

existe um espelhamento entre o currículo do E.F e do E.M.

Então, o presente trabalho pretende refletir sobre a atuação didática de uma arte do movimento criada no século XX, a Eurytmia, desenvolvida na Europa, a partir de 1912, pelo filósofo e humanista, Rudolf Steiner (1861–1925).

Rudolf Steiner nasceu em 27 de fevereiro de 1861, em Kraljevec na Áustria e faleceu em Dornach na Suíça, aos 64 anos, em 30 de março de 1925. Seu pai trabalhava em uma estrada de ferro, por isso ele viveu entre a estação de trem, onde morava, e a natureza, já que tinha que percorrer longos caminhos para chegar à escola. Quando criança teve experiências de clarividência, via e sentia realidades supra-sensoriais (BOTTENE, 2011).

Posteriormente, começa a buscar um espaço onde as pessoas pudessem discutir sobre realidades espirituais com clareza de raciocínio e sem perder a consciência de si próprio. Para ele, se esse espaço fosse encontrado, ele saberia de onde partir para vivenciar de forma plena suas experiências de clarividência.

Steiner desenvolveu estudos epistêmicos cuja intenção foi chegar ao conhecimento dos aspectos não materiais da realidade, do mesmo modo como as ciências em geral desenvolvem conhecimentos do mundo físico (ABREU; SÂMARA, 1999, p.29).

Apesar, de seu interesse humanístico e sua sensibilidade para a espiritualidade terem sido despertados ainda na infância, cumpriu em Viena estudos superiores de Ciências Exatas. Por seu desempenho acadêmico a partir de 1883, tornou-se editor responsável dos escritos científicos de Goethe<sup>3</sup> – poeta, escritor e cientista. Após alguns anos como redator literário, passou também a atuar como conferencista e escritor, com o objetivo de expor os resultados de suas pesquisas científico-espirituais, de início no âmbito da Sociedade Teosófica<sup>4</sup> e mais tarde na Sociedade Antroposófica<sup>5</sup>, por ele mesmo fundada (BOTTENE, 2011).

---

3 Johann Wolfgang von Goethe nasceu em 28 de agosto de 1749, em Frankfurt am Main, Alemanha. Foi um escritor alemão e pensador que também fez incursões pelo campo da ciência (<http://www.wikipedia.org/> Acesso em agosto, 2014).

4 A Sociedade Teosófica foi fundada para promover os ensinamentos de teosofia, a sabedoria relacionada ao divino que era a base de outros movimentos do passado, como o neoplatonismo, o gnosticismo, e as Escolas de Mistérios do mundo clássico (<http://www.wikipedia.org/> Acesso em agosto, 2014).

5 A Sociedade Antroposófica foi formada em 1913, por Rudolf Steiner, que saiu da Sociedade Teosófica devido a divergências com a líder, Annie Besant. Ele foi acompanhado por um grande número de membros da Seção Alemã da Sociedade Teosófica, e tornou-se o presidente da recém

Torna-se necessário, primeiramente, saber que a palavra “*Antroposofia*” passou a ser utilizada por Steiner a partir do pensamento do filósofo idealista alemão Ignaz Paul Vitalis Troxler (suíço de nascimento, foi aluno de Hegel e Schelling). A palavra aparece publicada no livro “*Vorlesungen über Philosophie*” (Palestras de Filosofia) de 1835. Segundo Steiner (1990, p. 59):

Troxler também se remete ao fato de que no caminho do conhecimento trilhado por ele uma ciência do homem é possível, através da qual ... o ‘sentido supra-espiritual’, junto com o ‘espírito supersensível’ apreende o ser supersensível do homem em uma antroposofia.

Ellenberger, médico psiquiatra (1970, pp. 206-207) ainda indica que para Troxler “o objetivo verdadeiro da filosofia é transformar o espírito em um órgão de conhecimento através do qual o homem pode se tornar consciente de realidades espirituais superiores”, objetivo este chamado por Troxler de “*Antroposofia*”.

Então, pode-se conceituar a Antroposofia como um conjunto de afirmações teóricas baseadas no estudo do espírito do ser humano. Ela é entendida como a visão do Universo e do Ser Humano obtida por meio de métodos próprios, respeitando a liberdade espiritual de cada indivíduo, ou seja, ela não é considerada uma religião (BACHEGA, 2009). Abaixo Lanz (1997, p.15-16) também nos descreve:

[...] a Antroposofia não é religião nem seita religiosa. Distingue-se da especulação filosófica por seu fundamento em fatos concretos e verificáveis, e distingue-se de caminhos esotéricos e do espiritismo pelo fato do pesquisador, conservar-se dentro dos métodos por ela preconizados, mantendo sua plena consciência, sem qualquer transe, mediunismo ou estados extáticos ou de excitação artificial. A Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência ‘comum’. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete com suas descobertas. Sobretudo tem feito, em todos os domínios da vida prática, muitas contribuições e inovações concretas e positivas – o que constitui a verdadeira pedra-de-toque de seus princípios.

A partir deste pressuposto que se difere da visão de ser humano das religiões existentes, o ser humano passa a ser visto e entendido como um ser constituído de

---

fundada Sociedade Antroposófica. A antroposofia difere da teosofia em seu foco prático, na ênfase no desenvolvimento de impulsos artísticos, em ter como base teórica maior comprometimento com o esoterismo ocidental do que com o esoterismo oriental, e por sua visão positiva do Cristo que, contudo, ainda é bastante diferente da visão cristã comum, assim como da visão do Gnosticismo em alguns aspectos (<http://www.sab.org.br/> Acesso em: agosto, 2014).

quatro corpos, ou seja, “*tetramembrado*”. O primeiro membro ou primeiro corpo, o corpo físico, é constituído pelos mesmos elementos encontrados na natureza, este que todos possuem, de variadas formas.

O segundo corpo pode ser chamado de “*corpo de forças plasmadoras*”<sup>6</sup> ou *corpo etérico*”, ele é o responsável pela vida, é um conjunto individualizado e delimitado de forças vitais. Este corpo aparece como um campo de forças ao redor do corpo físico, não sendo possível observá-lo com olhos humanos, apenas por clarividência, capacidade comum a povos antigos, mas que atualmente mostra-se cada vez mais distante da nossa realidade.

Há um terceiro corpo, que se pode dizer ser responsável pelas sensações, simpatias e antipatias, instintos e paixões, sendo o veículo responsável por toda a carga emocional, tanto dos instintos quanto dos sentimentos. Este veículo é chamado de “*corpo astral*”, ele é o responsável por receber os impulsos e impressões dos mundos físicos e superiores. É com ele que o homem reage, pensa e entra em intercâmbio com o mundo ao seu redor (BACHEGA, 2009).

Esses corpos existiriam em todos os seres humanos, porém a distinção entre um indivíduo e outro se daria pelo último corpo: o “*Eu*”. Este “*Eu*” é definido por Lanz (1997, p. 27):

um centro autônomo de sua personalidade, que constitui o âmago de sua essência e do qual ele tem uma experiência direta e insofismável. Ao falar desse centro ele diz ‘eu’, sendo esse ‘eu’ ou ego – a verdadeira parcela espiritual – o que o distingue do animal.

Este quarto elemento constituinte do ser é que daria a individualidade a cada ser humano. Neste contexto Lanz (1997, p. 28) define o ser humano como:

Criação e criador. Criado por forças exteriores a ele, libertou-se dessas forças criadoras, tornando-se autônomo e criador. Ele continua a obra da Criação; como pensador, filósofo ou artista, acrescenta ao mundo algo de novo. Sua liberdade está em oposição ao determinismo inelutável que domina os reinos inferiores.

Pode-se entender por isso que o ser humano será responsável pela continuação da vida na Terra. Assim, observa-se a carga de responsabilidade que

---

<sup>6</sup> Forças plasmadoras são as forças que tornam possível a formação de um ser vivo. São elas que dão origem à nossa organização física, emocional e psíquica (ZAUZA, 2009).

cada ser humano tem em relação à sua própria existência e a do próximo. Seguindo nesta linha de pensamento, pode-se entender a escola Waldorf como uma instituição repleta de condutores do futuro, capaz de formar e conscientizar seus alunos de suas responsabilidades e de mostrar-lhes as possíveis consequências de seus atos, sejam estes bons ou ruins (BACHEGA, 2009).

A Pedagogia Waldorf, foi criada em 1919, em Stuttgart na Alemanha e tem seus fundamentos básicos na Antroposofia, assim como a Eiritmia. Deste modo, ambas vêem o ser humano como um ser constituído de corpo, alma e espírito e no âmbito pedagógico suas metas serão sempre auxiliar o desenvolvimento harmônico destes três aspectos humanos (LANZ, 2003).

A educação Waldorf tem como um dos seus princípios mais importantes o desenvolvimento harmônico do pensar, sentir e querer no indivíduo. Steiner em muitas de suas conferências pedagógicas tratou sobre a polaridade entre o pensar e o querer, os quais o sentir se torna o elemento mediador.

O pensar está ligado à observação sensorial e ao conhecimento em geral, pressupõe um afastamento do indivíduo em relação ao objeto. A representação mental e o conceito exigem certa dose antipatia. Para observarmos algo com eficiência é preciso que o objeto esteja *“fora de nós”*, ele deve ter certa forma e uma imobilidade que facilite a nossa observação, deve ser algo perfeitamente definível, palpável, analisável, ou seja, algo *“morto”*, algo que seja passado.

Em contraste, o *“querer”* dirige-se ao futuro guiado pelo sentimento de simpatia, *“queremos ser unos com o nosso ato”*. Quando queremos algo nos projetamos para o futuro, que sempre é repleto de vida.

Entre essas polaridades vive o sentir, que está sempre relacionado com a vivência do presente. *“A verdadeira arte de educar deve consistir em o pensar permear o querer através do sentir”* (LANZ, 2003, p.92).

Na Pedagogia Waldorf a tarefa primordial do professor será encontrar situações de equilíbrio entre a polaridade dessas duas forças anímicas através do sentir. Em cada aula deve haver momentos de contração e expansão, de sono e vigília, contemplação e atividade, criando uma alternância de polaridades. Ritmos entre sentimentos e atividades opostas vivificam o ensino. Estas características devem ser expandidas até a grade curricular, em um horário escolar bem elaborado que pressuponha uma alternância sucessiva entre: o raciocínio, o sentimento e o fazer.

Entretanto, Rudolf Steiner expressa claramente a grande importância do desenvolvimento do querer para educação, uma vez que o querer significa o futuro, o vir-a-ser, o esforço para se alcançar uma meta: “Sem o desenvolvimento do querer não pode haver moral, nem ideais, nem interação social, nem progresso da humanidade” (LANZ, 2003, p.93). Segundo Steiner, o conhecimento, está sempre relacionado com o passado, ele nos capacita com dados e instrumentos e é capaz de disciplinar nossa vontade, mas o querer é o impulso humano essencialmente (LANZ, 2003).

A Pedagogia Waldorf deve estar voltada para educar o ser humano para a liberdade, para educar seu livre-arbítrio, sua vontade livre para que cada indivíduo impulsione a humanidade. Inserida no currículo da Pedagogia Waldorf do jardim de infância, na Educação Infantil, até o último ano do Ensino Médio, a Eurytmia, é única disciplina criada e fundamentada puramente nos princípios da Antroposofia, e será o principal enfoque desta pesquisa.

A Eurytmia é uma arte corporal que se propõe a expressar a alma humana através de movimentos utilizando a poesia e a música como elementos artísticos. Seu instrumento de expressão é o corpo humano e mais especificamente o movimento do corpo etérico (FROBÖSE; FROBÖSE, 2009).

Criada em 1912, por Rudolf Steiner, essa nova forma de dança vêm desenvolvendo seus movimentos sobre a linguagem poética, em verso ou prosa e sobre a música instrumental tocada ao vivo. Suas coreografias podem ser solísticas ou em grupo e tem em sua concepção o intuito de revelar um acontecimento plástico–musical: o desenrolar das forças atuantes na forma humana enquanto o corpo dança a poesia ou a música.

A Eurytmia se desenvolve no currículo da Pedagogia Waldorf, acompanhando as várias faixas etárias, atuando de forma significativa na formação do ser humano. Através de movimentos cheios de conteúdo anímico ela age no corpo físico harmonizando a relação deste com a vida anímico–espiritual. A corporalidade do ser humano se forma através do movimento, ou seja, a forma resulta do movimento e o movimento repousa na forma (RITCHER, 2002).

Baseada nas regras fonéticas e da versificação da linguagem, a Eurytmia torna ativo na alma humana a palavra falada. Por meio de movimentos cria a “*fala gestual*”, torna a “*linguagem visível*”. De todo “*gesto vocálico*” emana uma qualidade anímica de som e cores, de todo “*movimento consonantal*” emerge uma força

plasmadora. Outros elementos da fala também são utilizados pela Eurytmia, como: a métrica, as acentuações fonéticas, as rimas e aliterações criando o “*ritmo do movimento lingüístico*”, que vive na respiração do ser humano.

A partir das leis e proporções da teoria musical a Eurytmia Tonal estabelece diversas relações entre a música e a estrutura corporal humana, e na aprendizagem do seu próprio movimento o indivíduo, gradativamente, torna-se sensível ao movimento do outro e às especificidades musicais. Esses são alguns aspectos da atividade pedagógica da Eurytmia que serão descritos no decorrer desta pesquisa com maiores detalhes.

Em minha prática cotidiana percebi haver muitas possibilidades para observação da atuação dos aspectos curriculares da Eurytmia no desenvolvimento da criança e do adolescente em suas diversas fases da vida escolar. Optei por focar meu tema na relação dos elementos eurítmicos desenvolvidos e aplicados no 1º ano do Ensino Fundamental, (em crianças de 6 e 7 anos de idade) e as manifestações desses mesmos fundamentos na Eurytmia artística dos jovens do 12º ano do Ensino Médio, (entre 18 e 19 anos de idade).

Vale ainda acrescentar que tal estudo pode servir como objeto teórico de embasamento para ressaltar a importância da prática pedagógica da Eurytmia em todos os anos escolares, assim como foi previsto na concepção do primeiro currículo da Pedagogia Waldorf. Além disso, também se faz relevante por tratar de temas pouco conhecidos no mundo acadêmico, como: a Antroposofia, a Pedagogia Waldorf e a Eurytmia, por trazer à tona importantes elementos da atuação da Eurytmia no desenvolvimento do indivíduo em suas diversas fases de aprendizagem e maturidade e por se preocupar com questões referentes ao desenvolvimento sadio do ser humano.

Acredito que este trabalho possa contribuir para o panorama da Arteterapia, por refletir sobre questões pertinentes à expressão artística e pedagógica por meio da Eurytmia, que tem como pressuposto de sua existência a visão de ser humano integral (corpo, alma e espírito) e sua expressão harmônica na sociedade.

Para tanto, pretendo desenvolver o presente estudo realizando uma pesquisa teórica sobre: a Antroposofia e seu fundador, o filósofo Rudolf Steiner, a Pedagogia Waldorf, a arte da Eurytmia, o desenvolvimento da Eurytmia no currículo da Pedagogia Waldorf e a relação dos elementos eurítmicos ensinados em diferentes faixas etárias, ordenando-os nos seguintes capítulos.

No capítulo 1, descreverei a biografia de Rudolf Steiner e suas obras e ideias mais relevantes. Também será descrita a visão geral da Antroposofia e a visão do ser humano “*Tetramembrado*”. No capítulo 2, o tema será a Pedagogia Waldorf e seus fundamentos desde sua criação até os dias atuais. Também será abordada a expansão desta pedagogia e a inauguração da 1° escola Waldorf no Brasil. O capítulo 3 tratará do nascimento da Eurytmia, seus campos de atuação e seus principais elementos na prática pedagógica.

No capítulo 4, será feita a descrição dos aspectos gerais do currículo da Pedagogia Waldorf, mais especificamente a descrição do percurso da Eurytmia nos diversos anos escolares. Também será preciso identificar os elementos eurítmicos aplicados em cada fase de desenvolvimento da criança e do adolescente e suas possíveis relações com a expressão artística da Eurytmia no indivíduo ao término da sua vida escolar.

Por último, no capítulo 5 descreverei a metodologia de pesquisa utilizada nesta monografia de conclusão de curso, por fim tentarei construir um diálogo entre os conceitos e aspectos teóricos abordados nos capítulos anteriores e a minha prática docente como professora de Eurytmia na EWRS. Intenciono tecer minhas considerações finais sobre a relação, que acredito existir, entre os elementos pedagógicos da Eurytmia ministrados para crianças do 1° ano do E. F. e a expressão artística dos movimentos eurítmicos e a formação integral como indivíduos autônomos dos jovens ao término do 12° ano escolar no E. M.

## 1 RUDOLF STEINER SEU TEMPO E SUA OBRA

*“A natureza faz do homem um ser natural;  
A sociedade faz dele um ser social,  
Somente o homem é capaz de fazer de si um ser livre.”.*  
Rudolf Steiner

Rudolf Steiner nasceu em 7 de fevereiro de 1861, na aldeia austríaca de Donji Kraljevec, na região de Medjimurje, situada na atual Croácia, entre a Hungria e a Slovênia. Seus pais vieram da Áustria e foi lá que ele passou a sua infância e juventude. Foi o primeiro filho do ferroviário Johan e viveu nesta cidade até um ano e meio de idade (LANZ, 1997).

Figura 1 – Rudolf Steiner



Fonte: <http://alicesteiner.nt.edu.au/philosophy/rudolf-steiner/>

A família, de condições modestas e com mais um casal de filhos, morava no edifício da estação de trens, onde Steiner pode conviver com a natureza e a tecnologia da época. Seu pai, por força da profissão, fora transferido diversas vezes, mas os locais onde moravam eram sempre cercados de natureza.

Desde sua infância experimentou manifestações de clarividência. De forma curiosa, era em particular no seu encontro com a matemática e a geometria que muitas vezes ele experienciava este dom. Para integrá-lo, mantendo a lucidez, julgou necessário ter uma visão concreta da realidade e para isso entregou-se aos estudos exatamente da matemática, mas também das ciências naturais e da filosofia.

Realizou o ginásio e o colégio em *Wiener-Neustadt*, próximo a Viena. Aproximadamente aos quatorze anos, deparou-se com a obra filosófica de Kant “*A Crítica da Razão Pura*”, estudou-a profundamente sem deixar seus estudos pela matemática e pelas ciências naturais. Neste período também costumava exercer a atividade de professor particular, muitas vezes para seus próprios colegas de classe, especialmente em matemática e ciências.

Graduou-se no Liceu com nota exemplar aos dezoito anos e então se matriculou na Escola Politécnica de Viena, *Wiener Technische Hochschule* (1879–1883), aconselhado por seu pai. Entre o término no Liceu e o começo na Escola Politécnica, Steiner prosseguiu seus estudos sobre filosofia completando sua leitura sobre Kant e partindo para Fichte, Hegel e Schelling, buscando efetuar uma ponte dentre os domínios supranatural e natural. Contudo, Steiner ainda mantinha em segredo seu dom de clarividência (EMANUEL, 2002).

Todo seu trabalho consistiu em transpor suas descobertas e experiências pessoais do mundo supra-sensível para o pensamento lógico de sua época. Sua maior preocupação era evitar traços de misticismo e reações céticas por parte da comunidade científica tão em evidência nos tempos modernos. Sua obra abrangeu diversos campos de conhecimento: sociedade, ciências e também as artes.

Propôs-se uma rigorosa educação do pensar fundamentada fortemente na lógica, instigado por seu espírito científico intransigente, pois para ele este seria o meio essencial para compreensão dos fenômenos. E é por este motivo que Steiner fez uso do termo da Antroposofia (antropos = homem; sofia = sabedoria) para nomear o extenso cabedal de conhecimentos da sua obra, descrevendo-a como uma ciência do espírito “*Geisteswissenschaft*” (NOGUEIRA, 2003).

Em sua longa atuação, podem-se destacar algumas situações marcantes, como: ter sido editor das obras científicas de Goethe para a edição “*Deutsche National Literatur*” de J.Kürschner (1882-1897); foi professor particular dos 4 filhos de uma família de Viena, sendo que uma das crianças sofria de hidrocefalia, mal sabendo ler. Steiner conseguiu ajudá-lo a ponto dele terminar seus estudos, ingressar e formar-se médico, tendo morrido na 1ª Guerra Mundial.

Em 1888, foi editor da revista alemã “*Deutsche Wochenschrift*”, em Viena. Entre 1890/97 tornou-se colaborador do Arquivo Schiller-Goethe em Weimar trabalhando na edição das obras científicas de Goethe. A partir de então, Steiner passou a fundamentar todos os seus estudos no método científico-fenomenológico

de Goethe, que chamou de “*goetheanismo*”. Essa abordagem contempla todo acontecimento como processo vivo, pois obedece aos paradigmas da vida.

Deste ponto, é que foi dada a partida para seu vôo solo sendo autor e editor do prólogo da primeira edição das Obras Científicas Completas de Goethe. Fez seu doutorado em Filosofia na Universidade de Rostock, Alemanha, em 1891 e publicou a tese ampliada: **Verdade e Ciência** – Prelúdio para “*A Filosofia da Liberdade*”, que viria a ser sua obra mais importante, publicada em 1894 a partir de suas correspondências com Haeckel (<http://www.sab.org.br/edit/nocoes/> *Nocões Básicas de Antroposofia*. Acesso em: agosto, 2014).

Inicialmente nesta obra, Steiner dividiu o problema da liberdade em dois tipos de liberdade: a “*liberdade do pensar*” ou “*interior*” que é alcançada quando conseguimos criar uma ponte entre a nossa percepção, que se refere à aparência externa do mundo e a nossa cognição, que nos dá acesso à estrutura interior do mundo. E a “*liberdade da ação*” ou “*exterior*” que surge quando criamos uma relação entre nossos ideais e os limites da realidade externa, deixando que nossas tarefas cotidianas inspirem-se pelo que ele denomina de “*fantasia moral*”. Para o autor estes dois tipos de liberdade, a do “*pensar*” e a da “*ação*”, são consideradas complementares e somente quando estão unidas é que podemos alcançar a verdadeira liberdade.

Nesse período em que residiu em Weimar, de 1890 a 1897, publicou obras que aprofundaram sua visão “*goethianística*”. São elas: “*Linhas básicas para uma teoria do conhecimento na cosmovisão de Goethe*”, “*A Cosmovisão de Goethe*” e “*Arte e estética*”.

Se “*A Educação Estética do Homem*”, proposta por Schiller, ajudou Steiner a encontrar o caminho que liga a arte ao conhecimento humano, a visão “*goethianística*” consolidou-o. Como será descrito mais adiante, o papel da arte na metodologia utilizada pelo professor Waldorf é melhor compreendida quando se aprofunda o entendimento sobre Rudolf Steiner e sua busca de um caminho cognitivo percorrido pelo ser humano que indague qual o seu papel no mundo. Segundo suas crenças espirituais, há uma relação estreita entre ciência, arte e religião com a moralidade e o conhecimento adquirido pelo ser humano (ROMANELLI, 2014).

A visão de mundo de Steiner foi fortemente influenciada pelo idealismo alemão e, especialmente por Goethe, como grande representante do imaginário

germânico. Por meio deste autor, Steiner formulou sua visão de mundo resignificando a posição que a imaginação e a criatividade artística ocupavam antes que ocorresse a ruptura entre estes conhecimentos na concepção vigente sobre a atividade cognitiva do ser humano (ROMANELLI, 2014).

Segundo ele, a arte ocupa uma posição de destaque neste desenvolvimento, justificando o fato da Pedagogia Waldorf ser profundamente calcada na atividade e na visão artística do professor. Imaginação, inspiração e intuição são as ferramentas básicas, para que a atuação desse professor alcance os objetivos propostos por Steiner. É a *visão “goethenística”*, ou o *“método científico de Goethe”* que auxiliam o professor Waldorf em sua compreensão do mundo através deste instrumental. Dessa forma, é possível se romper com a lógica binária aristotélica, estabelecendo o terceiro termo que equilibra o homem racional e o homem sensível da concepção schilleriana: o homem lúdico (ROMANELLI, 2014).

Todo esse caminho de formação nas Ciências Exatas, depois seu doutoramento em Filosofia e Letras e seus sucessivos trabalhos e estudos nos arquivos Goethe-Schiller lhe deu a oportunidade de desenvolver pesquisas com a obra desses autores e profusa atividade literária filosófica (MATWIJSZYN, 2003).

Ao buscar articulações entre o mundo interior e o mundo exterior concreto, segundo Meyer, (apud PASSERINI, 1998), Steiner aprofundou mais seus estudos sobre Goethe, percebendo nas suas ideias, indícios do método: *“trazer consigo, no rumo do espírito, toda a plenitude do mundo”*.

Sobre Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), vale aqui ressaltar que este tem obras literárias de valor, tais como: *“O Sofrimento do Jovem Wether”* e *“Fausto”*, sendo que esta última o consagrou como um dos maiores poetas e dramaturgos de todos os tempos. Além de ser romancista e poeta, Goethe também foi um grande cientista e atuou em vários campos como: a geologia, mineralogia, botânica e zoologia. Ele via a natureza orgânica viva como uma totalidade que estava diretamente ligada ao mundo espiritual não sendo apenas julgada como matéria em movimento.

Seus estudos apontavam para dois conceitos básicos: o *“Arquétipo”* e a *“Metamorfose”*. Segundo ele os *“Arquétipos”* são universais e ligados à natureza e a *“Metamorfose”* são os princípios espirituais desses *“Arquétipos”* que produzem as várias formas individuais encontradas no mundo (EMANUEL, 2002). Este olhar e pensamento de Goethe é que vão conduzir os fundamentos de toda a obra de

pesquisa de Rudolf Steiner nos seus mais diversos campos de atuação.

Depois Steiner se mudou para Berlim em 1897, onde foi editor até 1900 da Revista de Literatura “*Magazin für Literatur*”, em que se coloca decisivamente contra o anti-semitismo, e da Folha Teatral “*Dramaturgische Blätter*”, com O.E.Hartleben. Também assumiu atividades na Sociedade Dramatical Livre “*Freie dramatischen Gesellschaft*”, na Liga Giordano Bruno, e em outras. De 1899 a 1904 tornou-se professor na Escola de Formação para Trabalhadores “*Arbeiter-Bildungsschule*” de Berlim, fundada por W. Liebeknecht.

Após alguns anos em Berlim, dedicou-se a atividade de conferencista e escritor com a finalidade de divulgar os resultados de sua pesquisa científico-espiritual, na Sociedade Teosófica e mais tarde na Sociedade Antroposófica (1913), esta última fundada por ele tendo como constante colaboradora Marie von Sievers, com quem se casaria em 1914, passando a se chamar Marie Steiner (EMANUEL, 2002).

Figura 2 – Marie Steiner



Fonte: <http://users.telenet.be/antroposofie/diabasis/b39a.htm>

Marie Steiner (1867–1948) nascida em família aristocrática na cidade de

Wloclawek na Polônia (neste período parte da Rússia), era bem educada e falava fluentemente diversas línguas como: russo, alemão, inglês, francês e italiano. Ela estudou teatro e recitação com diversos professores europeus. Foi a segunda esposa de Rudolf Steiner e um de seus colegas mais próximos em seus estudos e pesquisas. Ela fez grandes contribuições para o desenvolvimento da Antroposofia, em especial no âmbito dos espetáculos artísticos de Eurytmia, Arte da Fala e Drama, além de colaborar imensamente na edição e publicação da obra literária de Steiner.

Marie dirigiu e tutorou o desenvolvimento de duas escolas de Eurytmia fundadas uma em Berlim e outra em Dornach, na Suíça. Com sua formação em recitação e drama ela realizou um profundo estudo sobre a Fala artística. Ela apresentou vários recitais de poesias nas palestras proferidas por Steiner e o assessorou na elaboração e performance dos quatro “*Dramas de Mistérios*”<sup>7</sup> (<http://www.rsarchive.org/> Acesso em: agosto, 2014).

Durante algum tempo, Rudolf Steiner foi membro da Sociedade Teosófica<sup>8</sup> da qual se afastou por discordar de algumas afirmações dos teósofos da época. Na 2ª década do século XX, com os problemas gerados pela Revolução Industrial, como: a mecanização da produção, a produção em massa, as tecnologias de mídia de massa, o nacionalismo, o materialismo, o consumismo e muitos outros, além da culminação da 1ª Guerra Mundial, Steiner se viu abordado por diversos profissionais que lhe solicitavam contribuições para a renovação de suas profissões e, este então passou a atuar em muitos campos como um “*renovador da cultura*”.

Solicitado por diversos médicos de seu tempo, Steiner se dedica a importante pesquisa na área médica com intuito de propor uma medicina renovada, ampliada por conhecimentos profundos da essência da vida, conforme os conteúdos dos estudos de Goethe, já citados anteriormente.

Desta maneira, ele adentrou o mundo desta prática, buscando ampliar os conhecimentos da medicina acadêmica com a compreensão e o tratamento do ser humano a partir das considerações de sua relação com a natureza, com sua vida emocional e com sua individualidade.

A medicina antroposófica se tornou uma abordagem complementar à

---

7 Dramas de Mistérios foram quatro obras literárias escritas por Rudolf Steiner entre 1910 – 1913 sobre a busca e a descoberta de uma realidade supra-sensível, bem como da relação do homem e as influências destas no traçado da sua própria vida.

8 A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, em 1875 por um pequeno grupo de pessoas liderados pela russa Sra. Helena Petrovna Blavatsky e o cel. Henry Steel Olcott.

medicina convencional, pois ela integra as teorias e práticas da medicina moderna com os tratamentos homeopáticos, terapias físicas e arteterapia e aconselhamento. A abordagem médica, neste contexto, tem o seu fundamento em um entendimento espiritual-científico do ser humano que considera bem-estar e doença como eventos ligados ao corpo humano, mente e espírito do indivíduo.

Utiliza-se de uma abordagem holística, a “*salutogenesis*” que enfoca os fatores que sustentam a saúde humana através do reforço da fisiologia do paciente e da individualidade, ao invés de apenas tratar os fatores que causam a doença. A auto-determinação, autonomia e dignidade dos doentes é um tema central; terapias são utilizadas com o intuito de aumentar as capacidades de auto-cura de cada paciente.

Evidentemente junto a este movimento surgiu toda uma nova farmacologia, capaz de corresponder a esses novos fundamentos e tratamentos descobertos pela Medicina Antroposófica. Surgiram então indicações para a elaboração de medicamentos a partir de uma nova compreensão das plantas, dos metais, enfim das substâncias a serem empregadas em sua confecção.

Artistas em geral trabalharam com Steiner no intuito de desenvolver uma nova maneira de lidar com sua arte, que não fosse nem intelectual ou abstrata, nem tampouco meramente intuitiva. Uma atividade fundamentada na vida, “no reconhecimento contemplativo da coerência dos processos, segundo a visão goetheanista” (NOGUEIRA, 2003, p.41).

Neste primeiro quarto do século vinte, Rudolf Steiner ofereceu alguns estudos sobre a origem e o significado espiritual da arte. Ele articulou e demonstrou sobre a capacidade transformadora da arte praticada como experiência espiritual. Quando Steiner palestrava sobre arte ele sempre enfatizava que em geral a arte poderia atuar na restauração das capacidades para atividades espirituais. Ele sentia que estas capacidades estavam enfraquecidas durante aqueles tempos (1° Guerra Mundial) (NOGUEIRA, 2003).

Em sua vida Steiner não desejava se tornar um artista e tão pouco ele estudou ou praticou uma arte em particular. No entanto, ele criou vários trabalhos artísticos, como por exemplo, o prédio do “*Goetheanum*”, em Dornach, Suíça, que foi todo esculpido em madeira. O trabalho artístico de Steiner foi produto do seu grande esforço de tornar o mundo espiritual visível.

Figura 3 – Primeiro Goetheanum



Fonte: <http://openbuildings.com/buildings/goetheanum-profile-8812/media>

O acesso de Steiner ao mundo espiritual (através de sua clarividência inata e adquirida) possibilitou a ele trabalhar com as cores, formas, sons e palavras de uma maneira em que as qualidades espirituais se tornassem não só visíveis como tangíveis. Assim como, Michelangelo foi capaz de libertar a forma de Maria (mãe de Jesus) e seu filho crucificado de uma pedra de mármore disforme, também Steiner era capaz de ver e ajudar os artistas a liberarem as realidades espirituais da matéria.

Em contraste com a consciência do mundo moderno ocidental caracterizado pelo materialismo e pela incapacidade de conhecer realidades espirituais, Steiner afirma que para qualquer pessoa o caminho de desenvolvimento espiritual mais promissor de resultados positivos era a prática espiritual da arte.

O principal objetivo de suas palestras sobre a arte era mostrar vários modos de transformar a atividades artísticas profanas em uma atividade espiritual. Para ele a arte poderia ser um meio capaz de relacionar a essência espiritual do indivíduo com a essência do universo (HOWARD, 1998).

A visão de Steiner sobre a missão da arte como atividade espiritual é descrita por ele da seguinte forma:

a atividade espiritual intrínseca a arte é como a descrição de um viajante sobre sua viagem a uma terra estrangeira. Ela possivelmente inspirará outros a irem visitar esses lindos lugares. Mais como cada um chegará lá e o que cada um irá experienciar este novo lugar é único para cada indivíduo em particular (HOWARD, 1998, p.5).

As visões de Steiner nos desafiam não somente a assimilar um corpo de novas ideias, mas também de desenvolver novos órgãos de percepção que eventualmente nos levarão além dos limites das realidades que já nos são familiar.

Segundo Howard (1998), Steiner nos desafiou a desenvolver novas capacidades, que no momento nós sequer imaginamos, mas que serão críticas para nossa evolução como indivíduos e como humanidade.

Então em 1912, nasceu neste contexto, a Eurytmia e a Arte da Fala como tentativa de resposta a questões estéticas e filosóficas, presentes na consciência humana em plena modernidade. Steiner acreditava que Eurytmia teria o potencial de vir a ser um instrumento particular de comunicação para o ser humano, capaz de abrir um canal para a compreensão de aspectos suprasensíveis<sup>9</sup> revelados pelos fenômenos humanos.

A Eurytmia foi desenvolvida por ele apoiada nos princípios das forças criativas existentes na natureza como: o ritmo, a harmonia e a proporção. Estes princípios são ativados na natureza pelo movimento circular dos planetas, pelo ritmo das marés, nos ciclos de crescimento das plantas e etc. No reino animal também se pode observar a harmonia da perfeição das formas, cores e movimentos de cada espécie de acordo com seu habitat (STOEHR, 1993).

Figura 4 – Primeiras Eurytmistas



Fonte: <http://sztmszc.hu/node/456>

---

<sup>9</sup> Suprasensíveis que é superior à ação dos sentidos, que não é captado pelos sentidos

Esses elementos fazem parte da constituição corporal dos seres humanos. A estes ainda se pode acrescentar a dinâmica da vida interior dos sentimentos, pensamentos, intenções e a capacidade da fala e do canto. É essa força criativa existente em todos os seres vivos que é a substância fundamental da Eurytmia, revelada e expressa pelo ser humano, particularmente, por meio da linguagem e da música (STOEHR, 1993).

O movimento eurítmico vai além da imitação dos sons e gestos da natureza. Em Eurytmia as forças criativas da imaginação são despertadas, e o corpo e a mente são absolutamente unidos e imersos através de seus movimentos nas qualidades da natureza (STOEHR, 1993).

Figura 5 – Eurytmia Artística – Eurythmy Spring Valley Esemble



Fonte: <http://www.eurythmy.org/>

Em Eurytmia devem-se explorar as qualidades da terra ou da água, o fluir das notas agudas e graves, as polaridades das linhas curvas e retas de forma verdadeira e completa. É preciso permitir o corpo e a consciência serem permeados pelo som da fala ou da música, pelas cores, pelos sentimentos até que seus gestos e o espaço ao redor estejam preenchidos dessas qualidades (STOEHR, 1993).

Assim como outras artes do movimento, a Eurytmia também se utiliza de técnica em sua prática. Sua técnica baseia-se nos mesmos princípios de criação utilizados pelos compositores e poetas. Por fim, pode-se dizer que no movimento criativo da Eurytmia, o indivíduo “fala” e “canta” com seu ser inteiro. Então, o ser humano ativamente unido com elementos artísticos objetivos é capaz de redescobrir

as leis harmônicas que regeram sua própria criação (STOEHR, 1993).

Para além dos efeitos benéficos de coordenação, concentração e apoio à postura, a Eurytmia ajuda o ser humano a desenvolver-se em equilíbrio e harmonia. Fortalece as iniciativas da vontade. Vivifica as forças vitais. E no âmbito da educação, também apóia outras matérias ensinadas na escola.

Figura 6 – Eurytmia Pedagógica



Fonte: <http://www.milkwood.nt.edu.au/our-school/music/eurythmy/>

Mais adiante, Steiner adentrou o âmbito terapêutico com o intuito de estabelecer terapias que fossem complementares e condizentes a prática da Medicina Antroposófica, já abordada anteriormente. Para isso, ele criou a Massagem Rítmica, a Eurytmia Curativa ou Terapêutica, a pintura e a escultura como práticas terapêuticas (NOGUEIRA, 2003).

A Eurytmia como prática terapêutica é complementar ao tratamento médico. Na Eurytmia Terapêutica os movimentos das leis interiores do som e do tom se transformam de tal maneira que são capazes de atuar na saúde dos indivíduos. É possível estimular e harmonizar o funcionamento físico, emocional e espiritual do ser humano através dos movimentos corporais de sons, ritmos e formas da Eurytmia.

Pelo seu efeito abrangente, a Eurytmia Terapêutica pode ser utilizada em diferentes tipos de patologias: orgânicas, neurológicas, posturais, musculares e psiquiátricas, tais como disfunção de um órgão, depressão, stress, tensões musculares (dores nas costas), reumatismo, artrite, enxaquecas. É utilizada também em pediatria: em distúrbios de desenvolvimento da motricidade, dificuldades de

aprendizagem, de concentração e de orientação espacial, enureses noturnas, crianças hipercinéticas, correção da postura, distúrbios do sono, etc.

Figura 7 – Euritmia Terapêutica



Fonte: <http://www.medsektion-goetheanum.org/es/formacion/euritmia-curativa/>

Em 1919, em Stuttgart, na Alemanha, a pedido de Emilt Molt, dono da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, Steiner proferiu palestras aos funcionários sobre os conceitos da “*Trimembração Social*” que se baseiam nos fundamentos da Igualdade, Fraternidade e Liberdade. Desses encontros nasceu o convite para que ele fundasse uma escola para as crianças desses trabalhadores (MATWIJSZYN, 2003).

Steiner então deu as diretrizes para a criação de uma escola que atendesse aos filhos dos funcionários desta fábrica. Unido a um grupo de professores experientes elaborou com estes um plano de ensino que visava à transformação da sociedade através das crianças baseando-se nos conceitos da “*Trimembração Social*” de Igualdade, Fraternidade e Liberdade, e assim foi criada a primeira escola Waldorf que deu origem ao desenvolvimento da Pedagogia Waldorf (EMANUEL, 2002).

Ao aceitar esta tarefa desafiadora Steiner colocou quatro condições: que a escola fosse aberta a todas as crianças cujos pais se interessassem pelo seu sistema educativo; que fosse co-educacional – unificada, com um currículo paralelo ao oficial, totalizando 12 anos para o ensino fundamental (enriquecido, portanto); que os professores fossem também os dirigentes e administradores da escola; que ela fosse sem fins lucrativos e que o governo exercesse o mínimo de interferência (MATWIJSZYN, 2003).

Figura 8 – Primeira Escola Waldorf em Stuttgart



Fonte: <http://www.fourwindswaldorf.org/pages/about/history.html>

O industrial responsável pela Waldorf-Astoria, Emil Molt, aceitou as condições colocadas por Rudolf Steiner e, em 7 de setembro de 1919, foi aberta a Escola Waldorf Livre. “Livre” porque foi concebida para receber todas as crianças, abrangendo todas as convicções religiosas, uma vez que não se professaria nenhum *credo* específico. A necessária presença da religiosidade no ensino, segundo a visão de Steiner, seria contemplada pela abordagem ética moral, de respeito ao outro e reverência à natureza, através de princípios cristãos gerais, sem dogmas e sectarismos, como se dá nas Escolas Waldorf até hoje (MATWIJSZYN, 2003).

Figura 9 – Fábrica de cigarros Waldorf Astoria



Fonte: <http://stampsnthings.blogspot.com.br/2009/11/waldorf-astoria-cigarettes.html>

Diante da iminência da 1ª Guerra Mundial Steiner envolveu-se na política e fundou um movimento de jovens contra a guerra, que pretendia lançar as bases para

uma nova sociedade. A qual ele denominou de “*Trimembração do Organismo Social*”, baseado na compreensão de Goethe dos organismos vivos salutares, em que cada estrutura social deve obedecer às regras da vida e que a sociedade deve ser compreendida como um organismo. Nesta concepção de sociedade também se fundamentavam os três aspectos da Revolução Francesa, Igualdade, Fraternidade e Liberdade (NOGUEIRA, 2003).

Em 1921, Hitler acusou Rudolf Steiner de ser um perturbador da ordem social. Ameaçado, deixou de falar em público sobre a “*Trimembração Social*”, mas suas reflexões sobre o assunto continuaram e se fundamentaram em todas as instituições que se apóiam em sua obra.

Na noite da passagem para o ano de 1923 o “*Goetheanum*” (edificação em madeira construída por Steiner) foi incendiado criminosamente. Em 1923, ele deu início ao projeto e confecção de modelos para o 2º *Goetheanum*, que iria ser reconstruído depois de sua morte, desta vez em concreto aparente.

Figura 10 – Segundo Goetheanum



Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Goetheanum\\_Westen.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Goetheanum_Westen.jpg)

Durante todo esse ano Steiner viu-se envolvido e empenhado na tarefa de reerguer o novo prédio do “*Goetheanum*” e ao mesmo tempo despertar a Sociedade Antroposófica do sono e do marasmo em que esta se encontrava, além de tentar

resolver os problemas gerados pela má administração de várias firmas. Finalmente, no Congresso de Natal, fundou a nova Sociedade Antroposófica Geral "*Allgemeine Anthroposophische Gesellschaft*", em Dornach, sob sua direção. A partir de então, a Sociedade Antroposófica passa a ter como núcleo a "*Escola Superior Livre de Ciências Espirituais*", de onde foram escolhidos todos os membros da nova diretoria e várias filiais territoriais são criadas em diversos países.

Em 1924, contribuiu também no âmbito do desenvolvimento agrícola com distintas indicações para o cultivo das plantas, trato com o clima, o tratamento do solo e o cuidado com os animais. Destas indicações ele proferiu um curso que foi lecionado em Koberwitz, surgindo então, os preceitos da Agricultura Biodinâmica.

O impulso da Agricultura Biodinâmica tem por objetivo à renovação do manejo agrícola, a sanação do meio ambiente e a produção de alimentos realmente condignos ao ser humano. Esse impulso tem a intenção de devolver à agricultura sua força original criadora e fomentadora da cultura e da sociedade, força que ela perdeu no caminho da industrialização direcionada à monocultura e à criação em massa de animais fora de seu ambiente natural. Seu foco central é o ser humano que deveria concluir a criação a partir de suas intenções espirituais baseadas em um verdadeiro entendimento da natureza (<http://www.wikipedia.org/> Acesso em agosto, 2014)

Durante estes anos, Steiner sofreu um envenenamento e adoeceu gravemente, vindo a falecer em 30 de março de 1925, em Dornach. Toda sua obra foi publicada, incluindo seus livros e cerca de 6.000 palestras, compreendendo mais de 350 volumes (NOGUEIRA, 2003).

Steiner trabalhou para construir uma teoria do conhecimento que deu origem a uma nova antropologia, que considera o ser humano de forma integral e articulada em suas dimensões biológica, social, histórica, cultural, planetária e espiritual.

A Antroposofia, elaborada por ele e ampliada por estudiosos nos cinco continentes, significa "*sabedoria a respeito do homem*" e suas relações com o universo. Esta tem como objetivo responder aos anseios e às perguntas mais profundas do ser humano sem negar a matéria e a lógica científica, reconhecendo a existência de realidades transcendentais onde o este pode ser entendido como uma síntese do universo.

Sua época foi a do fascínio pelas ciências materialistas, daí ter essa concepção provocado polêmicas. Mas, hoje, seu pensamento corresponde às

buscas de perspectivas para as questões da existência, embora não tenha sido seu intuito dar soluções prontas, mas sim, apontar ao ser humano seu elo perdido com o cosmos.

No prefácio de sua biografia, os editores desta obra (o livro “*Rudolf Steiner*”, HEMLEBEM, 1989), que Steiner escreveu sua autobiografia, de próprio punho, nos últimos anos de sua vida, quando enfermo no leito; mas, não gostava de falar de si mesmo. Foi muito comedido nas descrições de cunho pessoal, revelando-as apenas quando também traziam componentes de ordem espiritual, que justificassem, aos seus olhos, a sua publicação.

Considerando o ser humano como um microcosmo inserido em um macrocosmo, Steiner aspirava que este se reconhecesse como cidadão do universo, em seu caminho de desenvolvimento individual. Em sua perspectiva de respostas para as questões existenciais, ele postulou uma realidade de ser humano e de universo não apenas físico, mas transcendente e ideacional (MATWIJSZYN, 2003).

### 1.1 A visão da Antroposofia

Em todo seu trabalho Steiner deposita grande responsabilidade sobre o ser humano, remetendo à necessidade da autoeducação<sup>10</sup>. Para isso deixou inúmeras contribuições como meditações, mantras, pensamentos, máximas, sempre condizentes com uma visão de mundo e de ser humano integrado que aprendeu com os trabalhos de Goethe e adequou à consciência moderna ocidental, compondo desse modo o corpo filosófico da Antroposofia (NOGUEIRA, 2003).

No website “*Four Hares*” há a citação de diversas outras obras onde o termo “*anthroposofia*” aparece: (<http://www.fourhares.com/anthroposophy/anthroposophia.html>. Acesso em: agosto, 2014).

1) O primeiro a utilizá-lo teria sido Cornelius Agrippa, em 1510;

2) Em 1650 Eugenius Philalethes publica o livro “*Anthroposophia Theomagica*”. Em 1804 Schelling publica o “*Würzburger System der gesamten Philosophie und der Naturphilosophie insbesondere*”, onde o termo também aparece.

3) Em 1828 o termo teria sido utilizado pela primeira vez por Troxler, em seu “*Naturlehre des menschlichen Erkennens, oder Metaphysik*”, onde Antroposofia se

---

<sup>10</sup> Autoeducação é a educação independente de normas pré-estabelecidas, que é realizada pelo próprio educando.

refere não exatamente a um conceito, mas a um ramo do conhecimento: “haverá um tempo ... quando a Antroposofia explicará ao espírito o fenômeno natural do reino espiritual no homem, assim como a física explica o arco-íris para os sentidos”. Para Troxler a Antroposofia seria “*a mais alta filosofia natural*”.

4) No livro “*Anthropologie, Die Lehre von der menschlichen Seele*”, de 1856, Immanuel H. Fichte é outro autor a utilizar o termo:

a real natureza do ser humano e a real fonte de sua consciência pertence ao mundo supersensível. Mas a consciência oriunda dos sentidos e o mundo fenomênico que aparece diante seus olhos, junto com toda a vida dos sentidos, não tem outra importância além de meramente ser o local onde a vida supersensível do espírito é encenada, por meio do conteúdo espiritual das idéias que é trazido para dentro do mundo das percepções sensíveis por meio de seu ato livre e consciente. ... O resultado final desta compreensão da natureza humana eleva a ‘antropologia’ a uma ‘antroposofia’. ... Assim, ao final, a antroposofia mesma só é capaz de encontrar sua conclusão final na teosofia (p. 609).

5) Em 1882 Robert Zimmermann publica “*Anthroposophie im Umriss. Entwurf eines Systems idealer Weltansicht auf realistischer Grundlage*” [Antroposofia: um esboço descritivo de uma visão de mundo idealista sobre uma fundamentação realista]. Steiner foi aluno de Zimmermann exatamente nesta época, aponta o website.

Sendo assim, a Antroposofia pode ser caracterizada como método, prática, filosofia e ciência, pois abarca um sistema abrangente que integra os conhecimentos do mundo espiritual e material, sendo assim conceituada por seu fundador (ANDRADE, 2013):

A Antroposofia é um caminho de conhecimento que deseja levar o espiritual da entidade humana para o espiritual do universo. Ela aparece no ser humano como uma necessidade do coração e do sentimento. Ela deve encontrar sua justificativa no fato de poder proporcionar a satisfação dessa necessidade. A Antroposofia só pode ser reconhecida por aqueles que nela encontram aquilo que buscam a partir da sua sensibilidade. Portanto, somente podem ser Antropósofos pessoas que sentem como uma necessidade de aceitar perguntas sobre a essência humana e do universo, assim como se sente fome e sede (STEINER, 1924, GA 26).

Ela pode ser considerada uma via de conhecimento capaz de dar respostas comprobatórias sobre o relacionamento do ser humano com o seu mundo. Vê este ser humano como centro de seu estudo e busca respostas às suas necessidades com base científica, cultural, artística e religiosa que devem ser vividas na prática

(EMANUEL, 2002).

A Antroposofia procura responder às perguntas mais profundas do homem por meio da razão, porém sem negar-lhe os anseios espirituais. Possibilita novas perspectivas ao ser humano na ampliação de suas faculdades mentais, elevando sua percepção e seu pensar a outras dimensões. Considerando o homem uma síntese de todo o Universo, postula a existência de uma realidade não-física ou espiritual do ser humano e do Universo, dimensão que permeia e transcende a física (PASSERINI, 2004, p.31).

Tal definição evidencia o valor dado pela Antroposofia ao aspecto espiritual. Como já dito antes, os estudos superiores de Steiner foram realizados na Filosofia, na Matemática e nas Ciências Naturais, mas sua abertura aos conhecimentos espirituais se deu por meio do estudo aprofundado das obras científicas do pensador alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que desenvolveu o método *“trazer consigo, no rumo do espírito, toda a plenitude do mundo”* (PASSERINI, 2004). Com isso, Goethe buscou transcender o físico ao relacionar o conhecimento acerca das forças vitais com o processo de desenvolvimento do organismo (ANDRADE, 2013).

Segundo a Antroposofia, o ser humano não é só físico, biológico e espírito, mas sim, a união de todas estas dimensões, sendo assim, pode-se dizer que o desenvolvimento deste é *“trimembrado”*, articula as dimensões biológica, psicológica e espiritual, como se pode perceber nas palavras de Steiner (2000):

A pesquisa Antroposófica visa, de antemão, a captar o ser humano em seu todo, conforme sua essência corpórea, anímica e espiritual. Ela visa, por assim dizer, a compreender o homem não por meio de observação interna, abstrata e morta, mas sim mediante uma observação que seja viva, que também possa, por meio de conceitos vivos, acompanharem o homem e compreendê-lo em sua entidade formada de espírito, alma e corpo e em plena vitalidade (p.34)

A relação do ser humano com a Antroposofia deve se dar para além da teoria e dos estudos dos textos de Rudolf Steiner. Ela é uma filosofia, contudo, a parte teórica deve refletir em uma prática diária, cuja presença pode se fazer, por exemplo, quando recitamos os versos:

*Eu contemplo o mundo  
Onde o Sol reluz  
Onde as estrelas brilham  
Onde as pedras dormem  
Onde as plantas vivem e vivendo crescem*

*Onde os bichos sentem e sentindo vivem  
 Onde já o homem tendo em si a alma abrigou o espírito  
 Eu contemplo a alma que reside em mim  
 O divino espírito age dentro dela, assim como atua sob a luz do Sol  
 Ele paira lá fora na amplidão do espaço  
 E nas profundezas da alma também  
 A ti suplico, ó divino espírito  
 Que bênçãos e forças para o aprender e para o trabalhar  
 Cresçam dentro de mim.*

Rudolf Steiner

O poema acima costuma ser recitado pelos alunos das escolas Waldorf, no início das aulas. Lá a Antroposofia não é teorizada para as crianças, mas está presente nestes versos, que explicita suas principais ideias sobre o corpo físico, “etérico”, “astral” e sobre o “Eu”, além da integração entre todos os seres do Universo. As pedras, constituídas apenas de um corpo físico; as plantas formadas de um corpo físico e um impulso vital, que é o “*corpo etérico*”; os animais, capazes de sentir, por possuir uma alma coletiva, ou seja, um “*corpo astral*”; e, finalmente, o homem, com seu corpo físico, “etérico”, “astral” e “eu”, que o individualiza e o torna eterno.

A Antroposofia deve fazer parte do cotidiano do ser humano, como uma vivência que inclua o respeito e a gratidão pela natureza, pelos animais. Mas, sobretudo, deve-se cultivar o desenvolvimento diário de um olhar para com o mundo exterior onde se busque captar como a percepção deste mundo age em nosso interior, promovendo a constante transformação individual e a consciência de uma responsabilidade com o devir (KAWAMURA, 2012).

Para o estudioso Rudolf Lanz (1988, p. 14), a Antroposofia é um conhecimento espiritual, que procura transcender as lacunas deixadas pela ciência convencional, assim ele afirma que:

*A Antroposofia é ciência! Mas uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência “comum”. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete pelas suas descobertas. Sobretudo tem feito, em todos os domínios da vida prática, muitas contribuições e inovações concretas e positivas, verdadeira pedra-de-toque dos seus princípios; na medicina, na farmácia, na pedagogia, nas artes, nas ciências naturais e na agricultura.*

Dessa forma a Antroposofia pode ser encontrada nas mais variadas áreas como: medicina, administração de empresas, agricultura, farmácia, educação, arte

dentre outras, renovando as diversas áreas da atividade humana (KAWAMURA, 2012).

Como uma filosofia espiritual ela pode ser de suma importância na trajetória de vida do ser humano. Como visão espiritual, ela aponta para caminhos que nos guiam para a percepção e consciência de que cada ser humano tem uma missão para com a humanidade e que sua evolução também é parte de um projeto que não começa e nem termina nesse tempo, tampouco nesse espaço (KAWAMURA, 2012).

Ela se faz presente como uma prática tanto na vida quanto na morte, em uma busca por liberdade; liberdade esta que só é atingida pela consciência e pelo pensar. Uma vez que, pensar é o elo entre o ser humano e o Cosmo, estabelecendo assim uma realidade metafísica à qual todos pertencemos, nos conferindo a possibilidade de sermos livres. A partir dessa liberdade individual do pensar, que leva em conta os fenômenos naturais da existência, estabelecemos uma ligação indissolúvel com os processos imateriais que configuram a essência última do Universo (KAWAMURA, 2012).

Toda essa visão de ser humano e de mundo trazida pela Antroposofia é o local de nascimento e desenvolvimento da Eurytmia. É necessário um profundo embasamento em seus preceitos para se compreender o caminho de busca artística percorrido por seu fundador, Rudolf Steiner. Toda a filosofia de criação artística da Eurytmia se encontra totalmente fundamentada nos parâmetros de entendimento da Antroposofia acerca do ser humano e sua relação com o mundo que o rodeia.

Por isso, se torna imprescindível para o leitor esse mergulho na história de vida de Rudolf Steiner e no cabedal de pensamentos refletidos e desenvolvidos por ele.

## **1.2 A Tetramemoração do ser humano**

Será necessário fazer aqui uma introdução ao conceito de “*tetramemoração do ser humano*” utilizado por Steiner em sua obra para que mais adiante seja possível compreender a base da Eurytmia. Steiner apoiou-se no estudo do ser humano, que ele denominou Antropologia Geral (que deve ser compreendida, neste caso, como um estudo étnico-antropológico das comunidades e culturas), mas como uma visão do ser humano ampla em suas qualidades genéricas e básicas (NOGUEIRA, 2003).

Em seus estudos de Antropologia Geral (STEINER, 1995 e 2002), ele retomou a compreensão e a terminologia de antigas filosofias orientais assim como da antiga medicina grega e as adaptou ao pensamento contemporâneo ocidental, entendendo o ser humano como um ser composto de quatro membros que se relacionam com os quatro elementos, terra, água, ar e fogo. Eles são chamados de: corpo físico, “*corpo vital ou etérico*”, “*corpo astral*” e o “*Eu*”.

Nesse estudo aprofundado, Rudolf Steiner mostra como o homem contém em si cada reino da natureza. Assim, o reino mineral está presente no homem, os ossos e em toda a estruturação do corpo físico. O reino vegetal se manifesta no homem através dos processos vitais presentes nos líquidos humorais, e sangue, similares à seiva na planta. Por sua vez, o reino animal está no homem em seus instintos e sensações. Porém, o princípio de liberdade individual, de autoconsciência, só existe no reino humano e isto torna o homem um ser pertencente, simultaneamente, ao reino natural-físico e ao espiritual, portanto, sujeito às leis de ambos (<http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br> Acesso em: julho, 2014. F.E.W.B. Federação de Escolas Waldorf no Brasil, 1998).

O corpo físico deve ser determinado como o portador da matéria propriamente dita, que possibilita que o corpo humano seja acessível aos sentidos da percepção imediata. O elemento fundamental relacionado a ele é a terra. Sua condição básica é a de matéria, imobilidade e aparente estagnação. Pode-se dizer que este corpo é o que o ser humano tem em comum com o reino mineral (NOGUEIRA, 2003).

O “*corpo vital ou etérico*” não está acessível à percepção imediata, mas sua existência e efeitos podem ser reconhecidos em sua atuação. Este corpo será responsável por reger os processos vitais do organismo. Não se trata de um corpo de matéria propriamente e contornos delimitados, mas sim de uma composição de forças que atuam segundo uma ordenação específica e dentro de certos limites.

Steiner dedicou-se bastante a descrever essas forças que sustentam a fisiologia, a saúde e as funções orgânicas. Seu elemento fundamental é a água, o fluido portador de toda química, responsável pelo metabolismo e pelos processos vegetativos, pela manutenção saudável da vida no organismo. Este membro ou corpo o ser humano tem em comum com o reino vegetal (NOGUEIRA, 2003).

Portanto o “*corpo vital ou etérico*” é portador das forças capazes de elevar a matéria à condição de vida, além de ser responsável pelos sete processos vitais básicos que são à base desta vida em um organismo: assimilação, digestão, seleção, metabolismo (endócrino e exócrino), manutenção, crescimento e

reprodução. Este corpo de forças formativas se expressa por meio dos processos que se conduzem no tempo, diferentemente do corpo físico que tende a ocupar um lugar no espaço e ali se estagnar (NOGUEIRA, 2003).

A terceira parte do ser humano que veremos é o “*corpo astral*”, também de natureza supra-sensível. Este corpo será responsável por reger a respiração e por ser a sede das emoções e sentimentos, assim como os desejos e motivações mais imediatas. Seu elemento fundamental é o ar e sua relação se faz com o reino animal (NOGUEIRA, 2003).

Considerando também os estudos desenvolvidos pela Astrologia sobre a influência dos astros e estrelas sobre os ânimos ou humores e disposições anímicas no ser humano, pode-se facilmente entender a origem do nome desse membro como “*corpo astral*”. Esta entidade do ser humano é que faz todo ser dotado de alma ou anima deslocar-se a partir de si próprio em direção ao objeto desejado.

Por fim, chegamos ao “*Eu*” o único membro que o ser humano possui isoladamente. Este é o corpo da personalidade, capaz de trazer em si a unicidade e a individualidade do ser humano. É portador dos ideais e motivações mais profundos que dirigem o percurso da vida. Seu movimento conduz o ser humano as grandes metas da sua vida, ao seu desenvolvimento como indivíduo enquanto personalidade única. Seu elemento é o fogo substância capaz de transcender. O “*Eu*” ou o espírito possibilita ao ser humano a capacidade de pensar e está intimamente relacionado com o sistema neurossensorial (NOGUEIRA, 2003).

O quarto membro, o “*Eu*”, é exclusivo da entidade humana. É o mais sutil entre todos os membros. Torna o ser humano capaz de pensar analiticamente, a imaginar o mundo, a ter consciência de si próprio e fazer escolhas. Esse membro é o portador da “*alma humana superior*”, e através dele, o homem pode atuar sobre todos os outros corpos (ANDRADE, 2013).

De acordo com a Antroposofia, os quatro membros existem, porém não estão todos prontos na ocasião do nascimento. O que realmente nasceu foi apenas o corpo físico, ao ser cortado o laço que unia a criança ao corpo da mãe. Os demais corpos já existem, porém ainda estão revestidos por um envoltório, assim como estava o corpo físico, no ventre da mãe. No processo de desenvolvimento, os corpos são liberados e nascem, podendo a partir dali, atuar de maneira autônoma no mundo. Lanz (2004) concluiu que há quatro nascimentos: o do corpo físico ao nascer, o do “*corpo etérico*” aos sete anos, o do “*corpo astral*” aos quatorze anos e o

do “*Eu*” aos vinte e um anos (ANDRADE, 2113).

Todo esse entendimento acerca do desenvolvimento humano e suas fases de amadurecimento físico, etérico, anímico e espiritual nos direcionará aos temas abordados nos capítulos seguintes, em que a Pedagogia Waldorf, a Eurytmia e o currículo aplicado pelas escolas Waldorf serão descritos e relacionados diretamente a este conceito de “*tetramembração*” do ser humano.

Também é preciso estar atento à compreensão que os conhecimentos adquiridos e desenvolvidos em cada uma dessas faixas etárias serão permeados por um desses corpos e conseqüentemente pela substância que o compõe. Assim, pode-se dizer que para cada uma dessas etapas o indivíduo utilizará um tipo de percepção diferente para conhecer o mundo e logo necessitará também de ferramentas variadas para fazê-lo.

Então, adiante poderá observar-se como a Pedagogia Waldorf e mais especificamente, a Eurytmia, proporcionará conteúdos e instrumentos para que esse desenvolvimento do ser humano possa acontecer de forma harmônica e saudável respeitando-se as diversidades e as necessidades de cada faixa etária.

## 2 PEDAGOGIA WALDORF E SEUS FUNDAMENTOS

*“A nossa mais elevada tarefa deve ser  
a de formar seres humanos livres  
que sejam capazes de, por si mesmos,  
encontrar propósito e direção para suas vidas.”*  
Rudolf Steiner

A Pedagogia Waldorf tem sua atuação fundamentada na Antroposofia, como já foi explicitado anteriormente, e concentra-se no valor atribuído aos aspectos espirituais existentes nos indivíduos e no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo das crianças. Por isso, é considerada uma prática pedagógica inovadora. Cabe ressaltar que a espiritualidade tratada por essa pedagogia não diz respeito a questões religiosas, e sim, ao entendimento do ser humano como matéria e espírito, logo, esse indivíduo será enxergado e desenvolvido de forma plena (ANDRADE, 2013).

Desta forma, este capítulo pretende começar com um breve histórico desta pedagogia, apresentando as singularidades de sua proposta e conceituando seus fundamentos acerca da concepção “*tetramembrada*” (corpo físico, “*corpo etérico*”, “*corpo astral*” e “*Eu*”) e “*trimembrada*” (pensar, sentir e querer) do ser humano. Isso possibilitará a compreensão do surgimento e dos pressupostos que organizaram e corroboraram para a criação da Pedagogia Waldorf.

Por fim, mapearemos a expansão desta pedagogia no território brasileiro e detalharemos o histórico e as particularidades da criação da Escola Waldorf Rudolf Steiner, em São Paulo, uma vez, que esta será o ponto de referência da atuação e das observações da pesquisadora.

### 2.1 Criação da Pedagogia Waldorf

Pode-se compreender o surgimento da Pedagogia Waldorf e os aspectos e princípios que sua prática foi norteadada, tratando-se, primeiramente, da Antroposofia e seus fundamentos. Dando seguimento a este entendimento, é necessário um breve histórico sobre o contexto social-político e cultural no qual a Pedagogia Waldorf tornou-se prática educativa.

Após a Primeira Guerra Mundial a Europa atravessou um período marcado por adversidades e transformações políticas, geopolíticas, demográficas, econômicas e

sociais. A Alemanha, embora totalmente destruída e sujeita às condições escritas no “*Tratado de Versalles*”, foi reconstruída aos poucos sob o olhar de um futuro com novas orientações.

Nesse panorama, Rudolf Steiner identificou que as causas dos acontecimentos político-sociais, como o cataclismo do liberalismo capitalista dos tempos pré-guerra e a solução comunista baseada no materialismo histórico de Marx, estavam ligadas à estrutura do organismo social. Ele propôs então uma reestruturação da sociedade com base nos resultados de suas pesquisas científico-espirituais (LANZ, 2005).

Steiner, imbuído então de conhecimentos da realidade política, econômica e social, formulou uma nova existência social baseada na divisão “*trimembrada*” do organismo social. A respeito desse princípio, Lanz (2005) esclarece que toda a vida em sociedade deve ser vista como sendo constituída por três setores:

a) o setor econômico: cuja finalidade é satisfação das necessidades materiais do ser humano, e que só a cooperação fraternal de todos poderá conduzir a uma vida econômica sadia, não existindo a ideia de lucro;

b) o setor político-jurídico: que regulamenta o convívio humano. onde cada cidadão participaria por meio de um regime democrático baseado no princípio da igualdade;

c) o setor cultural: que inclui todas as atividades que o ser humano realiza como indivíduo anímico-espiritual, prevalecendo o respeito pela individualidade e o princípio da liberdade.

Como se vê, temos os princípios da Revolução Francesa aplicados, cada um, em um setor definido. Esta ideia seria a principal inovação de Steiner – a completa autonomia de cada um desses setores uns em relação aos outros. Diferente da Revolução Francesa onde estes três princípios regiam juntos todas as atividades (LANZ, 2005).

Assim, no estado de Wüttemberg, na Alemanha, cuja capital era Stuttgart, Steiner incentivou o movimento em favor do futuro impulsionando tentativas de autogestão e iniciativas de cidadania a partir dos princípios da “*Trimembração do Organismo Social*”, visando revalorizar os as ideias de Fraternidade, Igualdade e Liberdade. Como foi dito, estas seriam as diretrizes das funções sociais: a liberdade regendo a vida cultural-espiritual dos indivíduos; a igualdade fundamentando a questão jurídico-legal; e a fraternidade sustentando a atividade econômica (PEREIRA, 2006).

Steiner ainda refere-se ao ensino como parte do setor espiritual ou cultural que segundo ele deveria ser caracterizado pela mais completa liberdade, sem a menor intervenção ou influência por parte do setor político (governo, administração pública) ou do setor econômico (escolas como instituições lucrativas, indústrias de livros didáticos, etc.)

Desta forma, a criação da Pedagogia Waldorf está diretamente relacionada a esse impulso social da “*trimembração*”, pois o diretor da fábrica de cigarros “*Waldorf-Astoria*”, em Stuttgart, Alemanha, era comprometido e envolvido com o movimento da “*Trimembração do Organismo Social*”, pedindo a Steiner que o ajudasse com o desenvolvimento destes aspectos no trabalho com seus operários.

Palestras sobre temas sociais e educacionais foram proferidos àqueles trabalhadores, a fim de que pudessem conhecer melhor o propósito específico de seu trabalho e desse modo pudessem desenvolver uma relação mais humana com o mesmo. O resultado foi positivo e, como consequência, surgiu entre os trabalhadores o desejo de que seus filhos recebessem uma educação escolar adequada a estes princípios (ANDRADE, 2013).

Por esse motivo, Emil Molt, o diretor desta fábrica, pediu que Steiner o ajudasse a elaborar, segundo sua concepção social “*trimembrada*”, uma escola para os filhos de seus operários. Então, em setembro de 1919 começou a funcionar a primeira Escola Waldorf, que por ter sido instalada dentro da fábrica de cigarros, herdou desta o nome, nome este que mais tarde viria a ser aplicado ao movimento pedagógico como um todo.

Steiner reuniu diversos professores experientes para com eles elaborar um plano de ensino que tivesse em vista a transformação da sociedade através das crianças (NOGUEIRA, 2003). Com sua formação em doze anos a “*Escola Waldorf Livre*” estava aberta para atender a todas as crianças, podendo ser considerada o primeiro exemplo de escola comunitária na Alemanha (RICHTER, 2002).

Segundo Lanz (2005), a Pedagogia Waldorf visa à formação do ser humano de forma harmoniosa e integral, ou seja, ela quer desenvolvê-lo em todos os seus aspectos: cognitivos, de conhecimentos, ideais, sociais, de vontade, etc.; quer despertar todas as suas qualidades e disposições inatas e estabelecer um relacionamento sadio entre o indivíduo e o mundo que o cerca.

Na Pedagogia Waldorf a transmissão de conhecimentos não é um fim em si, mas um meio, uma ferramenta imprescindível para a formação do indivíduo. Ela visa

criar dentro da sala de aula uma imagem do mundo. O conhecimento – a informação – é transmitida de forma viva, visando constituir uma unidade orgânica e proporcionar ao aluno uma autêntica vivência do mundo. “Esta ligação com o mundo, considerado como habitat vivo e orgânico da humanidade, é uma das metas principais da Pedagogia Waldorf” (LANZ, 1998, p. 95).

A escola obteve êxito e conseguiu exercer os princípios básicos idealizados de autogestão com crianças de qualquer procedência, capacidade, raça e religião. Esta pedagogia teve uma maior expansão depois da 2ª Guerra Mundial, tanto na Alemanha quanto em muitos outros países. Atualmente existem mais de 700 escolas Waldorf's espalhadas pelos cinco continentes. O interesse por essa pedagogia cresce na medida em que a missão da educação e das escolas torna-se cada vez mais presente na consciência das sociedades contemporâneas (RICHTER, 2002).

Figura 11 – Sala de aula de uma Escola Waldorf



Fonte: [http://pedagogiawaldorfjoinville.blogspot.com.br/2013\\_12\\_01\\_archive.html](http://pedagogiawaldorfjoinville.blogspot.com.br/2013_12_01_archive.html)

## 2.2 Conceitos Gerais

Uma das principais características dessa pedagogia é o seu embasamento na concepção de desenvolvimento do ser humano, introduzida pela Antroposofia. Nela, o ser humano é contemplado em seu aspecto físico, anímico e espiritual, de acordo com as características de cada indivíduo e sua faixa etária, buscando a integração

do corpo, da alma e do espírito, ou seja, a integração entre o pensar, o sentir e o querer.

A Pedagogia Waldorf visa à formação do ser humano; quer desenvolvê-lo harmoniosamente em todos os seus aspectos: inteligência, conhecimentos, vontade, ideais sociais, etc.; quer despertar todas as suas qualidades e disposições inatas e estabelecer um relacionamento sadio entre o indivíduo e o seu meio ambiente - que inclui os outros homens. Mas a informação também é necessária: sem ela nenhuma formação é possível (LANZ, 2005, p. 94).

O ensino teórico é sempre acompanhado pela vivência prática, com enfoque nas atividades físicas, artísticas e artesanais, de acordo com a faixa etária do aluno. As atividades do pensar são iniciadas nos primeiros anos escolares com o exercício da imaginação, do conhecimento dos contos de fadas, lendas e mitos, visando atingir o desenvolvimento do pensamento abstrato, teórico e formal.

Figura 12 – Dia-a-dia em uma Escola Waldorf



Fonte: [http://jardimescolacoracoralina.blogspot.com.br/2008\\_10\\_01\\_archive.html](http://jardimescolacoracoralina.blogspot.com.br/2008_10_01_archive.html)

Deste modo, predomina o exercício e o desenvolvimento das habilidades intrínsecas ao ser humano, cultivando a ciência, a arte e os valores morais e espirituais necessários, e não o mero acúmulo de informações. Nesse modelo pedagógico a arte é um instrumento essencial, e elementos estéticos estão inseridos em todas as atividades.

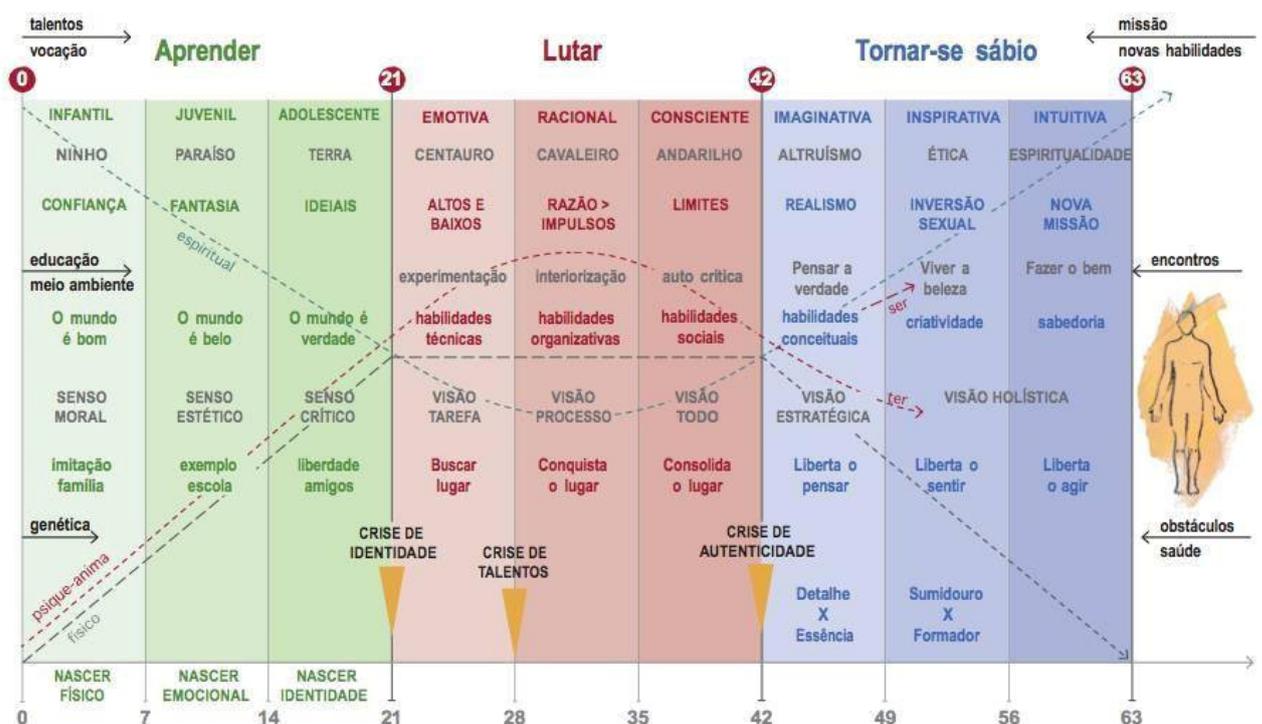
Steiner também lançou mão da “*teoria dos setênios*”, que consiste na divisão

da vida humana em ciclos de aproximadamente sete anos. Sua elaboração ocorreu a partir da observação dos ritmos da natureza e sua divisão veio da sabedoria antiga - de quando as sociedades humanas tinham o costume de dar um significado ritualístico às passagens dos setênios. A respeito deste conceito, Passerine afirma que:

No transcurso do desenvolvimento de qualquer organismo vivo, verificam-se ritmos. Em relação ao desenvolvimento humano, o ritmo é setenial, ou seja, cada fase possui características próprias que se modificam, se metamorfoseiam aproximadamente a cada sete anos, quando o homem passa a ter uma nova percepção de si e do próprio mundo. Os períodos seteniais são definidos pela articulação do ser do homem, e não por uma dimensão exterior. É da membração de seus corpos que se caracterizam as fases (PASSERINE, 2004, p. 40).

Diferenças sócio-culturais entre outras podem gerar variações neste ritmo de sete anos, acelerando ou atrasando as características de cada etapa do desenvolvimento humano. Segundo Rudolf Steiner (apud LANZ, 1998), em cada um desses ciclos um determinado membro da entidade humana se desenvolve de maneira pronunciada.

Figura 13 – Organograma dos Setênios



(BURKHARD, 2000)

Fonte: <https://www.facebook.com/AcalantoJardimInfancia/posts/435901313191083>

A Pedagogia Waldorf compreende que os três primeiros setênios definem a evolução da criança na direção de realizar-se como adulto, caracterizando cada etapa como transformação da anterior. Por isso, sua prática pedagógica é voltada para esses três primeiros setênios (ANDRADE, 2013).

Figura 14 – Teoria Biográfica

FASE	SETENIO	CRISE
FORMAÇÃO	0 - 7	Crise de Socialização
	8 - 14	Crise de Crise de Identidade
PLENITUDE	15 - 21	Crise de Sexualidade
	21 - 28	A alma da sensação
	29 - 35	A alma do intelecto
DECLÍNIO BIOLÓGICO	36 - 42	A alma da consciência
	43 - 49	Segunda crise de sexualidade
	50 - 56	Segunda crise de Identidade
	57 - 63	Segunda crise de socialização

(BURKHARD, 2000)

Fonte: <http://www.imagick.org.br/apres/ArtigoTextos/comportamento/AutoTransf.html>

A educação atua como princípio formativo de forma mais intensa nos primeiros anos, diminuindo seu poder de atuar desta forma nos últimos. Por volta dos 21 anos se acentua uma mudança: a formação dirigida pela família e pela escola dá lugar à auto-educação.

Figura 15 – Primeiro setênio “O mundo é bom”



Fonte: <http://www.jardimmargarida.com.br/>

Esse caminho passa por três fases, caracterizadas por ambientes anímicos específicos: “*O mundo é bom*” corresponde à fase da primeira infância em que a criança percebe o mundo principalmente pelos sentidos e aprende sobre ele através da imitação. Pode-se perceber nesta idade uma grande abertura da criança em relação ao mundo que a cerca.

Na fase seguinte o lema é “*O mundo é belo*”. Nesse período o sentimento permeia todo o ser da criança: a beleza, a estética, a harmonia das imagens criadas, e é extremamente importante para os processos de aprendizagem.

Figura 16 – Segundo setênio “*O mundo é belo*”



Fonte: <http://edsovane.blogspot.com.br/2012/07/modelos-pedagogicos-la-pedagogia.html>

Por último, tem-se “*O mundo é verdadeiro*”. Neste período o jovem busca entender o mundo de forma crítica e investigativa, por isso é muito importante para o fortalecimento de seu caráter e de sua moral que ele se depare com a verdade no mundo.

Passerini (2005, p.61), ao falar sobre estes ciclos coloca que: “No primeiro deles o ser humano adquire confiança, no segundo interesse e no último deseja encontrar a verdade”.

Figura 17 – Terceiro setênio “O mundo é verdadeiro”



Fonte: <http://tallervallehermoso.blogspot.com.br/2011/07/con-la-escuela-waldorf.html>

Na Educação Infantil, fase correspondente ao primeiro setênio, à criança aprende através da imitação. Nessa fase a criança apresenta uma abertura em relação ao mundo, e por isso acolhe sem resistência anímica o que vem do ambiente exterior. Os órgãos de percepção sensorial estão abertos e por meio de uma intensa atividade interior a criança reage aos estímulos do ambiente (SETZER, 1998). O ensino deve ser permeado pelo exemplo, e a professora personifica essa representação. O sentimento que deve ser despertado na criança é de que “o mundo é bom”.

Na Pedagogia Waldorf, a Educação Infantil se dá por meio de duas etapas: o maternal e o jardim de infância. Nessa fase da vida será desenvolvida a organização do corpo físico da criança. Um fator importante para esse desenvolvimento é o ambiente de onde vêm esses estímulos que atuam na formação dos órgãos sensoriais, que por sua vez influenciarão a formação dos órgãos internos da criança. Cabe ao educador – o princípio educativo básico – conduzir o processo de imitação, que por sua vez ajudará a criança a adaptar-se à realidade do mundo.

Figura 18 – Jardim de Infância



Fonte: <http://www.central42.com.br/novo/waldorf-uma-pedagogia-diferente/>

Considerando então a máxima educativa do primeiro setênio, que é a imitação, Steiner afirmava ser possível desenvolver a liberdade no âmbito social:

Então se deverá cuidar que a criança seja um imitador. Em educação uma questão deverá ser respondida: Como podemos melhorar a qualidade da vida de uma criança, de maneira que ela possa imitar tudo que se passa em seu entorno da melhor forma possível? O que aconteceu no passado, considerando-se essa imitação, deverá tornar-se cada vez mais intenso e consciente no futuro. Porque os homens terão que tornar claro a si próprio que, quando as crianças crescem para a vida adulta no organismo social, eles deverão ser seres humanos livres, e um indivíduo torna-se livre somente se como criança ele foi o mais intenso imitador. Esse poder natural da criança deve ser fortemente desenvolvido precisamente na época em que a socialização desabrocha em nós. As pessoas não se tornarão seres livres, a despeito de todos os discursos políticos sobre liberdade, se o poder da imitação não for implantado neles na idade infantil. Somente se isso for feito eles terão, como adultos, a base para liberdade social (STEINER, 1969, p. 13).

No primeiro setênio tempo e espaço são vivenciados de forma orgânica e concreta através do ritmo e da sequência de atividades propostas. A criança tem a possibilidade de desenvolver-se plenamente através do brincar. Brincando, imita o mundo que a cerca, recriando aquilo que capta com os seus sentidos, exercita a interação social, a imaginação, a criatividade, além de aprender a conhecer-se melhor, desenvolvendo potencialidades corporais, como motricidade e equilíbrio.

A brincadeira é o alicerce para o aprendizado da criança. É o primeiro contato com a cooperação, o risco e a criatividade. Os objetos e os brinquedos são feitos de

materiais naturais e duradouros, os quais influenciarão a formação dos órgãos da criança.

Para o maternal e o jardim de infância, existe um ambiente propício à sua formação: a estrutura física da escola é um prolongamento do lar e, por isso, comporta todos os elementos de uma casa. Assim, os trabalhos do dia-a-dia são realizados pelos educadores com a ajuda das crianças: limpar e arrumar a sala, cozinhar e cuidar do jardim, varrer o chão, dobrar as roupas, regar as plantas, etc. Outros trabalhos também poderão ser feitos de acordo com a necessidade individual da criança: costurar, bordar, realizar trabalhos em madeiras, entre outros (ANDRADE, 2013).

Figura 19 – O brincar no jardim de infância



<http://www.jardimdocajueiro.com.br/site/pedagogia-waldorf/faq/>

A criança deve adquirir confiança no mundo: cada objeto, por seu material, deve ser o que apreço ser. Daí a exigência de materiais naturais: madeiras, pedras, panos de fibra natural, etc. Dessa solidez e desse aconchego nasce uma extraordinária segurança e confiança no mundo dos adultos, no mundo em geral: “o mundo é bom”. Este deveria ser o elemento básico do ambiente que constitui o fundamento de uma autêntica religiosidade da criança pequena (LANZ, 2005, p.111).

Outro elemento fundamental nesta pedagogia são os contos de fadas que se configuram, sobretudo para o jardim de infância, sob forma de imagens de profundas verdades. Eles apresentam as tendências e expectativas, que inconscientemente, se

desenham na alma infantil gravando em seu subconsciente, ideais e anseios que mais tarde poderão transformar-se, naturalmente, em suas metas e aspirações de vida (LANZ, 2005).

Para Rudolf Steiner, o jardim de infância era uma solução emergencial para as crianças que deveriam estar em suas casas, mas que devido a ocupação de seus pais não estavam. As turmas reproduziam a estrutura familiar, que é uma unidade fechada, com ambiente próprio e sob a direção de duas orientadoras. O objetivo era criar para as crianças, o mesmo ambiente aconchegante de seus lares (LANZ, 2005).

Figura 20 – O conto de fada no jardim de infância



Fonte: <http://www.copilul.ro/copii-3-6-ani/dezvoltare/Pedagogia-Waldorf-sistem-alternativ-de-invatare-a1692.html>

Acredito que os maiores diferenciais apresentados pela Pedagogia Waldorf, no ensino da Educação Infantil, são: a simplicidade das atividades realizadas com as crianças que tem o intuito de fortalecer o fazer, dos brinquedos utilizados por elas que tem a intenção de enriquecer e alimentar a fantasia infantil, a relevância dada a criação de ritmos saudáveis para dormir, comer, ouvir histórias, etc. e a preocupação com a não-exposição das crianças desta faixa etária a mídia em geral.

Figura 21 – O ambiente do jardim de infância



Fonte: <http://escuelawaldorfizarbide.blogspot.com.br/2013/01/pre-inscripcion.html>

No Ensino Fundamental, no segundo setênio, a educação deve pautar-se no sentir. Para que o aprendizado ocorra significativamente, a criança precisa estar envolvida emocionalmente com o ensino. Nessa fase, é despertado na criança o sentimento de que “o mundo é belo”, por isso imagens são utilizadas na intenção de cultivar o que é belo. O professor de classe acompanha a mesma turma ao longo dos oito anos do Ensino Fundamental, estabelecendo uma ligação de profunda confiança com seus alunos (ANDRADE, 2013).

Ritcher nos descreve que o segundo setênio (7 a 14 anos) tem como principal característica, principalmente entre os 7 e 9 anos, a acentuada disposição para aprender, sem a necessidade da emissão de julgamentos próprios. Essa fase se caracteriza pela boa memória, pela capacidade imaginativa, pelo prazer em repetições rítmicas e pelo anseio por narrativas de conteúdo universal que suscitem a fantasia. Sua relação com os adultos ainda é de confiança, mas agora de forma mais seletiva escolherá uma pessoa como referência.

Ele ainda nos diz que o professor, por meio de suas palavras e gestos, passa a ser o mediador entre o aluno e o mundo ao seu redor. Nessa faixa etária o professor deve utilizar muito da abordagem artística por meio de imagens, não apenas visuais mais também produzidas por narrativas capazes de suscitar representações vivas.

Ritcher utiliza o termo, abordagem artística, aqui se referindo não somente a

“*plasticidade*” interna do ensino, mas também sua estruturação no tempo, ou seja, a “*dramaturgia*” da aula como elemento estimulante e vivificador dos conteúdos. O desenvolvimento cognitivo não deve ser super-valorizado em detrimento dos aspectos sociais, afetivos e volitivos. Ainda não há na criança uma separação do seu “*Eu*” e o mundo.

Sua primeira vivência de separação ocorrerá aproximadamente aos nove anos. Só a partir de então a criança percebe uma maior separação entre si e os adultos e entre si e as coisas do mundo. Gradativamente ela vai se tornando questionadora e precisa sentir que sua veneração é justificada (RITCHER, 2002).

Entre os 10 e os 12 anos, uma nova fase se inicia. Fase, em que o corpo perde suas proporções harmoniosas, pois o crescimento dos membros é predominante assim como o sistema muscular. Psiquicamente o pré-adolescente aumenta sua inclinação à crítica e seu olhar questionador e investigador o dirigem cada vez mais à natureza inanimada e às suas leis. Surge a intelectualidade que busca a fragmentação do espaço e a divisão do tempo (processos históricos), entretanto é o ser humano que deve dar forma a essa divisão ou ser formado por ela, pois dessa forma as grandezas históricas não se tornam conteúdos abstratos relacionados a determinadas datas (RITCHER, 2002).

O fim desse período de desenvolvimento é fortemente marcado pelos sintomas da puberdade, percebidos física e animicamente. O adolescente passa a refletir mais e apresenta um grande interesse por sua vida particular. Dessa maneira, é conveniente estimular toda essa passividade com exercícios físicos desafiadores e o interesse pelo funcionamento do mundo que o cerca. A característica essencial de seu raciocínio é a causalidade. A maior missão da educação de adolescentes é a educação da vontade (RITCHER, 2002).

Se, do 1° ao 3° ano escolar, o professor precisava dominar a linguagem do universo e torná-la audível para as crianças, se, segunda fase, devia permitir que os fenômenos exteriores se articulassem com maior vigor no diálogo com o ser humano, sua obrigação, agora, nessa época em que se silencia exteriormente, consiste em desenvolver a capacidade de ouvir a linguagem íntima, a palavra oculta dos jovens (RITCHER, 2002, p.24)

Além de possuir o mesmo currículo de outras escolas, A Pedagogia Waldorf ainda oferece em seu currículo as seguintes atividades: música, trabalhos manuais, marcenaria, atividades artísticas, Eurytmia, astronomia, filosofia, geometria,

jardinagem e alemão. Todas com o intuito de preparar o jovem para o exercício da cidadania plena e de cultivar nele o espírito científico investigativo, dando significado a sua aprendizagem (EMANUEL, 2002).

Figura 22 – Aula de Marcenaria do Ensino Fundamental



Fonte: <http://www.associacaotravessia.org.br/blog/>

Nesse momento, importa entender a relação que Steiner fez entre o que acontece em cada setênio e as habilidades sociais que podem ser despertadas no ser humano em cada um deles, por meio de uma educação atenta para essas possibilidades. Assim sendo, no segundo setênio a chave para a educação é a autoridade, aliada à aspiração a ideais. Segundo Steiner, isso torna possível que a criança, ao alcançar a vida adulta, experiencie a igualdade de direitos entre os seres humanos:

Nada é pior do que uma criança acostumada a fazer seus assim chamados julgamentos próprios muito cedo, antes da puberdade. Um sentimento pela autoridade, entre a idade de 7 a 14 anos, no futuro, deverá ser desenvolvido mais intensivamente do que foi feito no passado. Toda a educação neste período da vida deverá ser conscientemente dirigida para acordar na criança um sentimento puro e belo pela autoridade; por isto ser implantado na criança durante esta fase, é aí que se formam as raízes daquilo que no adulto será a experiência, dentro do organismo social, como igualdade de direitos dos homens. Direitos iguais entre os homens não virão a existir de outra maneira, porque as pessoas nunca se tornarão maduras para esta igualdade de direitos, se, na infância, o respeito pela autoridade não for implantado nelas. No passado, um grau mais baixo de sentimento pela autoridade bastava; no futuro não será assim. Esse sentimento deverá ser

fortemente implantado na criança para deixar que ele amadureça, porque isso não é um argumento aberto, mas eleva-se como uma demanda histórica (STEINER, 1969, p. 14-15).

Nesta faixa etária a confiança no adulto se mantém, porém não mais passando exclusivamente pela percepção sensorial e pela imitação, ela acontece de forma concentrada, essencialmente na figura de uma pessoa de referência, que atuará através de suas palavras e dos seus atos. Animicamente as crianças estão a perguntar: “*Você realmente me vê?*” “*Você pode me ajudar a realizar um encontro com o mundo?*” (RITCHER, 2002, p.22).

Desta forma, pode-se perceber a qualidade do tipo de relação que nasce entre professor e aluno. As respostas a estas questões ocorrem durante e através do ensino que não visa somente a mera transmissão de vivências mundanas, mas que permite que se vivencie o mundo.

Se o professor for capaz de traçar e percorrer esse caminho com seus alunos, nesta faixa etária, então ele será reconhecido pelos mesmos como Autoridade (RITCHER, 2002).

No terceiro setênio entramos na puberdade propriamente dita. E segundo o autor acima, esta fase se inicia com os prenúncios anímicos e físicos que culminam em um evidente processo fisiológico, muitas vezes vivido pelo adolescente como algo dramático que persiste e ressoa do começo do amadurecimento biológico (que atinge seu auge quando da aquisição da capacidade reprodutora) até o fim do amadurecimento anímico interior.

No Ensino Médio, o adolescente desenvolve a capacidade de julgamento através do uso pleno do pensar. Nessa fase, o indivíduo busca explicações conceituais, uma vez que sua capacidade de pensar de forma lógica e racional está sendo desenvolvida. Surge o desejo de conhecer o mundo como ele realmente é, baseado na ideia de que “*o mundo é verdadeiro*” (ANDRADE, 2013). Ou seja, a realidade concreta dos fatos que acontecem no mundo deve tomar o lugar das belas imagens dos contos de fadas, das lendas, fábulas e mitos narrados no setênio anterior.

Rudolf Steiner vê cada fase de desenvolvimento do ser humano como um “*processo de nascimento*”, dessa maneira pode-se dizer que o primeiro é o nascimento propriamente na vida terrestre, o segundo seria caracterizado pelo término da formação e transformação dos órgãos, ocorrido até a troca de dentição e

por fim o terceiro seria o nascimento do “*corpo da sensação*” ou “*corpo anímico*” (RITCHER, 2002).

A vida anímica agora adquire maior autonomia, sendo capaz de contrapor o interior com o exterior por meio do juízo. Para estimular e satisfazer essa necessidade do jovem, os conteúdos de ensino devem proporcionar a vivência de princípios verificáveis e acessíveis ao pensar. O dever pode ser encarado como uma força intrínseca e a responsabilidade perante o próprio agir pode surgir. A tomada de decisão é algo importante, na busca de uma “*linguagem própria*” (RITCHER, 2002).

Todo esse momento de transição e grandes mudanças físicas e anímicas apontadas por Ritcher têm um caráter um pouco caótico, e tem seu término em torno dos 16 anos de idade. A partir de então as proporções do corpo recuperam sua harmonia, o engajamento para o trabalho sério se intensifica, e o jovem aprende a lidar objetivamente com os julgamentos. Ele procura intensamente por um ideal, tanto em si mesmo como nos outros e no mundo.

Figura 23 – Ensino Médio



Fonte: <http://www.meirafernandes.com.br/site/noticias-e-artigos/?id=3024>

Para Ritcher (2002), o professor deve proporcionar experiências positivas na busca dos jovens pela autenticidade, pela verdade e por ideais, para que ele possa encontrar fundamento para sua existência. É importante que a educação nesta fase seja orientada por questões vitais e baseada em valores. O professor deve ser visto pelos alunos como alguém que pesquisa que é capaz de formular suas próprias

perguntas. Ele deve estar envolvido por processos pelos quais ele próprio se educa, se tornando ele mesmo um aprendiz.

Para Steiner, era durante o terceiro setênio que se desenvolvia no jovem o amor universal, e apenas o amor sob o aspecto afetivo-sexual. No primeiro setênio, a imitação incentivada e o amor da criança eram fatores necessários à manutenção da vida no corpo físico através da ação do corpo etérico. Sem a autoridade no segundo setênio, Steiner acreditava que esse mesmo corpo não passaria pelo desenvolvimento adequado, causando, segundo ele, *uma sonolência cultural*, que impediria a força necessária para o estabelecimento dos direitos. Também nesse caso não seria possível que esse ser humano aprendesse a reconhecer a igualdade de direitos de outros seres humanos. No terceiro setênio, segundo Steiner, se a educação não puder despertar a sensibilidade pelo amor que se encontra ligado ao desenvolvimento dos seres humanos, não há possibilidade de alcançar a fraternidade, o amor universal (ROMANELLI, 2008).

Depois da puberdade, entre 14 e 21 anos, não apenas a vida amorosa sexual se desenvolve no homem; desenvolve-se não mais que uma especial manifestação do amor humano universal e deve ser especialmente fomentado quando crianças deixam a escola fundamental e vão para o ensino médio. Pois a configuração da vida econômica, que é uma demanda histórica, não será jamais aquecida como deveria ser pelo amor fraternal – isto é, amor humano universal – se este não for desenvolvido durante os anos entre a idade de 14 e 21.[...] Irmandade, fraternidade, na vida econômica como se deverá lutar para que exista no futuro, só poderá surgir nas almas humanas se a educação após o décimo-quinto ano de idade trabalhar conscientemente em direção ao amor humano universal. Isto é, se todos os conceitos que consideram o mundo e a educação em si, forem baseados no amor humano dirigido ao mundo exterior. (STEINER, 1969, p. 16).

Nosso currículo termina no 12º ano escolar quando ainda não se constituiu o término do terceiro setênio da vida, no entanto o jovem deve seguir seu desenvolvimento, agora não mais tendo a escola como seu palco de ação, mas rumo a formações profissionais que satisfaçam as metas de sua existência (RITCHER, 2002).

Todo esse percurso pedagógico deve se concretizar-se de três formas na prática, para o jovem: “a familiarização com o mundo terreno e as tarefas que dele provêm, no conhecimento do mundo em seus múltiplos aspectos que ampliam a visão e na descoberta da própria individualidade” (RITCHER, 2002, p.48).

Com esse preparo o jovem deve ser capaz de aprender livremente, como

personalidade autônoma e consciente de sua responsabilidade a deixar sua contribuição pessoal para a humanidade durante o período histórico em que vive.

A preocupação neste setênio é oferecer uma formação abrangente e integrada às solicitações do mundo atual e ao desenvolvimento do pensamento objetivo e crítico. Os alunos do Ensino Médio das Escolas Waldorf têm conseguido êxito em vestibulares, provando que o conteúdo curricular atende as necessidades dos alunos na busca da graduação.

Do nono ao décimo segundo ano, o acompanhamento dos jovens é feito por tutores e pelos vários professores das demais disciplinas. No décimo-segundo ano, quando finalizam seus estudos, os jovens apresentam um trabalho de pesquisa com um tema de sua preferência, como em uma monografia.

Nas Escolas Waldorf não há repetição de ano e nem atribuição de notas, a avaliação é feita em uma espécie de relatório com observações do desenvolvimento do aluno.

As características do processo evolutivo da aprendizagem e transmissão do conhecimento exigem um grande conhecimento e preparação por parte do professor Waldorf. Sua ação pedagógica deve ser de agente facilitador deste processo, pois quando as respostas às expectativas dos estudantes são atendidas a aprendizagem passa a ter significado. O estudante deve ter um acompanhamento integral do seu desenvolvimento, pois está quase sua vida inteira na escola, da infância à adolescência. A educação deve transcender a transmissão de conhecimento e cultivar devagar e com carinho o intelecto e a sensibilidade humana (EMANUEL, 2002).

Na Pedagogia Waldorf isso se dá com sucesso, principalmente, pelo fato do currículo ter sido formulado para atender o desenvolvimento do ser humano em seus três âmbitos de atividades anímicas: o biológico, o psicológico e o espiritual. De forma mais apurada, o desenvolvimento dessas dimensões acontecerá de maneira “*trimembrada*”, ou seja, individualmente e por etapas: o pensar, o sentir e o querer (ANDRADE, 2013).

Observando essas várias atividades anímicas do ser humano, Steiner chegou à conclusão de que seu número poderia ser reduzido a três: o pensar – ao qual se deve juntar percepção sensorial e a memória -, o sentir e o querer. Não existe atividade anímica que não se encaixe, em última análise, em uma dessas três áreas. (LANZ, 2004, p.30).

Desta forma, pode-se dizer que a *dimensão biológica* diz respeito ao desenvolvimento orgânico de ascensão e declínio do indivíduo, por meio do amadurecimento, do equilíbrio e do envelhecimento. A *dimensão psicológica* é responsável pelos sentimentos, pensamentos e impulsos ligados à volição – onde há determinação da vontade. A *dimensão espiritual* tem como foco a alma humana superior, responsável por dar significado à vida. É a escolha, é a definição de normas e valores, é a individualização (ANDRADE, 2013).

Segundo Lanz (2005), há no ser humano três veículos de expressão: o corpo, as emoções e a mente. Suas funções são relacionadas e/ou atribuídas ao querer, ao sentir e ao pensar que devem ser desenvolvidas durante os primeiros vinte e um anos do indivíduo. Acredito que muito da eficácia da Pedagogia Waldorf se dá através da dinâmica de alternância entre disciplinas que enfatizam o fazer, como: a educação física, o trabalho com metal ou madeira, a lapidação de pedras, a jardinagem e outras; com as disciplinas que enfocam o sentir como as artes em geral, a Eurytmia e a música e as que priorizam o pensar cognitivo, como: matemática, língua portuguesa etc.

No cotidiano das Escolas Waldorf o horário curricular tenta seguir um fluxo sadio de alternância entre as disciplinas segundo seus enfoques nos três âmbitos anímicos de atividade do ser humano, o pensar, o sentir e o querer.

As escolas Waldorf são em geral associações beneficentes, sem fins lucrativos. A administração escolar é feita pelos próprios professores, pais e membros da associação, em um sistema de auto-gestão. Cada escola Waldorf é independente da outra, mas existe entre elas um elo que as une: o ideal de concretizar e aperfeiçoar a pedagogia de Rudolf Steiner. O princípio que as unifica é o de formar adultos livres, com pensamento criativo, com sensibilidade artística, social e ambiental e com disposição para buscar livremente seus objetivos (ANDRADE, 2013).

Por meio dessa “*trimembração*” – que abrange tanto o âmbito educacional como o social e o individual – se estabelecem as bases que podem constituir, segundo Steiner, o florescimento de um futuro da humanidade, quando a “*trimembração social*” poderia deixar de ser teoria.

Figura 24: Sociedade “Trimembrada” e os três primeiros setênios

**7. Epílogo (cont.)**

✿ **R. Steiner: somente com uma nova educação seria possível obter-se uma sociedade trimembrada (GA 296, 9/8/1919)**

📖 **Imitação sadia no 1º Setênio (0-7 anos)**  
 ⇒ **Liberdade** individual

📖 **Sentimento de autoridade (com amor!) no 2º Setênio (7-14 anos)**  
 ⇒ **Senso de igualdade** de direitos e deveres

📖 **Amor pelo mundo no 3º setênio (14-21 anos)**  
 ⇒ **Sentimento de fraternidade**

Valdemar W. Setzer – 3M 2/4/10 50

Fonte: <http://slideplayer.com.br/slide/1575272/>

De acordo com a visão de Steiner, os conhecimentos propostos pela Antroposofia poderiam ajudar a humanidade a sanar os males e as angústias de sua época, muitos dos quais persistem até hoje. Ao propor ações docentes que visam o equilíbrio entre o pensar, o sentir e o querer, a Pedagogia Waldorf busca alcançar um refinamento do ser humano que permita o desabrochar do amor entre os indivíduos, sentimento cujo desenvolvimento adequado conduz à postura ética humana que permite o exercício da moralidade saudável (ROMANELLI, 2008)

Como ideais que são, não é muito difícil de se concluir que estes pressupostos elaborados por Steiner demandam um grande esforço de autoeducação de todos que decidem trilhar este caminho (professores, pais, alunos e funcionários) e por conseqüência, também não é muito difícil de imaginar quão difícil eles são de se tornarem realidades práticas em nosso cotidiano de educadores.

Acredito que diariamente nos deparamos com muitos fracassos em nossa prática pedagógica, pois lidamos com a nossa própria falta de tempo para nos

dedicarmos com afinco à nossa preparação interior, como Steiner tanto enfatiza. Outro fracasso que constatamos diariamente é a nossa impotência diante do uso ininterrupto das crianças e adolescentes dos eletrônicos midiáticos, que tanto enfraquecem as relações verdadeiras com o mundo e com os outros.

Manter a harmonia dessas forças anímicas em nós mesmos, ser ético, verdadeiro e estar inteiro, de corpo, alma e espírito em tempo integral quando estamos diante das crianças, assumir responsabilidades na gestão administrativa e pedagógica da escola, assumir o direcionamento da comunidade escolar diante dos vários desafios lançados pela nossa sociedade moderna, como: uso de drogas, situações de “*bullying*”, uso de eletrônicos, alimentação e etc; são só algumas das tarefas realizadas pelos educadores da Pedagogia Waldorf em sua prática cotidiana.

Fica fácil então, de imaginar que muitas vezes nos encontramos enfermos pela sobrecarga de atividades que temos de nos responsabilizar, que muitas vezes a nossa postura diante dos alunos está distante de ser aquela que almejamos e talvez muitas das tarefas realizadas por nós não sejam cumpridas à contento e, tão pouco, da comunidade escolar.

Tais colocações, feitas acima, não devem ser entendidas como críticas, mas como um olhar reflexivo sobre a prática cotidiana, principalmente, dos professores das escolas Waldorf.

### **2.3 Pedagogia Waldorf no Brasil**

No Brasil a primeira escola Waldorf foi fundada em 1956, em São Paulo e desde então várias outras iniciaram suas atividades. Devido ao grande aumento de estabelecimentos de ensino Waldorf no Brasil, em abril de 1998 foi fundada a Federação das Escolas Waldorf, que tem como um de seus objetivos consolidar a Pedagogia Waldorf na sociedade brasileira (EMANUEL, 2002).

Atualmente existe em torno de 73 Escolas Waldorf funcionando no Brasil entre elas escolas privadas e escolas da rede pública de ensino, como a escola “*Comunitária Municipal Vale de Luz*” e a escola “*Municipal Cecília Meireles*”, na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

Hoje existem escolas Waldorf em diversos estados brasileiros, São Paulo é o estado que mais concentra escolas totalizando 40, na Bahia são 4, no Ceará 1, em Goiás 1, Goiânia 1, Brasília 2, Minas Gerais 8, Mato Grosso 4, Rio de Janeiro 5,

Pernambuco 1, Paraná 2, Rio Grande do Sul 1, Santa Catarina 3. Ainda segundo a Federação tem-se atualmente aproximadamente 2.500 alunos/as na educação infantil, 4.180 alunos/as no ensino fundamental, 580 alunos/as no ensino médio e ainda 105 alunos/as de educação especial matriculados nas Escolas Waldorf. São 2.050 professores/as Waldorf e outros/as 450 em formação (BOTTENE, 2011).

Todo esse processo de expansão da Pedagogia Waldorf e o surgimento de diversas iniciativas educacionais inspiradas e fundamentadas em seus princípios fazem parte de um percurso longo que iniciou em 1955 e continua acontecendo até os dias atuais.

As dificuldades de se estabelecer, dentro da lei, uma escola Waldorf é bem descrita pela Sra. Shigueyo Miyazaki Mizogushi, da Federação das Escolas Waldorf no Brasil. Com sede em São Paulo, Capital:

Após a promulgação da Constituição Brasileira, em 1988, grupos de educadores e entidades ligadas à educação, começaram a organizar um projeto de lei que viesse substituir a LDB vigente na época. Este projeto que vinha sendo formulado sobre uma nova concepção de democracia participativa, já tendo sido aprovado na Câmara dos Deputados, foi substituído, no Senado pelo projeto Darcy Ribeiro, em março de 1996. Tudo indica que o projeto, após algumas modificações convertido na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, teve assessoria de pessoas que ocuparam ou ocupam cargos no Ministério da Educação. Esta nova LDB, chamada por alguns autores de "minimalista", por conter poucas Regulamentações, dá ampla liberdade às escolas apresentarem suas propostas pedagógicas, além de ter incorporado alguns conceitos inovadores para a maioria das escolas como a questão da progressão continuada do aluno, o respeito pela relação idade/série, aspectos importantes à Pedagogia Waldorf (MIZOGUSHI, 2002).

Embora reconhecida como entidade pública federal e estadual, a maioria das Escolas Waldorf não recebem auxílio governamental, possuindo uma entidade mantenedora que recebe doações e mensalidades dos alunos para cobrir custos, mas isso não impede que qualquer cidadão brasileiro que compactua com os princípios Waldorf, funde sua escola com fins lucrativos (EMANUEL, 2002).

#### **2.4 Escola Waldorf Rudolf Steiner – São Paulo**

Em 27 de fevereiro de 1956, na cidade de São Paulo, foi fundada a primeira Escola Waldorf no Brasil, integrada à realidade brasileira e mantendo os fundamentos de seu idealizador.

Seus fundadores, um pequeno grupo de amigos, (Schimidt, Mahle, Berkhout e Bromberg), convidaram o casal Karl e Ida Ulrich da Escola Waldorf de Pforzheim, na Alemanha, para fundar a escola, lecionar e preparar professores brasileiros para que lecionassem a Pedagogia Waldorf.

Recebeu inicialmente o nome de “*Escola Higienópolis*” e em 1958 mudou-se para o Alto da Boa Vista, instalando-se em uma propriedade rodeada de jardins, muitas árvores e espaço para o desenvolvimento de todas as atividades previstas no currículo Waldorf.

Figura 25 – Escola Waldorf Rudolf Steiner – São Paulo



Fonte: <http://dc722.4shared.com/doc/rLiW9Fq/preview.html>

Nas últimas décadas teve as instalações ampliadas e hoje proporciona um espaço bem dimensionado para as demandas de seus alunos: Jardins de Infância com ampla área verde, salas de aula acolhedoras, laboratórios de Ciências, Química, Física e Biologia, salas de Tecnologia e Computação, de Trabalhos Manuais, de Música, oficinas de Arte, Teatro, Biblioteca, quadras de esporte (aberta e coberta), refeitório, áreas de plantio e jardinagem.

A escola começou com um pequeno grupo de 28 alunos de Jardim da Infância e antigo Primário. Após ser reconhecida como escola experimental,

completou as primeiras quatro séries iniciais. Em consequência da realização de um bom trabalho, em 1979 o Ensino Fundamental foi autorizado a funcionar com a duração de nove anos, e na seqüência, o Ensino Médio (BOTTENE, 2011).

Atualmente, a Escola Waldorf Rudolf Steiner atende em torno de 800 alunos desde o maternal até o 12º ano do Ensino Médio. Cada ano escolar do Ensino fundamental e Médio tem duas classes de em média 30 a 32 alunos e no Ensino Infantil existem 3 classes de maternal e 4 classes de jardim de infância. Seu corpo docente é constituído de mais ou menos 80 professores e diversos auxiliares de ensino, e ainda constam da sua estrutura funcionários administrativos, de manutenção e limpeza.

As atividades sociais fazem da Escola Waldorf Rudolf Steiner um espaço de encontro em torno do foco de interesse: a educação dos alunos. A escola oferece palestras à comunidade escolar além de atividades pedagógicas e artísticas permitindo a integração de pais, convidados e professores. As festas escolares, o Bazar Natalino e outras atividades fazem da escola um importante centro de convivência.

Figura 26 – WOW Day – Waldorf One World Day



Fonte: <http://acontecendoewrs.tumblr.com/post/97993428409/wow-day-2014>

A Escola Waldorf Rudolf Steiner por ser a mais antiga na propagação e atuação da Pedagogia Waldorf no Brasil, também se tornou um relevante pólo de referência com relação à disponibilidade de materiais didáticos, como também de

estágios orientados.

Toda essa situação me parece ter aspectos positivos e negativos para a instituição e para aqueles que nela atuam. Os aspectos positivos seriam: 1º- o fato de lá se encontrarem professores com muita experiência na prática da Pedagogia Waldorf; 2º- os professores, que lá lecionam terem um fácil e contínuo acesso a um dos melhores acervos de material didático de todas as disciplinas ministradas nesta Pedagogia; 3º- todos os professores serem capazes de observar o desenvolvimento dos alunos em seu completo espectro de nuances, observando o desenvolvimento de cada faixa etária; 4º- existe a possibilidade de uma grande rotatividade na execução das tarefas de gestão escolar; 5º- muitas vezes é possível ter vários profissionais que atuam na mesma área de ensino, o que pode viabilizar uma rica troca de experiências e práticas didáticas.

Por outro lado, outros aspectos não tão positivos podem surgir em uma escola tão antiga, que é vista como uma grande vitrine de referência para outras iniciativas e que tem a responsabilidade de abarcar uma grande comunidade de famílias a sua volta. Por exemplo: 1º- muitas vezes é difícil se estabelecer um bom sistema de comunicação entre os diversos âmbitos escolares; 2º- criar e manter consensos sobre regras e condutas cotidianas pode ser uma constante luta; 3º- conviver socialmente de forma intensa sem perder de vista a postura profissional é por vezes muito difícil; 4º- conseguir tomar decisões de forma coletiva e consensual e colocá-las em prática; 5º- satisfazer os anseios da diversificada comunidade escolar; 6º- lançar sobre os ombros dos professores recém chegados a instituição a responsabilidade de mantê-la como referência; 7º- dificuldade em experimentar novas situações de ensino, de estar aberto ao novo, de poder errar e acertar, de correr riscos e muitos outros.

Novamente, gostaria de estabelecer aqui um olhar muito mais reflexivo do que crítico, pois acredito que a reflexão nos leva ao diálogo para a busca de soluções e as críticas tendem a nos direcionar para o confronto de pontos de vistas já enrijecidos pelos nossos próprios julgamentos.

Dando continuidade a árdua tarefa de identificar os principais conceitos e embasamentos da Pedagogia Waldorf, no próximo capítulo abordarei, mais especificamente a disciplina da Eurytmia, principal tema deste estudo, descrevendo seu surgimento e desenvolvimento, seus elementos e fundamentos e também seus campos de atuação.

### 3 EURITMIA

Em 1912 Rudolf Steiner recebeu um pedido para desenvolver um novo tipo de “*ginástica ou dança*” que fosse capaz de penetrar nas esferas inconscientes da vida dos organismos, que atuasse a partir do corpo das forças formativas ou “*corpo vital*”. Um movimento que produzisse saúde e equilíbrio em um sentido amplo e profundo. Ele criou então a Eurytmia, como a arte capaz de dançar a palavra, em uma referência ao grego “*eurythmós*” que significa ritmo verdadeiro (NOGUEIRA, 2003).

Daí em diante, junto com a jovem Lory Meyer-Smits, desenvolveu paulatinamente os fundamentos dessa “*nova dança*”, pesquisando e elaborando um conjunto de gestos que vão constituir uma espécie de alfabeto da Eurytmia. Seus movimentos são relacionados com os elementos específicos de cada fonema da língua.

Figura 27 – A jovem Lory Meyer-Smits



Fonte: <http://biographien.kulturimpuls.org/detail.php?&id=1048>

A Eurytmia continuou sendo ampliada entre 1912 e 1925, desenvolvendo ainda gestos para as notas e intervalos musicais, bem como para os signos zodiacais e dos planetas, entre outros elementos de expressão da alma humana (NOGUEIRA, 2003).

Segundo Rudolf Steiner a arte eurítmica é a “*fala*” ou o “*canto visível*”. O indivíduo realiza movimentos com seus membros superiores, que são especialmente mais expressivos, ou também a realizam em grupos de pessoas que se movimentam e se posicionam no espaço de diferentes formas se relacionando umas com as outras (NOGUEIRA, 2003).

Podemos dizer que ao se expressar por meio da “*fala*” o ser humano animicamente está presente com seu ser inteiro. Toda esta predisposição está retida e concentrada no movimento dos órgãos da “*fala*” ou do “*canto*”. Mediante uma visão supassensível – para utilizar uma expressão “*goethiana*” – pode-se reconhecer que esta predisposição de movimento do corpo inteiro é subjacente a um fonema ou a um tom musical (NOGUEIRA, 2003).

Deste modo, pode-se fazer com que um indivíduo ou um grupo de indivíduos expressem movimentos que representem de forma visível a música e a fala, tal qual os órgãos da “*fala*” e do “*canto*” as representam de forma audível. Uma pessoa ou um grupo de pessoas podem se transformar em laringe, os movimentos falam e cantam da mesma maneira que a laringe soa e emite fonemas (FROBÖSE, FROBÖSE, 2009).

Steiner nos afirma que os movimentos e gestos eurítmicos são extraídos do movimento do organismo humano de forma regrada do mesmo modo que a “*fala*” e o “*canto*”. Ele ainda nos diz que o desenvolvimento estrutural da Eurytmia baseia-se na compreensão sensório–supassensível da expressiva possibilidade de movimento do corpo humano (FROBÖSE; FROBÖSE, 2009).

A fala por si já nos torna humanos, pois por meio da fala revelamos nossa essência para o mundo. A fala se mostra como elemento mediador entre a alma e o espírito do ser humano. No entanto, a alma e o espírito são a essência humana através do qual a fala é experienciada no mundo sensório por outros indivíduos, como a nossa mais íntima existência. A fala é o meio universal de comunicação e entendimento entre indivíduos (GÖBEL, 2005).

O ser humano encarnado no corpo físico confronta a outros indivíduos por meio de suas experiências no mundo e por seus sentidos de percepção no espaço e no tempo. Desta forma, a fala se torna o meio revelador do ser humano para outros indivíduos para além de suas aparências externas (GÖBEL, 2005).

Para a revelação da alma humana a fala é acompanhada de gestos que ganham vida expressiva se são carregados pelos braços e pelas mãos. Realizados

artisticamente, podem até ser mais expressivos que a fala em si. Pode-se dizer que, ao observar a atividade dos órgãos da fala quando o ar passa por eles, de suas variadas maneiras ao formar cada som, que a fala tem algo de gesto em si. Nós só não temos consciência disto porque a fala é tratada como algo conceitual (GÖBEL, 2005).

É pela vontade dos órgãos da fala, pelo seu movimento que o ar forma seus gestos criando os sons. Se este mesmo movimento de criação fosse expandido para os braços e mãos artisticamente, então a fala se tornaria visível e pode-se apreciar a “*Euritmia da Fala*” (GÖBEL, 2005).

Para se compreender esta arte de forma adequada tem-se que sobrepor o caráter abstrato da fala dos dias de hoje. Este caráter abstrato surge quando só se dirige a atenção ao conteúdo intelectual do discurso. Temos que observar como cada ser humano, por meio dos seus órgãos da fala, deixa o ar fluir para fora de forma individualizada, revelando na formação dos sons elementos desta individualidade e da sua alma. Só assim pode-se entender os gestos dos sons como revelações dos seres humanos (GÖBEL, 2005).

Podem-se distinguir dois tipos de sons: as vogais e as consoantes. As vogais expressam os sentimentos que a alma experiencia em si ao entrar em contato com o mundo que a rodeia. Já os sons consonantais imitam os gestos do mundo que a alma experimenta (GÖBEL, 2005).

Portanto, pode-se dizer que a “*Euritmia da Fala*” visa pesquisar como os órgãos da fala formam os gestos dos sons, quais sentimentos se encontram na formação de cada vogal e que conteúdos do mundo são imitados pelos gestos criados pelas consoantes (GÖBEL, 2005).

Começando pela descrição da organização e formação dos órgãos da fala humana pode-se dizer que ela está a serviço da alma, pois se podem constatar três partes distintas: a vontade, o sentimento e o pensamento (imagem mental). A vontade se faz presente nos músculos do tronco e no diafragma, que fazem o ar passar pelos pulmões de forma diferenciada para a criação de cada som. Depois temos a laringe, que com seus complexos movimentos carrega os sons adiante, os preenchendo com sentimentos. E por último a articulação dos sons que acontecem: no palato, língua, lábios, dentes e nariz determinando a forma final de cada som quando o ar sai pela boca (GÖBEL, 2005).

Agora passemos a descrição da formação das vogais a partir do ambientes

da alma, os sentimentos. As vogais serão aqui ordenadas de acordo com a relação prazerosa da alma com o mundo que a cerca (GÖBEL, 2005).

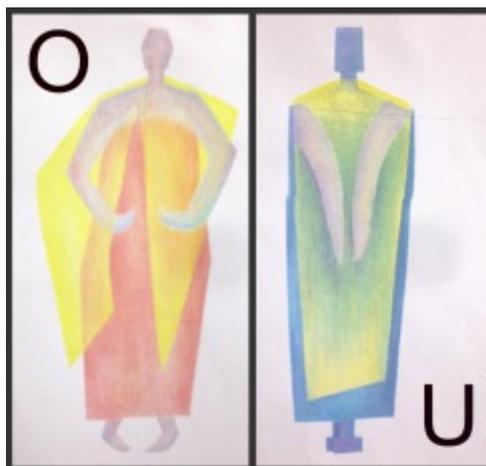
Através da vogal “**A**” a alma expressa um sentimento de admiração ou espanto. A admiração vem de um sentimento profundo da alma em contato consigo mesma em seu universo interior e o de espanto seria mais a expressão da relação de admiração da alma com o mundo externo (GÖBEL, 2005).

Pelo som do “**O**” pode-se expressar o movimento da alma abraçando as coisas do mundo de forma amorosa. Isto pode ser expresso por um gesto de abraço como o de um encontro feliz quanto por um gesto de compaixão (GÖBEL, 2005).

O som do “**I**” é capaz de expressar a força do “*Eu*”, ou do ego diante do mundo. É a expressão da individualidade ou da autoconsciência perante o mundo externo. Quando o oposto acontece, a força do mundo prevalece diante do indivíduo, temos a expressão do som do “**U**”, que expressa a penetração do mundo externo na alma humana. Por último, pode-se observar o som do “**E**” como a expressão da resistência da alma diante das coisas do mundo (GÖBEL, 2005).

Figura 28 – Gestos das vogais em Eurytmia





Fonte: [http://www.contemporary-dance.org/The\\_Dance\\_Thinker-eurythmy.html](http://www.contemporary-dance.org/The_Dance_Thinker-eurythmy.html)

Todos os sons das vogais são criados pelos órgãos da fala, por meio do contínuo fluir do ar pela laringe. A duração de cada som vai aumentar ou diminuir dependendo do ambiente anímico criado para cada vogal.

Por outro lado, na formação das consoantes os sons são criados, principalmente pelos órgãos da articulação. Os sons das consoantes serão aqui ordenados de acordo com o aparato dos órgãos da fala, partindo da frente para trás na área da boca tem-se: os lábios, os dentes, o palato e o nariz (GÖBEL, 2005).

Desta forma, podem-se encontrar os sons fricativos onde a dinâmica do som flui constantemente, como o “**F**” e os sons em que a dinâmica é interrompida de maneira brusca, como o “**K**”, chamados sons oclusivos. Os primeiros são conhecidos como sons de respiração e os últimos como sons de impacto (GÖBEL, 2005).

Os outros sons podem ser chamados de mediadores, pois como o “**L**” (lateral), “**R**” (vibrante) e “**M**” (nasal) são criados pela língua, palato ou nariz.

**Tabela 1: Ordenação das Consoantes**

Órgãos da articulação	Lábios	Dentes	Palato
<b>Sons Fricativos</b>	F, W	C, S, Z, Ç, CH, X	H
<b>Sons Oclusivos</b>	P, B	T, D	K, G
<b>Sons Mediadores</b>		L, R	LH,
<b>Sons Nasais</b>	M	N	NH

In: GÖBEL, 2005

Agora se pode identificar que coisas do mundo serão imitadas pelos gestos das consoantes no espaço ou no tempo. Começaremos pelos sons nasais que são sons mediadores entre as consoantes e as vogais. No som do “**M**” pode-se perceber

a expressão de um elemento anímico, como por exemplo, o prazer que se sente ao provar algo que tenha um gosto bom. Desta forma, o som do “**M**” tem um pouco de vogal em sua essência.

Já o “**N**” nos dá a sensação de algo desagradável ou algo que ao tocarmos nos faz sentir repugnância. Ele também carrega em si uma característica anímica de provar o mundo externo com seus sentidos, só que com o som do “**N**” a reação é negativa, é de afastamento (GÖBEL, 2005).

Figura 29 – Gestos das consoantes “**M**” e “**N**” em Eurytmia



Fonte: [http://www.rudolfsteinerweb.com/Rudolf\\_Steiner\\_and\\_Eurythmy.php](http://www.rudolfsteinerweb.com/Rudolf_Steiner_and_Eurythmy.php)

Vejamos o som do “**R**” que é formado pelo ritmo entre o sopro e a restrição do ar passando pelos órgãos da articulação, ele imita qualquer coisa que faça o movimento de rolar. O som do “**L**” é formado pela sincronicidade entre soprar e restringir a passagem do ar, ele imita o gesto que fazemos ao puxarmos de dentro da água uma roupa lavada, ou quando estamos amassando a massa de um pão (GÖBEL, 2005).

Nos sons oclusivos ou de impacto temos: o “**P**” que é facilmente percebido quando uma bolha de ar estoura e sua substância se espalha por todo espaço ao redor. Já o som mais suave do “**B**” pode ser imitado quando uma esfera de argila cai no chão se tornando uma forma achatada, porque o “**B**” é um som que contem a

substância da massa junta não permitindo que ela se dissolva no espaço (GÖBEL, 2005).

O som do “**T**” mostra-se pelo gesto de empurrar ativamente para baixo uma substância, como por exemplo, quando você espeta algo com um garfo. O gesto do “**D**” é mais hesitante do que o de espetar, ele é como o apontar para um objeto (GÖBEL, 2005).

Figura 30 – Gesto da consoante “**T**” em Euritmia



Fonte: <http://www.hermeshealth.co.uk/euryth.htm>

O “**K**” é provavelmente o som plosivo mais forte que temos, ele tem a mesma força que observamos quando uma superfície é dobrada em outra direção formando uma quina. O som do “**G**” que é mais suave nos faz experimentar o gesto de separar elementos um a parte do outro, abrindo o nosso campo de visão mais amplamente.

Por último, veremos os sons fricativos, a começar pelo “**F**” que é um som formado nos lábios. O som do “**F**” faz o ar ser soprado do lábio inferior diagonalmente para cima e uma das imagens naturais mais bonitas para exemplificar este gesto é o vento oeste, no sudeste dos Andes, na Patagônia. Ele sopra as nuvens formadas no lado Pacífico dos Andes, dirigindo elas sobre o pico das montanhas para que elas possam cair se dissolver novamente em outras altitudes (GÖBEL, 2005).

O som suave do “**V**” vive no movimento das ondas nas águas. O “**S**” pode ser experienciado quando o vento passa pelos galhos das árvores ou pelo movimento sinuoso de uma cobra se deslocando. O som mais afiado do “**Z**” pode ser imitado pelo movimento de raio durante uma tempestade. O som do “**X**” e do “**CH**” pode ser

encontrado na formação de rodadoinhos criados pelo vento. E por fim, o som mais curto do “C” que pode ser imitado por um sopro de ar curto que eleva rapidamente um pequeno objeto e o som do “H” que demonstra dois gestos um de inspiração e outro de expiração do ar (GÖBEL, 2005).

Terminado isto, pode-se dizer que encontramos exemplos de gestos e movimentos para todos os sons da fala humana, sendo as vogais inspiradas nos sentimentos da alma e as consoantes nos elementos do mundo. Do mesmo modo, que o processo da fala é constituído de três partes: dinâmica, sonoridade e articulação, também a Eurytmia \_ quando torna o som “*eurytmicamente visível*” \_ é composta de três partes (GÖBEL, 2005).

Figura 31 – Gestos das cinco vogais (A, E, I, O, U) e em seqüência os gestos das seguintes consoantes (B, CH, D, F, G, H, K, L, M, N, P, R S, T, V)



Fonte: <http://rileybrad.wordpress.com/2012/07/30/eurythmy-speech-the-word-and-the-study-of-etheric-phytology-one-by-bradford-riley/>

Invés, de dinâmica aparece o movimento da Eurytmia. Assim como na fala, a sonoridade traz alma a dinâmica do som, na Eurytmia isto será expresso por meio do movimento criado pelo véu (figurino usado pelo eurytmista feito de seda pura). Isto seria a expressão do sentimento. A articulação da fala vive na Eurytmia no que é chamado de “*caráter*” do movimento. O “*caráter*” de cada som é expresso visualmente na Eurytmia pela tensão dos músculos que estruturam seus movimentos, ou como Steiner nos aponta pela consciência das partes que estruturam cada som (GÖBEL, 2005).

### **3.1 Breve contexto histórico do surgimento da Eurytmia**

No contexto histórico da dança podemos contemplá-la desde seus primórdios na antiga Caldéia, antes mesmo do grande Egito pré-cristão, inserida nos rituais sagrados ligados às forças das constelações zodiacais. Portanto, pode-se constatar que em suas fontes primordiais a atividade dançante reside em um gestual sagrado, ritualístico de união do homem com o Divino, de iniciação e fortalecimento de comunhão com as forças ocultas do universo e da natureza (NOGUEIRA, 2003).

A dança até os dias de hoje percorreu longos e múltiplos caminhos, os quais não se pretendem descrever aqui seus percursos. Contudo, vale ressaltar que assim como outros produtos da cultura, a dança foi e é sempre o reflexo de um contexto, de uma consciência ou mentalidade de uma determinada época. E isto só ocorre a partir de um profundo modo de ser, de um modo específico de ver, compreender, experimentar e sentir o mundo em períodos particulares da História ou em contornos específicos de um povo, não apenas por uma questão de tradição ou paradigma social (NOGUEIRA, 2003).

Então, entende-se aqui que maneiras particulares de compreender como no mundo são fundadas a consciência pertinente a uma época específica. Essa consciência permeará toda produção cultural de uma sociedade, por um período histórico em todo seu fazer intelectual, prático, emocional e espiritual, agindo menos como uma norma da sociedade imposta de fora para dentro, do que um modo de vivenciar profundamente o mundo, de dentro para fora (NOGUEIRA, 2003).

Rudolf Steiner descreve acuradamente o desenvolvimento da consciência humana em diversos períodos históricos, caracterizando essa evolução de forma semelhante a um estado de sono na antiga era de Atlântida, passando pelo estado

onírico até o de vigília completa nos dias atuais (LANZ, 1989). Este descreve um processo de despertar da consciência humana em que a cada novo estágio o homem vai gradativamente percebendo a si próprio como um ser distinto do todo cósmico, divino e espiritual (STEINER, 2001).

Lentamente a consciência do homem chega aos tempos modernos, com a conquista da autoconsciência, sendo capaz de vivenciar a si próprios como uma individualidade. Seu estado de ser que outrora era espiritual, integrador, mítico, torna-se paulatinamente racional, analítico, investigador. Esse processo significou a perda dos laços que uniam o homem aos mundos supra-sensíveis, ocasionando uma dolorosa sensação de isolamento e solidão. Por outro lado, a conquista do modo de pensar independente do tempo moderno trará ao homem a liberdade em seu sentido mais ampliado (STEINER, 2000).

Na dança também se pode observar as marcas dos estados de consciência do homem em cada fase dessa evolução. Dançar, ora significava comunicar-se com deuses, venerar coletivamente por meio de movimentos ordenados diversas entidades sentidas como atuantes nos mistérios da vida. Dançar era perceber a presença dessas forças dentro do próprio homem que dança, era reconhecer a ligação do microcosmo – ser humano com o macrocosmo - universo (SCHIMMEL, 1977, apud. NOGUEIRA, 2003).

No decorrer dos séculos a dança em sua múltipla trajetória com os mais diversos propósitos e fundamentos desde a conexão com as forças celestes das galáxias, passando por vários níveis de religiosidade, tornou-se mera expressão da vida social e até puro entretenimento. Com o passar do tempo, desenvolveu uma linguagem estética com diferentes estilos relacionados a uma companhia ou a um coreógrafo particular. A dança passa de manifestação intuitiva, espontânea para ser aprendida e estudada como técnica e desta forma surge o dançarino profissional (NOGUEIRA, 2003).

Essa busca pela precisão técnica surge no momento do despertar da consciência individual e se aguça durante todo o século XIX, exaltando o brilho e o virtuosismo técnico dos balés clássicos (NOGUEIRA, 2003).

A virada do século traz consigo um tempo de prontidão para novos e profundos impulsos artísticos e científicos. Neste período, muitas pessoas viviam essas expectativas para uma renovação, mesmo que de forma inconsciente. No mundo da dança este panorama também se configura pela indagação dos artistas

sobre a qualidade de suas criações. Eles se questionavam como o ser humano podia novamente tornar-se um com as leis de suas criações transcendendo suas vontades pessoais (RUOF, 1975).

Pode-se observar que nos processos de criação da natureza e do homem, o equilíbrio e a harmonia de suas produções “será tanto maior quanto o criador seguir o percurso ditado pelo próprio vir a ser da criação, ou seja, quanto mais ele se entregar ao que **quer ser** na sua obra, à força intrínseca à própria obra, abdicando da sua vontade pessoal” (NOGUEIRA, 2003, p.19).

É desta forma que o processo de criação se dá não só na natureza mais em tudo que o homem produz. Por consequência, entendendo a dança como sequência de movimentos ordenados no tempo pelo homem, pode-se dizer que sua criação artística será tanto mais eficaz quanto mais seu criador imergir, com seu pensamento intuitivo e sua habilidade criadora, nas leis intrínsecas a esta linguagem artística (NOGUEIRA, 2003).

Seguindo este pensamento poder-se-ia adentrar em muitos campos da produção humana, como por exemplo: a psicologia. Um psicólogo terá tanto maior êxito no tratamento psíquico de um paciente, quanto mais for capaz de suspender seu próprio ponto de vista e mergulhar no universo da mente do paciente, ou seja, quanto mais ele for capaz de realizar o que os psicólogos da “*Gestalt terapia*” chamam de redução fenomenológica. Este princípio de alteridade, quando se é capaz de enxergar o mundo pelos olhos do outro, sem interpretar ou valorar qual o significado das coisas para o paciente torna o terapeuta capaz de observar a revelação do fenômeno psíquico do paciente em si, sendo possível um melhor encaminhamento deste (KIYAN, 2009).

Acredita-se que em qualquer campo da criação humana, portanto também as artes deva haver a exigência de um rigor que fundamente a pesquisa do artista. É preciso que se busque a essência da obra a ser criada, para além da arbitrariedade ou gosto pessoal (NOGUEIRA, 2003).

A Eurytmia pretende pesquisar com o mesmo rigor os movimentos imanentes à obra que se propõe a revelar em forma de “*dança*”. Para isso, pretende desenvolver metódica e sistematicamente, o “*corpo etérico*” ou “*vital*” como instrumento de percepção capaz de detectar o devir daquilo que se propõe a “*dançar*” (NOGUEIRA, 2003).

Portanto, a Eurytmia possibilita ao seu criador desenvolver um instrumental

para mergulhar nas forças vitais intrínsecas e vigentes no fluxo dos movimentos que faz a obra de arte adquirir vida, percebendo-a fenomenologicamente e sendo capaz de revelá-la como movimento interno que vive na obra a ser dançada (NOGUEIRA, 2003).

Desse modo, a Eúritmia propõe desde seu início um conjunto de movimentos como uma “*dança*”, portanto, uma arte, cuja principal característica é conduzir-se segundo os paradigmas do primeiro corpo suprassensível do ser humano, o “*corpo etérico*” (NOGUEIRA, 2003).

O nome Eúritmia foi proposto por Marie Steiner para essa “*nova dança*” que surgia, mas existe como palavra e como conceito desde a Época Clássica, na Grécia. Em sua obra de nome “*Kanon*”, o conceituado escultor de Argos, *Polykleitos* (440 A.C.), definiu extensamente o conceito “*Eurythmia*,” como: o equilíbrio de forças atuantes no corpo humano; “*eu-rhythmós*” – o ritmo equilibrado, belo, harmonioso é uma categoria estética oculta das Artes Plásticas. Também o arquiteto romano *Vitruv* (25 A.C.) utilizou o conceito de “*Eúritmia*”, relacionando-o com a harmonia na arte de construir (<http://www.abre.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Na Época Clássica de *Weimar* (1786-1832), surge novamente o nome “*Eurythmie*”, cujo conceito é definido por *Herder*, como: “a ordem benfazeja de um centro em relação a dois extremos” (<http://www.abre.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Ao retomar esse termo quando da criação da nova expressão artística do movimento baseada na Antroposofia, 2.500 anos depois do “*eu-rhythmós*” da Grécia, empreendeu-se uma ampliação de seu conceito definindo-o, como: as forças que configuram as formas plásticas da escultura e da arquitetura que são transformadas em movimento, ou seja, libertas! Com o acréscimo do elemento temporal ao conceito outrora espacial, a Eúritmia de Rudolf Steiner passa a revelar um acontecimento plástico-musical. A Eúritmia desvela as forças atuantes na forma humana quando seu corpo “*dança*” a poesia ou a música (<http://www.abre.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Os acontecimentos no ambiente da dança durante o século XX são tantos e de tamanha complexidade que seria impossível poder descrevê-los todos aqui. As várias correntes surgidas neste período tinham umas um caráter mais artístico e outras eram mais voltadas para o estudo do movimento, cada qual fundada no indivíduo que a conduzia (GÖBEL, 2005).

Ao longo do tempo, vê-se então, a dança percorrer um caminho do ato devocional das forças suprassensíveis do Cosmo e da vida à exploração máxima das habilidades corporais do dançarino, até nascerem expectativas do surgimento de uma nova expressão de movimento. Esta “*nova dança*” - chamada Eiritmia, que se pretende como arte processual, é capaz de recriar coreograficamente o desenrolar das forças da natureza que proporcionam ao ser humano um novo tipo de comunhão com as forças sutis do Universo (GÖBEL, 2005).

### 3.2 Campos de atuação da Eiritmia

Em 1912, atendendo ao anseio de uma jovem por um “*tipo de dança ou ginástica*” que pudesse se harmonizar com o conhecimento espiritual do ser humano, Rudolf Steiner deu as primeiras indicações para a criação de uma nova expressão artística de movimento, baseada na concepção de mundo e na visão do ser humano segundo o “*Conhecimento Espiritual*” Antroposófico (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Foi a jovem *Lory Meyer-Smits*, com seus 19 anos, que desenvolveu os primeiros elementos dessa nova arte, sempre sob a orientação de Rudolf Steiner e, muito em breve, com a participação de *Marie Steiner von Sivers*. Logo a seguir, uniram-se a ela outras personalidades que participaram da ampliação paulatina dos elementos dessa nova dança, mesmo durante a 1ª Guerra Mundial o trabalho se manteve secretamente (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Se inicialmente o desenvolvimento da Eiritmia se deu através do contato pessoal entre as eiritmistas, já em 1922 se percebeu a necessidade de se ordenar e sistematizar os conteúdos desenvolvidos para a constituição de uma espécie de Conservatório de Eiritmia. Foram então organizados alguns cursos por *Alice Fels*, agora por períodos mais extensos (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Em 1923 surgiu a “*Escola de Eiritmia de Stuttgart*”, sob a direção de Marie Steiner. Em 1924, fez-se necessário que Rudolf Steiner reunisse em dois grandes cursos o conteúdo das pesquisas desenvolvidas até então. Foi assim que ele proferiu de 19 a 27 de fevereiro as 8 palestras do curso de Eiritmia como “*Canto Visível*”, e de 24 de junho a 12 de julho de 1924 as 15 palestras do curso de Eiritmia como “*Fala Visível*”, que constituem a obra básica da Eiritmia (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Nesse mesmo ano Rudolf Steiner elaborou juntamente com os professores da Escola de Eritmia um currículo para a formação do euritmista, no qual constavam as seguintes matérias: Métrica e Poética, Teoria Musical, Geometria, Antropologia (com enfoque na anatomia, na formação e desenvolvimento dos órgãos, nas múltiplas relações de movimento, na relação do esqueleto com as leis musicais e na formação da fala pela laringe), Canto e Recitação, Pedagogia e Antroposofia. Em 1935 a direção dessa instituição é dada a *Else Klink* (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Durante a 2ª Guerra Mundial o trabalho com a Eritmia continuou de forma oculta, como em “*catacumbas*”. Com o término da guerra retomaram-se as atividades artísticas para o palco até que, em 1946, a “*Escola de Eritmia de Stuttgart*” reassumiu seus trabalhos (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Com o passar dos anos outros euritmistas também vieram a ministrar inúmeros cursos e publicar seus trabalhos em livros ou artigos, inclusive sobre sua aplicação pedagógica e terapêutica.

Atualmente existem diversas “Escolas de Formação de Euritmistas”, principalmente na Europa (Alemanha, Suíça, Inglaterra, Holanda, Áustria, França), mas também na Escandinávia, Estados Unidos, Rússia, Argentina e Brasil. A maioria das Escolas de Eritmia busca seu reconhecimento pela *Seção das Artes Oratórias e Musicais do Goetheanum*, em Dornach, Suíça, para oferecer aos seus estudantes um diploma reconhecido pela *Escola Superior Livre de Ciência Espiritual* (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

A formação em Eritmia Artística tem duração variável entre 4 e 5 anos, quase sempre em período integral. Uma especialização em Eritmia Pedagógica ou Eritmia Curativa ou Terapêutica pode ser feita após o curso básico, incluindo períodos de estágio em escolas ou hospitais. (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Em 1919, foi fundada a primeira Escola Waldorf e a Eritmia foi incluída como matéria obrigatória e essencial no currículo do Ensino Infantil ao Ensino Médio, promovendo a adaptação de seus elementos para a pedagogia, dando origem à Eritmia Pedagógica (NOGUEIRA, 2003).

Também com o desenvolvimento da Medicina Ampliada pela Antroposofia, Rudolf Steiner deu inúmeras indicações para uma aplicação terapêutica dos

elementos eurítmicos, proferindo 8 palestras, de 12 a 18 de abril de 1921, que constituem o curso de Eurytmia Curativa ou Terapêutica (NOGUEIRA, 2003).

A Eurytmia Curativa ou Terapêutica tem tido aplicações altamente eficazes no tratamento das mais diversas enfermidades (KIRCHNER-BOCKHOLT, 2009). Terapeuticamente, vemos que os movimentos que reproduzem em âmbito corporal amplo o movimento interno que cada fonema específico produz no aparelho fonador têm a propriedade de reconduzir os processos vitais do órgão ou sistema enfermo (NOGUEIRA, 2003). Dessa forma, pode-se dizer que os gestos de fonemas isolados ou em uma determinada sequência atuam de modo a regenerar a saúde do organismo, reorganizando suas funções vitais, fazendo-o curar de certas doenças (NOGUEIRA, 2003).

Figura 32 – Sessão individual de Eurytmia Terapêutica



Fonte: <http://www.rssm.ch/ueber-uns/lehrerinnen/>

Os resultados dessa terapia nos dirigem ao grande mistério ao qual Steiner se refere:

o caráter de verbo criador, o poder transformador da saúde, portanto da vida, existente na palavra como também, de modo específico, no fonema. Além disso, a eficácia da Eurytmia Terapêutica no tratamento das doenças aponta para uma real correspondência entre o movimento eurítmico da palavra ou do fonema e a vida ou verbo criador que a ela subjaz (NOGUEIRA, 2003, p.58).

No âmbito da Arte, formaram-se muitos “*grupos de palco*”, como são chamadas às companhias de dança eurítmica – “*Stage groups*” ou “*Bühnengruppen*”, para a ampliação da arte eurítmica através de espetáculos de Eiritmia, sendo alguns de renome internacional, como: o *Eurythmeum Stuttgart* e o *Eurythmie-Bühne Hamburg* (Alemanha), o *Goetheanum Bühne* (Suíça), o *Nederlands Eurythmie Ensemble* (Holanda), o *Spring Valley Eurythmy Group* (USA), o *Ashdown Eurythmy Theatre* e o *Peredur Eurythmy Group* (Inglaterra), o *Fundevogel* (Áustria), o *Järna Eurythmie Gruppe* (Suécia), o *Grupo de Eiritmia de São Paulo* (Brasil), entre outros (NOGUEIRA, 2003).

Figura 33 – Spring Valley Eurythmy Ensemble, NY – USA



Fonte: <http://www.eurythmy.org/>

Décadas mais tarde, nos anos 70 – 80 do século XX surgiu na Holanda, o trabalho com a Eiritmia para operários e empresários, denominada como Eiritmia Empresarial ou Social. Desde então este novo ramo de atuação vem se expandindo em muitos outros países como: a Alemanha, a Inglaterra, a Suíça, os Estados Unidos e outros (NOGUEIRA, 2003).

A Eiritmia Social visa criar ou sensibilizar o corpo para ouvir o fluxo do movimento. Acordar a percepção do mundo das costas, aonde o social vive na possibilidade de escutar o outro, o desconhecido. Perceber a sincronidade do movimento do grupo e estar atento às conexões criadas entre o indivíduos, são alguns dos principais aspectos desenvolvidos neste tipo de trabalho (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Inúmeras pesquisas nas áreas da Educação e da Medicina de inspiração antroposófica levaram à adoção da Eurytmia no currículo das mais de 700 Escolas Waldorf em todos os continentes e como complemento terapêutico em diversos tipos de tratamento de saúde (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

Figura 34 – Eurytmia Social



Fonte: <http://www.rsct.ca/index.cfm?id=40664>

Para Steiner, a Eurytmia como arte se propõe a descobrir os movimentos intrínsecos da linguagem poética e da música, como estes se configuram no fluxo da fala e no desenvolvimento dos sons, com todos os seus matizes de sentimentos, levando também em consideração os conteúdos específicos expressos pelo poeta ou pelo compositor.

Segundo a concepção steineriana da Eurytmia, esse elemento artístico-plástico da fala e da música é transposto para o espaço cênico através do movimento coreográfico no espaço e do gestual, principalmente, dos braços, sendo complementado pelas cores das indumentárias e da iluminação. Simultaneamente com recitação ou música ao vivo a Eurytmia “*dança*”, assim, o desenvolvimento dos sons de poesias e músicas em toda sua complexidade (<http://www.sab.org.br/> Acesso em agosto, 2014).

### 3.3 Principais elementos da Eurytmia Pedagógica

No primeiro quarto do século XX, Rudolf Steiner ofereceu vários estudos sobre a origem e o significado espiritual da Arte. Ele articulou e demonstrou sobre a capacidade transformadora da Arte praticada como experiência espiritual. O trabalho artístico de Steiner foi produto do seu grande esforço de tornar o mundo espiritual visível (HOWARD, 1998).

Quando Steiner palestrava sobre Arte, sempre enfatizava que em geral ela poderia atuar na restauração das capacidades para as atividades espirituais, as quais ele sentia estarem enfraquecidas durante aqueles tempos da 1ª guerra mundial (HOWARD, 1998).

Em contraste com a consciência do mundo moderno ocidental, caracterizado pelo materialismo e pela incapacidade de conhecer realidades espirituais, Steiner afirma que para qualquer pessoa o caminho de desenvolvimento espiritual mais promissor de resultados positivos é a prática espiritual da Arte (HOWARD, 1998).

Sua extensa atuação em relação às artes desvendou para a consciência moderna a função primordial do criar artístico. “Nela o homem desenvolveu uma consciência processual, aprendeu a viver no fluir da vida, aprendeu a pôr o vigor de sua ação a serviço da corrente criadora do mundo, inseriu-se no atuar de leis universais” (NOGUEIRA, 2004, p.1).

No verdadeiro criar artístico o ser humano vivência um poder amplo, que transcende sua subjetividade, seu egoísmo, conhecendo então o processo que unifica o mundo da matéria ao mundo ideal. E uma vez inserido no fluir dos processos, ele aprende a ouvir o desenvolvimento necessário, a “*ouvir*” o futuro! (NOGUEIRA, 2004).

O principal objetivo de Steiner em suas palestras sobre a Arte era mostrar vários modos de transformar a atividade artística profana em uma atividade espiritual. Para ele a Arte poderia ser o meio capaz de relacionar a essência espiritual do indivíduo com a do universo (HOWARD, 1998).

Em sua visão sobre a missão da Arte como atividade espiritual Steiner descreve a seguinte situação: a Arte é como a descrição de um viajante sobre sua viagem a uma terra estrangeira. Ela possivelmente inspirará outros a irem visitar esses lindos lugares, mas como cada um chegará lá e o que cada um irá experienciar será único para cada indivíduo (HOWARD, 1998).

Por essa razão, as artes ocupam uma posição tão essencial na Pedagogia Waldorf, já que esta se dedica não só à informação, mais também à formação do ser humano em crescimento. E por considerar o ser humano como um ser dotado de corpo, alma e espírito, todos os esforços pedagógicos devem ser empreendidos para tornar o desenvolvimento físico e fisiológico da criança saudável, para ampliar a sensibilidade da alma e para permitir a expressão criativa, individual da personalidade que se consolida. As artes têm aí um papel central e insubstituível (NOGUEIRA, 2004).

Qual é, então, a particularidade da arte da Eurytmia no contexto pedagógico?

Em primeiro lugar a Eurytmia precisa “*afinar o seu instrumento*” para tornar-se Arte. Seu instrumento é o ser humano integral. Esta “*afinação*” do ser humano em sua plenitude se dá no tocante ao trabalho com o corpo (NOGUEIRA, 2004).

Nas aulas de Eurytmia a criança dança poesias, histórias, músicas, pondo seu corpo, dessa maneira, a serviço das ideias de grandes gênios da humanidade. Ao fazê-lo, ela está com certeza se inserindo nas mais severas leis de ritmos, de contração e expansão, que fundamentam sua saúde. Ao mesmo tempo, está aperfeiçoando sua relação com as dimensões do espaço, já que coreografar uma poesia implica em ocupar conscientemente o espaço segundo as leis da geometria (NOGUEIRA, 2004).

Os variados exercícios de destreza e multiplicidade dos conteúdos abordados, tanto poéticos como musicais, tornam o corpo da criança ágil, gracioso, expressivo e versátil. A complexidade das tarefas se apóia em habilidades pertinentes a cada faixa etária, sendo cada exercício uma conquista, um aprofundamento.

A Pedagogia Waldorf acompanha o desenvolvimento anímico infantil, trazendo-lhe grandes conteúdos advindos da história da humanidade. Em cada ano escolar, a criança recebe alimento anímico de acordo com o tipo de consciência que ela está desenvolvendo. As aulas de Eurytmia acompanham o currículo central dado pelo professor de classe. Daí sua importância crucial dentro dessa pedagogia (NOGUEIRA, 2004).

Se, ao educar, estamos formando homens do futuro, temos que lhes dar as condições amplas que harmonizem e enobreçam o seu corpo, que sensibilizem sua alma às nuances do mundo, que permitam ao seu “*Eu*” estar presente e produtivo, segundo sua própria deliberação. Pois a sociedade vindoura só será digna se nela puder atuar o homem individual

pleno, e se ele souber pôr o seu atuar, de modo altruísta, a serviço do desenvolvimento social (NOGUEIRA, 2004, p.1).

O cotidiano de uma escola Waldorf permite observar a utilização de diversos procedimentos artísticos na sala de aula durante toda a educação básica. Especialmente no período correspondente ao Ensino Fundamental, percebe-se que a pintura em aquarela e o uso de diversos tipos de narrativa – contos, mitos, biografias – norteiam a ação docente como base para o planejamento diário. A Eurytmia tem a responsabilidade de permear esses conteúdos de movimento vivo, de torná-los expressão artística para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (NOGUEIRA, 2004).

Todos esses elementos artísticos e, principalmente a Eurytmia, se explicam por meio de dois pressupostos teóricos tomados por Rudolf Steiner como fundamentação da Pedagogia Waldorf: a “*Cosmovisão Goethiana*”, que propõe que se utilize a arte como metodologia para a aquisição de conhecimento; e a visão de Schiller sobre a necessidade de uma educação estética do ser humano (NOGUEIRA, 2004).

#### 4 CURRÍCULO DA PEDAGOGIA WALDORF

As indicações deixadas por Rudolf Steiner relativas à elaboração do currículo da Escola Waldorf foram reunidas em 1925 por Caroline von Heydebrand e expostas de forma resumida ao público na publicação *Vom Lehrplan der Freien Waldorfschule (Do currículo da Escola Waldorf Livre)*. Mais tarde surgiu outra publicação denominada *Angaben Rudolf Steiners für den Waldorfschulunterricht (Indicações de Rudolf Steiner para o ensino em Escolas Waldorf)*, de E.A.K. Stockmeyer. Ambas as publicações foram redigidas com devida cautela para não se tornar um conteúdo programático ou dogmático (RITCHER, 2002).

O significado do currículo Waldorf é descrito por Caroline von Heydebrand da seguinte forma:

O currículo ideal deve acompanhar a imagem, que se transforma, da natureza humana em formação nas diferentes faixas etárias, porém, como ocorre com todo ideal, ele se confronta com a plena realidade da vida e tem de adaptar-se a ela. Há diversos aspectos que dizem respeito a esta realidade: a individualidade do professor que esta diante de uma classe; a própria classe com todas as características individuais de cada aluno; o momento histórico e a localização geográfica, com as suas respectivas autoridades e com as leis que regem o ensino daquela região onde se encontra a escola que pretende concretizar o currículo. Todos esses fatores alteram o currículo ideal e engendram mudanças e entendimentos, e a missão pedagógica, que nos é colocada pela essência do ser humano em desenvolvimento, só poderá ser realizada se o próprio plano de ensino trazer em si mesmo capacidade de movimento e flexibilidade (RITCHER, 2002, p.3).

A Pedagogia Waldorf foi orientada a partir da visão antropológica desenvolvida por Steiner, fundamentada em um estudo empírico moderno e ampliado pelo conhecimento da realidade suprassensível do anímico-espiritual. Por meio desta visão, torna-se possível compreender de forma diferenciada as fases evolutivas da infância e adolescência, no decorrer das quais se desdobram e se transformam as relações com o mundo e a disposição para o “*aprender*”. Os conteúdos do ensino devem verdadeiramente estar relacionados com a faixa etária dos alunos (RITCHER, 2002). Por este motivo, a composição de cada grau obedece estritamente o princípio da faixa etária independente de qualquer norma de rendimento.

Os professores Waldorf tomam por missão o estímulo consciente e abrangente do ser humano em desenvolvimento nos âmbitos da aprendizagem, da

criatividade e também da formação da personalidade. Dessa forma, os conteúdos das matérias para a obtenção de conhecimento cognitivo, assim como biológico, tecnológico e artístico, têm o mesmo valor ou peso (RITCHER, 2002).

Tobias Ritcher nos diz que o trabalho educacional não deve basear-se apenas em aspectos preliminares de uma bem sucedida transmissão de conhecimento, mas também no “efeito a longo prazo” dos elementos do currículo em andamento para que mais tarde se possa amadurecer e aperfeiçoar ainda mais o que foi aprendido e vivenciado em um dado momento. É preciso que se plantem sementes com relação aos conteúdos e a estrutura de ensino, para se estimular e preservar a vontade espontânea em aprender, o espírito investigativo, a disposição para a atividade criativa e para participação na formação social.

Em sua reflexão sobre os pressupostos de Steiner, ele coloca que a educação tem que possuir algo da multiplicidade da vida social, cultural e econômica em sua forma curricular e na praxe diversificada do ensinar e exercitar para realmente poder ser reconhecida como instrumento de desenvolvimento e transformação da humanidade.

A liberdade de ensino jaz como premissa e condição humana para a realização real da missão “*Educação para a Liberdade*”. Toda escola que pretende ser viva e atual deve estimular seus professores a desenvolverem continuamente seus métodos e currículos (RITCHER, 2002).

#### **4.1 Aspectos gerais do currículo**

A estruturação do currículo, do horário escolar e a escolha dos temas para as aulas de cada disciplina procuram levar em conta o transcorrer rítmico do ano letivo, da semana, do dia e procuram respeitar a alternância natural entre repouso, prontidão, assimilação e necessidade de movimento (RITCHER, 2002).

Dentro deste panorama curricular Ritcher destaca que as matérias teóricas, artísticas e práticas são agrupadas de forma que o trabalho em sala de aula possibilite essa alternância, incluindo intervalos que proporcionem a assimilação duradoura do aprendizado das disciplinas.

Nesta abordagem, a metodologia de ensino e a aprendizagem se baseiam na sequência rítmica das três etapas de cada processo autônomo: **no reconhecimento, na compreensão e o domínio dos conteúdos**. “1) vivenciar,

observar, experimentar; 2) recordar, descrever, caracterizar, anotar; 3) processar, analisar, abstrair, generalizar (elaboração de teorias)” (RITCHER, 2002, p.9).

Vale ainda ressaltar que segundo Ritcher não há necessidade de se chegar até a terceira etapa em uma só aula. Primeiro ocorre à vivência, depois a descrição, então se intercala uma pausa, por meio da qual o aluno pode se distanciar daquilo que assimilou e apenas no dia seguinte a última fase se concretiza.

Dessa maneira, o autor nos diz que a Pedagogia Waldorf procura respeitar a polaridade entre o sono e vigília, uma vez que o desenvolvimento de capacidades não só cognitivas, mas também anímicas, pressupõe uma oscilação entre aprender e esquecer, consciência e inconsciência que serão possibilitadas pela alternância do teórico, artístico e prático.

Com estes parâmetros de estruturação curricular alcança-se o princípio da Pedagogia Waldorf que é: “fazer com que o ser humano inteiro participe do processo de aprendizagem” (RITCHER, 2002, p.10).

Para a Pedagogia Waldorf o processo de aprendizagem é tão importante quanto o resultado final, e nela o ensino só ocorre através de um contato direto, vivo e verdadeiro entre professor e aluno. Nesse sentido, a Arte deve ser utilizada como processo de ligação ativa entre conhecimento e ação, assim como Schiller lhe atribuiu (Cf. *Briefe zur ästhetischen Erziehung des Menschen - Epístolas sobre a Educação Estética do Homem*). “O ser humano deve permear a busca do conhecimento com o amor pelo saber, de tal forma, que nessa atividade, ele se comporte como o artista criador ou como aquele que vivencia uma obra de arte e assim a reproduz em seu íntimo” (RITCHER, 2002, p.11).

Na Pedagogia Waldorf trabalha-se com duas ideias de currículo: o *currículo horizontal*, que pretende expressar a sintonia didática entre as diversas matérias e as diferentes faixas etárias das crianças e adolescentes. E o *currículo vertical*, que pretende expor a sequência cronológica dos conteúdos e das transformações, ou seja, a evolução das metas pedagógicas dentro de uma determinada disciplina (RITCHER, 2002).

Na primeira ideia o enfoque deve ser sempre a criança e sua evolução física, anímica e espiritual, a criança constitui o verdadeiro currículo. Já o segundo enfoque exige do professor constantes pesquisas pedagógicas baseadas na fase evolutiva de cada criança e nas mudanças de cada época (RITCHER, 2002).

O currículo horizontal apóia-se no ponto de vista antropológico de

desenvolvimento da criança, com base na teoria dos setênios, para fundamentar os métodos e as didáticas de ensino utilizados na Pedagogia Waldorf. Segundo esta visão, a criança vivência durante sua vida escolar, três grandes ciclos de desenvolvimento e amadurecimento (ANDRADE, 2013).

A descrição do currículo vertical irá apresentar os conteúdos e metas pedagógicas aplicadas e desenvolvidas em todas as disciplinas ministradas em cada ano escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Sendo assim, a Eurytmia será a disciplina escolhida neste trabalho para ser descrita como exemplo do percurso curricular vertical utilizado pela Pedagogia Waldorf.

#### **4.2 A Eurytmia no currículo da Pedagogia Waldorf**

A Eurytmia e a Pedagogia Waldorf estão intrinsecamente ligadas, e assim uma compreensão profunda da Eurytmia inevitavelmente nos direciona à completude da educação da criança, e um verdadeiro entendimento da Pedagogia Waldorf nos aponta para a Eurytmia, como o conteúdo que mais se aproxima dos ideais do coração da educação Waldorf (DOWN, 2004).

Para o escritor e eurytmista Reg Down, a Eurytmia, como a água que flui, dissolve, unifica e torna a matéria maleável, transforma os conteúdos do currículo que tem a tendência de permanecer separados. Ela flexibiliza e mistura os elementos das diversas disciplinas que permanecem lado a lado, mas não se integram verdadeiramente.

Down relata que, quando a Eurytmia é introduzida na vida escolar da criança, também com ela o elemento da água passa a fazer parte do processo de aprendizagem. Os conteúdos passam a ser permeados pela “*água da Eurytmia*”, são dissolvidos, unidos e tornam-se maleáveis dentro da criança. No decorrer do crescimento da criança um elemento de vitalidade interior é acrescentado em seu processo de desenvolvimento, uma vez que a água é também responsável pela vida.

A vida é mais que a soma de diversas substâncias em um corpo. Algo imponderável, inacessível e ainda ao mesmo tempo muito concreto flui em um organismo quando este está vivo. A água é um mediador que promove as condições necessárias para a alquimia da vida, para que a substância da matéria seja permeada pelas forças do mundo etérico. Da mesma maneira, a Eurytmia promove

as condições para que os processos da vida espiritual sejam fortalecidos dentro da criança (DOWN, 2004).

Por sua natureza etérica e sua forte relação com o elemento da água a Eurytmia pode ser caracterizada como um mediador alquímico dentro dos domínios da educação. Como resultado das aulas de Eurytmia, ambos os professores de classe e de matérias específicas acham que os conteúdos trazidos por eles são mais bem assimilados pelas crianças, que passam a apresentar uma maior mobilidade interna, flexibilidade e destreza não só em suas habilidades, mas também na vida social do grupo (DOWN, 2004).

A Eurytmia é uma arte social, que em adição às suas outras virtudes já expostas aqui, também têm por objetivo cultivar uma vida social saudável entre os seus praticantes (DOWN, 2004). A Eurytmia se depara com a mobilidade das forças vitais que rodeiam o ser humano e movimenta o corpo físico do indivíduo de acordo com essas leis. Ela pode atuar de formas variadas no currículo das escolas Waldorf, como por exemplo, por meio: da imitação, da repetição por longos períodos de tempo, por empatia ou de forma consciente.

Cada uma dessas formas de fazer Eurytmia pode contribuir para o desenvolvimento do ser humano enriquecendo as forças vitais e a saúde daqueles que a praticam, sejam estes, crianças ou adultos (BARDT, 2008).

Segunda a professora de Eurytmia Sylvia Bardt, a Eurytmia feita primeiramente por meio da força da imitação é capaz de transformar aquilo que em cada ser humano é velho em sua essência, ou seja, o passado. A Eurytmia realizada a partir da esfera dos sentimentos é capaz de satisfazer as necessidades anímicas do aqui e agora, ou seja, modifica o presente. E feita de forma claramente consciente, mesmo que por iniciantes, realizada com a utilização das forças do Ego, é capaz de construir as forças do futuro para o mundo e para cada indivíduo.

Com o intuito de ativar no ser humano em desenvolvimento suas capacidades anímicas, adequando-as a cada fase de maturidade do indivíduo, é que a Eurytmia pedagógica elaborou seus elementos, tanto da fala como da música. A ideia é transformar o movimento do “*corpo etérico*” na força impulsionadora da expressão poética do ser humano e também a força mantenedora da vida salutar do organismo físico e social.

#### 4.2.1 Eúritmia na Educação Infantil

*“Se a criança é capaz de se entregar  
por inteiro ao mundo ao seu redor em sua brincadeira,  
então em sua vida adulta será capaz  
de se dedicar com confiança e força a serviço do mundo.”*  
Rudolf Steiner

Como já foi dito anteriormente, no primeiro setênio, as forças da individualidade estão localizadas na cabeça (pólo superior do corpo) e a tarefa nesse período é crescer e desenvolver os órgãos físicos que estão sendo formados, além de tornar o pensar independente (ANDRADE, 2013).

Com o nascimento, será iniciado o trabalho da individualização da criança, que se apropriará do corpo herdado, moldando-o e reestruturando-o conforme suas peculiaridades interiores. A criança refina seu instrumento físico, que é a corporalidade. Essa transmutação resulta na eliminação paulatina das substâncias herdadas, desde as células mais microscópicas, até os dentes, que é a parte mais dura do corpo. Isso tornará a criança cada vez mais autônoma (ANDRADE, 2013).

Nos primeiros anos de vida, a tríade composta por corpo, alma e espírito forma uma unidade na criança. Nessa fase, o “*corpo etérico*” constitui-se como o elemento mais importante, pois exerce sua influência por meio da cabeça, e à medida que a criança se desenvolve os períodos de vigília aumentam, e a criança passará mais tempo acordada e consciente. Assim, gradativamente a tríade será desfeita. Porém, enquanto essa unidade existir, as crianças ficam entregues aos seus processos vitais – alimentação, sono, movimentos descontrolados (ANDRADE, 2013).

Nesta fase de desenvolvimento da criança, ser e movimentar são uma única experiência. Seus sentimentos internos são como a realidade, objetos ao seu redor são seres vivos e ela tem uma percepção de si mesma que se mescla com o ambiente a sua volta (BARDT, 2008).

Desta maneira, pode-se afirmar que: “devemos cuidar atentamente de tudo que cerca a criança desta faixa etária, pois ela absorve todas as experiências sem nenhum tipo de filtro protetor” (BARDT, 2008, p.41). Sendo assim, devemos cuidar dos alimentos que ingerem, das roupas que vestem e também dos movimentos realizados em volta delas, pois grandes coisas são reveladas através do movimento humano.

Adultos são capazes de entender e decodificar movimentos. Crianças desta idade os sentem e os imitam. Estes movimentos ficam profundamente gravados em suas almas e imediatamente causam impactos na vida dos seus sentimentos (BARDT, 2008).

No entanto, sempre que absorvemos algo internamente isto é transmutado em forma. A nutrição é um exemplo deste fato. Se nos alimentamos mal temos um efeito negativo na formação dos nossos órgãos, assim pode-se dizer o mesmo da ingestão ou da digestão dos movimentos que apreendemos. A diferença desses dois processos é que a absorção de movimentos afeta muito mais profundamente não só o corpo físico das crianças como também sua vida anímica (BARDT, 2008).

Isto é verdadeiro para todos os movimentos, pois a criança dessa idade vive em incessante movimento. Ela pensa com suas mãos e pés.

O ambiente permeia a criança na medida em que ela, inconscientemente, imita o que percebe ao seu redor. Com o passar do tempo, essa imitação se torna consciente, e a criança imitará familiares, brincará de ser algum profissional e o impulso da imitação será baseado na identificação (BARDT, 2008).

O impulso eurítmico, contém movimentos não só do corpo, mas primeiramente parte de vivências interiores, por isso o euritmista que trabalha com crianças desta faixa etária devem apresentar uma atitude de “*despertar*” em sua alma, uma postura flexível e completamente sincera. O colorido anímico é passado do professor para a alma e corpo dos seus alunos através de seus gestos (BARDT, 2008).

O movimento do professor deverá envolver as crianças como uma manta. Seus movimentos harmoniosos deverão estar conectados com imagens genuínas e saudáveis, para que o espírito e a ação se unam em harmonia no ser da criança. Aí nasce o modelo arquetípico de humanidade! (BARDT, 2008)

Por isso, tem-se a responsabilidade de manter os movimentos em volta da criança com sentido e sentimentos verdadeiros e não mecânicos. Só assim, estaremos os alimentando com pão ao invés de pedras (BARDT, 2008).

#### **4.2.2 Eiritmia no Ensino Fundamental do 1º ao 8º ano**

*“No coração tece o sentir. Na cabeça luze o pensar.  
Nos membros vigora o querer. Luzir que tece.  
Tecer que vigora. Vigorar que luze:*

*Eis o ser humano”.*  
Rudolf Steiner

No Ensino Fundamental, a Eurytmia, assim como todas as outras disciplinas, irá acompanhar as diversas fases de desenvolvimento da criança. Seu currículo se desenvolverá de acordo com cada faixa etária, como um trabalho de arte.

Segundo o pensamento de Goethe, em sua obra a *“Metamorfose da Planta”*, todas as formas são similares, e nenhuma se assemelha a outra, sendo assim o coro ou o grupo aponta para uma lei secreta (GOETHE, 1970).

O pensamento descrito acima, sobre a *“Metamorfose da planta”* descreve o gesto fundamental da pedagogia, uma vez que esta pretende desenvolver sua prática baseando-se nas leis secretas que regem cada idade e que são reveladas de forma individual e diferenciadas por cada pessoa. Toda forma externa, assim como a alma e o espírito no ser humano apontam para leis secretas da humanidade, diferenciadamente em cada indivíduo. Os educadores estão continuamente questionando e pesquisando como aspectos generalizados se refletem na particularidade (BARDT, 2008).

Quando percebemos os processos de crescimento e tentamos imitá-los e dando forma e expressão a eles com cores, notas musicais, argila, madeira, pedra, ou através de palavras e movimentos \_ e dessa forma nos deparamos com a Arte (BARDT, 2008).

Quando o material dessa arte é o ser humano, em sua forma temporal e espacial completa; então esta criação artística não é música, pintura, escultura ou poesia, mas sim a arte da educação, que na Pedagogia Waldorf é compreendida como um processo contínuo de transformação e metamorfose. Desta forma o currículo Waldorf representa uma totalidade, um trabalho de arte, que deve ser lido a partir do desenvolvimento da pessoa em crescimento e direcionado para sua formação no mais amplo sentido (BARDT, 2008).

Os conteúdos a serem ensinados devem estar articulados entre si e relacionados com os conteúdos das outras disciplinas. Cabeça, coração e mãos – ciência, arte e religião – devem se conectar e estar em equilíbrio, se o ensino está antropologicamente fundamentado. Para que se faça justiça ao ser humano em desenvolvimento no fluir do tempo, o currículo deve ter uma afinada composição (BARDT, 2008).

Nos primeiros anos é preciso se trabalhar no âmbito da vontade, ou seja, do

fazer em atividades externas e através da imitação. Os anos intermediários da infância requerem uma atenta penetração no âmbito dos sentimentos, do sentir. Já os adolescentes necessitam de fortes desafios estímulos guiados pelo intelecto (BARDT, 2008).

No ensino da Eurytmia fica claro que ela é uma disciplina capaz de construir pontes entre diversos conteúdos, mas também dentro dos indivíduos conectando o pensar, sentir e o fazer. Pois se falta uma dessas atividades anímicas no movimento eurítmico ele pode tornar-se um simples movimento de ginástica ou dança (BARDT, 2008).

A Eurytmia pode ser elaborada da seguinte forma: no primeiro ano pode-se dar vida ao universo dos contos de fada através de movimentos em formação circular. Frações no quarto ano são trabalhadas nas diversas formas espaciais e em exercícios com palmas e passos, literalmente ajudam a criança a incorporar o conhecimento. No sexto e no sétimo ano em física, as primeiras leis da mecânica podem ser traduzidas na prática dos exercícios com bastões de cobre: para usar estes bastões de cobre, de mais ou menos um metro de comprimento, eles precisam adquirir grande precisão e habilidade em seus movimentos (BARDT, 2008).

Enfim, a Eurytmia trata os temas de cada idade e os desenvolve de forma integral no indivíduo ativando o pensar, o sentir e o querer. Se esse processo for bem sucedido pode-se dizer que a Eurytmia age como um tipo de “*fazedor de vidro*” para o inteiro processo de educação. Idealmente, a Eurytmia toma para si este desafio de criar em movimento um tipo de quinta essência dos mais diversos conteúdos (BARDT, 2008).

Abaixo descreverei os conteúdos eurítmicos aplicados em cada ano escolar do Ensino Fundamental.

## **1º Ano**

Sylvia Bardt (2008) descreve que no 1º ano a Eurytmia visa acordar as imagens da alma através de imagens do movimento. A conexão entre imagens internas e externas pode ser estabelecida por meio da “*mágica*” da imitação que ainda vive na essência da criança desta faixa etária.

Para a autora as crianças desta idade precisam ser acompanhadas por várias pessoas durante seu processo de aprendizagem. Elas aprendem por meio do

ambiente que as rodeiam. Nas aulas de Eurytmia elas sempre estarão em círculo, pois assim todos podem se ver. Cada criança sabe o local ao qual ela pertence, isso as traz segurança e confiança. Este hábito permite que movimentos livres se desvelem. O lugar marcado no círculo age como uma autoridade. Esse poder adquirido é um hábito que mantém a classe em boa ordem.

Bardt (2008) afirma que pelo poder da imaginação as crianças são completamente orientadas pelo professor. Elas vivem principalmente na periferia e são facilmente absorvidas pela atmosfera e os ambientes criados pelo professor. Os gestos fluem de imagens enriquecedoras para dentro de cada criança e lá se tornam movimentos singulares, com estilos individuais e até vontade própria.

Um grande tema no 1º ano é descoberta da direita e da esquerda. Leis universais se tornam posse da criança. Como o movimento de imitação penetra tão fortemente na criança, ela o expressa não somente no movimento do seu próprio corpo, mas também na maneira em como se desloca no espaço.

Figura 35 – Aula de Eurytmia no 1º ano do Ensino Fundamental



Fonte: [http://2lifeu.blogspot.com.br/2010/03/blog-post\\_23.html](http://2lifeu.blogspot.com.br/2010/03/blog-post_23.html)

Bardt (2008) relata que muito do que se faz nas aulas do 1º ano vive nas imagens e ambientes dos contos de fadas, com formas arquetípicas como o círculo, a linha reta e o espiral. Se pensarmos na escada espiral da torre do castelo da Branca de Neve, ou na estreita ponte que atravessa o riacho na história do Pequeno Irmão e da Pequena Irmã, ou dos pássaros voando em círculo, pode-se notar que as crianças se movimentarão individual e livremente acompanhadas de grandes imagens e obedecendo as leis das formas em geral.

Outro aspecto importante a ser considerado é que as crianças desta faixa etária “*se movimentam em direção a si mesmas*”. Ela chega a si mesma não a partir do espaço externo, mas sim a partir dos limites do seu próprio corpo. Seus movimentos nascem na periferia e vem ao encontro do centro, por isso na história humanidade existem tantos jogos, brincadeiras e exercícios com os dedos das mãos e os pés. É assim que, desde tempos imemoriais, as crianças são educadas (BARDT, 2008).

Pôde-se observar até agora quão poderoso o movimento instintivo da criança cresce da periferia, do ambiente em ela vive. O espaço nesta fase ganha uma enorme importância na memória da criança, ele tem uma função essencial enquanto o tempo não é tão relevante. O importante para o movimento da criança nesta idade é a referência espacial e não quanto tempo ela leva para realizar um percurso. No futuro, esta relação da criança com o tempo e o espaço será transformada, pois será a palavra que direcionará seu movimento e não o evento imaginado no espaço (BARDT, 2008).

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritcher (2002):

- Coreografias espaciais com retas, curvas, espiral e círculo.
- Os movimentos dos braços para as vogais e consoantes acontecem de forma imitativa, integrados com as narrações dos contos de fada.
- Pequenas melodias pentatônicas, o movimento do intervalo da quinta também são utilizados como acompanhamento dos contos de fada.
- Andar, correr, pular, saltar, bater com os pés.
- Exercícios de habilidade para treinar a motricidade fina, principalmente a diferenciação entre direita e esquerda.

## **2º Ano**

No 2º ano a atmosfera do círculo permanece juntamente com a narrativa, agora de fábulas e lendas, a diferença é que mais círculos podem ser formados e os grupos podem se movimentar de forma alternada. Gradativamente, os alunos sentem-se capazes e seguros de percorrer as formas espaciais sozinhos e podem tornar-se o centro das atenções.

Para Bardt (2008), no 1º ano o maior esforço estava em criar uma unidade saudável e entre outras coisas um “*lar para o espírito da classe*”. A maior

preocupação era a harmonia do grupo, da comunidade. No 2º ano o trabalho maior está na diferenciação e isto pode ser observado no exercício do “*Eu*” e “*Tu*” que propicia a percepção da individualidade e logo depois quando se trabalha a forma do “*Nós*” a completude do todo é restabelecida. Neste exercício em específico pode-se observar um forte elemento social de efeito terapêutico, pois cada indivíduo é muito importante para a manutenção do todo.

Figura 36 – Aula de Eurytmia no 2º ano do Ensino Fundamental



Fonte: [http://www.princetonwaldorf.org/programs/Eurythmy/grade\\_school](http://www.princetonwaldorf.org/programs/Eurythmy/grade_school)

A autora acima, afirma que no 2º ano a comunidade é formada a partir de várias atividades individuais. A existência do grupo é constituída da ação de cada indivíduo.

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritcher (2002):

- Aprofundando o conteúdo do 1º ano o trabalho com retas e curvas continua.
- Formam-se dois círculos e com isso surge a alternância de grupos no movimento das formas espaciais.
- Exercícios em duplas começam a ser desenvolvidos.
- Nos exercícios com música surgem pequenas danças em dois círculos, com um parceiro.
- Os exercícios de habilidades focando, principalmente, a lateralidade

continuam.

-Pequenas poesias acompanham as estações do ano ou épocas comemorativas.

### 3° Ano

No 3° ano a atmosfera do círculo e da imitação se mantém com a diferença que agora os exercícios se tornam mais longos, complexos e diversificados, pois tem sua meta direcionada para a aquisição da autonomia (BARDT, 2008).

Nesta faixa etária o ambiente já não faz parte da criança, ele não mais flui para dentro da criança. Aqui se inicia um gentil processo de separação da criança com relação ao mundo que a rodeia. Este processo terá seu desenvolvimento completo durante o próximo ano (BARDT, 2008).

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritcher (2002):

-Movimentos rítmicos com músicas e versos utilizando formas geométricas, como: triângulos e quadrados surgem em formato lúdico.

-Reconhecer auditivamente pequenos motivos musicais e as perguntas e respostas nas frases musicais.

-Primeiro reconhecimento de gestos tonais.

-Exercícios com as vogais.

-Continuam os exercícios de habilidades motoras e concentração.

-Vivência do intervalo da terça maior e menor.

Figura 37 – Apresentação de Eurytmia no 3° ano do Ensino Fundamental



## 4º Ano

No 4º ano, segundo Bardt (2008), o elemento central é a “*Separação do mundo ao redor*”. A partir desta vivência dramática é que tudo vai se organizar de uma nova forma para a criança, inclusive ela consigo mesma.

O “*Nós*” agora se torna o “*Eu*” e o “*Você*” com relação aos outros e o “*Eu*” e o “*Isto*” com relação à natureza.

Nas aulas de Eurytmia, Bardt (2008) descreve que esta separação será acompanhada com a aquisição de diferentes relações com o espaço. Agora o círculo do “*Nós*” será quebrado e o “*Eu*” terá que se colocar no espaço individualmente. Todas as crianças terão que pegar o centro comunitário do círculo vivenciado até então, e terão que colocá-lo dentro de si mesmas.

Antes no círculo as crianças trabalhavam com o movimento da respiração e agora estando frontais no espaço elas confrontam o mundo.

A partir disso, Bardt (2008) diz: que a frontalidade começa a existir e também a possibilidade da conscientização de um espaço nas costas ou atrás. Cada criança tem que trazer seu espaço da esquerda e da direita em equilíbrio com sua própria atividade. O céu está acima da cabeça e a terra abaixo dos pés.

Figura 38 – Apresentação de Eurytmia no 4º ano do Ensino Fundamental



Fonte: <http://www.cincinnatiwaldorfschool.org/cws-faculty-class-teachers-special-subject-teachers/>

Atualmente, em muitas escolas as classes de 4º anos são divididas em dois grupos para as aulas de Eurytmia, porque as crianças precisam de mais espaço e também porque elas precisam ser mais bem observadas pela professora desta disciplina. Nesta idade as crianças precisam se sentir notadas (BARDT, 2008).

“*Formas Apolíneas*”, constituídas por linhas retas, trazem a “*luz do pensar*” para o movimento no espaço, quando trabalhamos com gramática (BARDT, 2008).

Experienciando a gramática na Eúritmia a criança sai da palavra e entra no espaço: “*E a palavra se fez carne*”, nos diz o Evangelho de São João. Frações musicais quando andadas no tempo de duração das notas também trabalham com o “*elemento Apolíneo*”, de clareza e objetividade. Também começam os exercícios com bastões de cobre, gentilmente colocando seus corpos no espaço (BARDT, 2008).

Steiner descreve com relação ao desenvolvimento infantil nesta faixa etária, que a aprendizagem deva ser uma questão de trazer o pensamento da criança em uma conexão correta com o fazer e com a ação desta na área da vontade (BARDT, 2008).

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritcher (2002):

- Formas espaciais para vivenciar os elementos gramaticais (substantivo, verbos nas vozes passivas ou ativas).

- Formas espelhadas, exercícios de velocidade e agilidade motora.

- Exercícios rítmicos e de concentração.

- Poemas com aliteração.

- Gestos para todos os fonemas do alfabeto.

- Gestos da escala musical em do maior.

- Forma espacial da lemniscata em grupo (RITCHER, 2002).

Os próximos anos do 5º ao 8º ano, segundo Bardt (2008) são os anos mediadores, capazes de criar pontes de transição da adolescência para a juventude. Desta forma, os movimentos antes criados na periferia por meio da imitação se tornam cada vez mais profundos e centralizados. Gradualmente, o ensino deixa de ser pictórico e começa a trabalhar com fenômenos concretos.

Durante estes anos a vida anímica começa a ganhar intensidade e colorido e é preciso criar espaços para que a alma possa se expressar, ainda guiada pelo olhar cuidadoso do professor. Assim poemas que expressem reverência, devoção e formas espaciais que sejam pautadas nas leis da geometria se tornam grandes ferramentas de ensino para a Eúritmia.

Temas musicais românticos, dramáticos e intensos que sejam capazes de criar um ambiente substancial para que os gestos e movimentos dos alunos comecem a brotar de seu interior também são bastante utilizados.

Figura 39 – Aula de Eurytmia no 5º ano do Ensino Fundamental



Fonte: [http://www.enquirer.com/editions/2003/03/06/loc\\_waldorf06.html](http://www.enquirer.com/editions/2003/03/06/loc_waldorf06.html)

### 5º Ano

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritscher (2002):

- Formas espaciais mais complexas.
- Forma da estrela de cinco pontas realizada individualmente ou em grupo de cinco pessoas.
- Orientação frontal ao percorrer as formas.
- Textos das antigas civilizações e de línguas estrangeiras na Eurytmia da fala.
- Melodias e cânones a duas vozes.
- Passo trimembrado.
- Forma espacial do oito harmônico.

### 6º Ano

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritscher (2002):

- Transformação e transposições de formas geométricas no espaço.
- Exercícios de postura, coordenação motora e ritmo com bastões de cobre.
- Exercícios de desenvolvimento da percepção auditiva.

-Identificação de diversos elementos da teoria musical, como: compasso, ritmo, melodia e acompanhamento e altura de tom.

-Forma espacial de estrela de seis pontas realizada individualmente ou em grupo de seis pessoas.

- Forma espacial da estrela de cinco pontas realizada com um grupo de dez pessoas alternando linhas curvas e retas em seu percurso.

## 7º Ano

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritsher (2002):

-Translações mais complicadas de pentágonos, hexágonos, heptágonos e octógonos.

-Forma espacial da estrela de sete pontas realizada individualmente ou em grupo de sete pessoas.

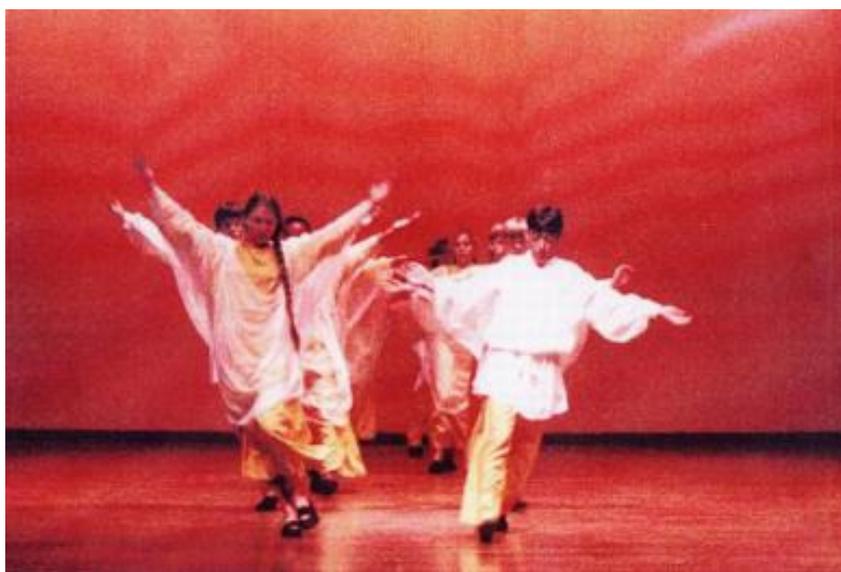
-Gestos dos intervalos musicais.

-Exercícios de autodomínio e concentração com bastões de cobre.

-Formas gramaticais são ampliadas por meio de movimentos dramáticos que expressam gestos anímicos.

-Elaboração de peças humorísticas.

Figura 40 – Apresentação de Eúritmia no 8º ano do Ensino Fundamental



Fonte: <http://home.mweb.co.za/fe/fedwald/training/eurcpt/>

## 8° Ano

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo RITCHER (2002):

- Trabalho intensivo com as tonalidades maiores e menores.
- Peças musicais mais elaboradas utilizando os intervalos musicais.
- Exercícios de destreza e habilidade motora com os bastões de cobre.
- Elaboração artística de poesias.

### 4.2.3 Eurytmia no Ensino Médio do 9° ao 12° ano

*“Não pode possuir a firmeza do querer quem não submeteu sua força de vontade a um verdadeiro exercício pela atividade artística.”*

Rudolf Steiner

No Ensino Médio, do 9° ao 12° ano, o conhecimento deve ser permeado pela consciência e pela compreensão cognitiva. As determinações do professor devem ceder espaço para o engajamento interior e a expressividade dos alunos, os quais devem aprender a utilizar-se dos elementos com consciência e autonomia (RITCHER, 2002).

O currículo deve ser criado a partir de cada indivíduo. O conteúdo que é internalizado é o que dá suporte ou segura a percepção das coisas do mundo integradas.

A Eurytmia deve ser vivenciada pelos jovens como arte expressionista. A percepção do suprasensível se torna cada vez mais elaborada possibilitando aos alunos a capacidade de expressar o mundo sensível através da arte (RITCHER, 2002).

Os temas polares, como: morte e vida, guerra e paz, são os que mais chamam a atenção dos jovens e os impulsionam em seus questionamentos internos e os motivam em suas criações artísticas (RITCHER, 2002).

## 9° Ano

O 9° ano é o momento de transição do Ensino Fundamental para o Ensino

Médio e muitos aspectos anímicos também estão em transição dentro dos adolescentes desta faixa etária. Eles vivem em seus sentimentos e estes sentimentos vivem na polaridade, ou seja, ora eles estão radiantes e ora sombrios, ora são barulhentos e depois no momento seguinte estão pensativos. Os adolescentes nesta fase estão buscando nos seus impulsos internos a motivação para o movimento (BARDT, 2008).

Figura 41 – Apresentação de Eurytmia do Ensino Médio



Fonte: <http://www.micael.com.br/blog/paracompartilhar/2013/11/05/i-festival-brasileiro-de-eurytmia-jovem-no-colegio-micael/>

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritsher (2002):

- Dinâmica na fala, música, movimentos espaciais; conhecer contrastes.
- Conhecer diversas poesias e poetas.
- Tomar consciência da estrutura e da geometria do próprio corpo.
- Dar expressão individual aos movimentos.
- Criar harmonias.

### **10º Ano**

No 10º ano passam a ser reconhecidos de forma diferente pelos professores, eles agora estão mais autônomos e são capazes de começar a exercitar suas

tomadas de decisão individualmente. Nesta idade os alunos buscam se compreender como indivíduos únicos e se encontram em constantes questionamentos sobre suas escolhas e modos de agir. Eles precisam conhecer e se apropriar dos seus aspectos anímicos (seu pensar, seu sentir e seu agir). Eles estão começando a descobrir como se expressar como indivíduos (BARDT, 2008).

Figura 42 – Apresentação de Eurytmia do Ensino Médio



Fonte: <http://ezisgyor.blogspot.com.br/2014/01/egyedulallo-mozgasmuveszet-102-eves-az.html>

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritche (2002):

- Participação dos alunos na escolha das peças e poemas e na elaboração da coreografia.
- Gestos para os acordes maiores, menores e dissonânticos.
- Polifonia.
- Fortes movimentos melódicos e gestos dramáticos.
- Exercitar contrastes.
- Formas musicais clássicas.

### **11° Ano**

No 11° ano o aluno experiencia sua chegada ao centro de si mesmo, ele chega ao âmbito do auto-conhecimento, da auto-educação. Segundo Bardt (2008),

este é o ano escolar de maior introspecção do indivíduo. O foco dos jovens dessa idade está no tornar-se, no conhecer o caminho a ser percorrido e na prática de algo, sem nenhuma preocupação ou motivação externa, só a intenção de descobrir-se a si mesmo.

A autora relata que os alunos desta idade trabalhando artisticamente através da Eurytmia, são capazes de usar seus corpos como instrumentos para expressarem seus sentimentos e pensamentos. Por meio da arte, o indivíduo é capaz de atingir níveis profundos de auto-percepção e auto-educação.

Figura 43 – Apresentação de Eurytmia do Ensino Médio



Fonte: <http://mundodosolhares.blogspot.com.br/2010/06/eurytmia.html>

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritzer (2002):

- Movimento dos planetas.
- Dinâmica das cores.
- A linguagem dos gestos.
- Poesias de diversos estilos.

## 12º Ano

No 12º ano o jovem deve ser capaz de fazer uso de todos os elementos eurítmicos aprendidos durante toda sua vida escolar de forma harmônica e estética.

Ele deve conhecer profundamente as regras e leis que regem a arte da Eurytmia e deve ser capaz de elaborar seus gestos e movimentos por meio desses fundamentos (BARDT, 2008).

Neste ano, o aluno deve ser autônomo em seu processo investigativo de elaboração coreográfica, sabendo compreender e interpretar suas próprias percepções e sendo capaz de relacioná-las com o material escolhido para o trabalho artístico (BARDT, 2008).

É muito interessante também ter a possibilidade de neste último momento com os alunos, antes que eles saiam para o mundo fora da escola, poder fazer uma grande retrospectiva de tudo o que lhe foi ensinado durante esses doze anos para que ele agora adquira um entendimento consciente do seu próprio processo educativo (BARDT, 2008).

Figura 44 – Apresentação de Eurytmia do Ensino Médio



Fonte: <http://www.artemedica.it/antroposofia/>

Segue abaixo possíveis conteúdos de Ensino, segundo Ritzer (2002):

- Exemplos de músicas e poesias modernas.
- Compreensão da Eurytmia como arte moderna.
- Eurytmia como síntese de impressionismo e expressionismo.
- Eurytmia como manifestação da relação entre o ser humano e o universo, através dos gestos zodiacais.

### **4.3 As correlações dos primeiros quatro anos do Ensino Fundamental com os quatro últimos anos do Ensino Médio**

Para Bardt (2008) a unidade curricular da Eurytmia é construída com base na relação existente entre a faixa etária e o material didático do ensino, mas ela ainda nos chama a atenção para outra correlação – a relação respectiva entre cada sessão de aprendizagem umas com as outras, onde o conteúdo dos anos escolares do Ensino Médio espelha ou se correlaciona com os aspectos de aprendizagem desenvolvidos nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Deve-se ter em perspectiva que, conforme Bardt aponta, o desenvolvimento do currículo em sua progressão sucessiva de acordo com cada ano escolar não está baseado em um processo de empilhamento de conhecimentos, mas deve sim ser vivenciado como algo possível de correlacionar a aprendizagem ocorrida no primeiro ano com o que se almeja alcançar no último ano escolar.

No caso da Eurytmia em específico, estes aspectos do conteúdo que a autora correlaciona são aspectos anímicos de percepção de si mesmo e do mundo ao seu redor que a criança começa a desenvolver na infância e conclui ou complementa na juventude.

Desta forma, serão apresentadas a seguir as correlações feitas por Sylvia Bardt (2008) existentes entre os elementos euritmicos utilizados no processo de ensino dos quatro primeiros anos escolares do Ensino Fundamental com os respectivos conteúdos abordados nos quatro últimos anos do Ensino Médio.

Primeiramente, serão abordadas as relações entre o 1º ano e o 12º ano em seus elementos euritmicos de aprendizagem. Como já descrito anteriormente, no 1º ano a criança vive na periferia, tanto em relação ao espaço do círculo como em relação à imitação dos gestos e movimentos do professor. Estes são os aspectos vivenciados na formação circular da estrutura das aulas de Eurytmia para esta faixa etária. Estas são as principais forças desenvolvidas neste período e devem ser entendidas como atividades individuais do “*Eu*”, ou seja, é no trabalho de fortalecimento das atividades do “*Eu*” que a Eurytmia deveria atuar neste momento (BARDT, 2008).

No 12º ano, com os alunos de 18 anos de idade, a forma física está totalmente desenvolvida e deve ser entendida como um instrumento que necessita ser afinado e coordenado com o uso que se faz deste. Esse processo agora não é

mais externo, mas deve ser um movimento interno que se direciona para o lado de fora. Somente quando é achado um impulso interno, uma motivação interior, que os braços e pernas, as mãos e pés, adquirem a coordenação necessária para a criação do movimento artístico (BARDT, 2008).

No primeiro ano, direita e esquerda precisavam ser exercitadas no círculo e no próprio corpo. Agora no 12º ano, esta imitação vem de dentro para fora como é feito no exercício meditativo, criado por Steiner, com o verso “*Eu penso a fala*” (BARDT, 2008).

Neste exercício os estudantes devem seguir seis posições que alternam os lados direito e esquerdo, relacionando os movimentos dos braços e das pernas. A essência deste exercício está em criar posições precisas, onde a quietude possibilita clareza, forte consciência e grande sensação de atenção e presença. Ao invés, destas posições serem criadas a partir da periferia do indivíduo, elas são formadas no centro, no interior do corpo e vão para fora. Pode se dizer que esta é a maior transformação do movimento nesta idade. A forma circular passa a ser criada do interior de cada ser humano (BARDT, 2008).

Segundo Bardt, este é o principal tema do 12º ano em todas as disciplinas, como por exemplo: em biologia que o ser humano é coroado como centro da criação, em filosofia que o ser humano é capaz de refletir sobre si mesmo, etc. Este “*gesto*” agora se torna não só conteúdo mas método também. O movimento que no 1º ano era gerado e criado na periferia, por meio dos órgãos do sentido e da percepção, agora no 12º ano passa a ser impulsionado pelo centro de si próprio.

Neste caso, o trabalho artístico em Eurytmia será determinado não só pela música ou pelo poema escolhido, mas também pela relação com a elaboração livre e objetiva do aluno. A única autoridade exercida aqui é a do material em si, pois o professor passa a ser somente um ajudante do processo investigativo do aluno. O jovem nesta fase de aprendizagem se torna criador e criação da expressão de si mesmo com relação ao universo.

Conforme o relato da autora, depois de doze anos fazendo Eurytmia o aluno deveria ser capaz de interpretar eurytmicamente todos os versos e poemas que foram realizados durante o 1º ano escolar, trazidos por meio de palavras, imagens e reforçados através da imitação. No 12º ano todo movimento e gesto devem ser criados, a partir, de si próprio com segurança e autonomia. “*Dia após dia do Cosmo, as estrelas me dão minha vida e eu alegremente agradeço o mundo através das*

*minhas ações*” (BARDT, 2008, p. 57).

Nas correlações entre o 2º ano e o 11º ano descritas por Bardt (2008), a autora destaca o aspecto da individualização e da diferenciação entre o “Eu” e o “Tu”, que a criança do 2º ano experiencia por meio das imagens narradas nas lendas. Nos jovens do 11º ano esta experiência se metamorfoseia na busca e no conhecimento de si próprio.

Ela exemplifica que no círculo criado na aula de Eurytmia do 2º ano a criança gradativamente vai se movimentando individualmente, mas que no círculo do 11º ano os estudantes buscam por si mesmos quais gestos e movimentos eles gostariam de criar para expressar seus próprios sentimentos e pensamentos.

Sylvia Bardt nos descreve que entre o 3º e o 10º ano essa correlação acontece na germinação da separação do “Eu” da criança do restante do mundo, que lá na infância ressoa em perguntas, como: “*Quem eu sou? e Quem é você?*” Perguntas estas que são respondidas pelas histórias da criação do mundo e por suas imagens. No entanto, no início da juventude estas mesmas perguntas só poderão ser respondidas através de íntimas experiências consigo mesmo.

Os jovens desta idade, segundo a autora, estão sempre se testando, se desafiando em vários aspectos do seu desenvolvimento: emocional, social, cognitivo e etc., pois necessitam desesperadamente descobrir quem realmente são. Eles necessitam conhecer seus gostos, suas simpatias e antipatias, suas dificuldades e talentos e para isso utilizam-se de todas as situações pedagógicas para essa descoberta.

É por isso que a autora nos diz que a “*Separação do indivíduo do mundo que o cerca*” é o principal tema desta fase.

Entre o 4º e o 9º ano a autora diz que o desenvolvimento das formas espaciais exercitadas no 4º ano segue as leis semânticas e são expressas com formalidade e que os alunos desta faixa etária experienciam o movimento por meio de impulsos externos. Já no 9º ano, as formas espaciais são formadas por meio dos sentimentos dos próprios alunos, dos seus sonhos e desejos. Ela também afirma que os adolescentes desta idade experienciam o movimento por meio de impulsos internos.

Por meio da Eurytmia, os adolescentes têm a possibilidade de perceber como eles são afetados e transformados por aquilo que os cerca, como quando utilizamos acordes musicais de diferentes naturezas. Por exemplo: os acordes maiores que

geram uma vontade de movimentar para fora, para longe; acordes dissonânticos que os fazem sentir partidos em pedaços e acordes menores que trazem a sensação de conforto, de proteção.

Sylvia termina suas correlações dizendo que segundo Steiner, “quando a educação prepara algo saudável no desenvolvimento do ser humano, isto continuará na puberdade como um entendimento independente do que esse indivíduo já possui. Tudo que foi aprendido de forma pictórica na infância, na juventude emergirá em completa clareza de pensamento sobre si próprio” (STEINER 1924 apud BARDT, 2008, p.81).

Ele ainda continua dizendo que “quando ocorre no ser humano o encontro entre o trabalho do corpo astral e do corpo etérico acontece na vida do jovem uma conexão, uma saudável percepção de si mesmo. Conectando esses dois lados da natureza humana o indivíduo pode ter uma verdadeira experiência de liberdade interior” (STEINER 1924 apud BARDT, 2008, p.82).

Enfim, pode-se observar que o processo de educação tem uma semelhança com o plantio, pois as sementes plantadas de forma saudável na primeira infância tendem a germinar na adolescência, quando o ser humano está em contato intenso com o mundo exterior e inclusive, muitas vezes, é totalmente direcionado por este. E na juventude esta semente é capaz de florescer como força interior e como auto-conhecimento.

#### **4.4 O currículo de Eurytmia aplicado na Escola Waldorf Rudolf Steiner atualmente**

Na escola Waldorf Rudolf Steiner, atualmente (2014), o currículo da Eurytmia é desenvolvido da forma descrita a seguir.

Do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental os alunos têm uma aula de Eurytmia por semana com a classe toda reunida. As classes têm em torno de 30 a 32 crianças e neste período o professor de classe acompanha e observa os alunos durante estas aulas. O professor de classe tem a responsabilidade de auxiliar o professor de Eurytmia com a manutenção da disciplina e da ordem durante as aulas, pois é muito importante que o professor de Eurytmia não interrompa o fluxo dos seus movimentos durante a narrativa que esta sendo contada.

Vale aqui lembrar que nestes primeiros anos à estrutura das aulas e

constituída basicamente de uma grande narrativa de contextos diferentes (contos de fadas, fábulas, lendas, mitologias e etc.), conforme o currículo de cada uma dessas faixas etárias. A aula acontece praticamente o tempo inteiro em círculo e os alunos aprendem os gestos e movimentos por meio da imitação.

**1º ano:** (36 aulas anuais)

- A reta, a linha curva, a espiral.
- Os movimentos dos braços, que correspondem as vogais e às consoantes, são integrados nas encenações de contos de fada. Pequenos exercícios pentatônicos, o gesto que corresponde à quinta (quinto intervalo musical), também como parte de contos de fada.
- Andar, correr, pular, bater com os pés.
- Exercícios de habilidade, coordenação motora e lateralidade.

**2º ano:** (36 aulas anuais)

- Aprofundar o trabalho do 1º ano (círculo, linha reta, espiral, etc).
- A correspondência entre dois círculos concêntricos.
- Exercícios envolvendo um parceiro, na base do “*Eu e Tu*” e do “*Nós*”.
- Os mesmos exercícios com música: pequenas danças em 2 círculos, com um parceiro.
- Exercícios de destreza: coordenação motora fina e grossa.
- Pequenas poesias acompanhando as estações do ano, as lendas dos santos, as fábulas, etc.
- Forma da leminiscata sem cruzamento.

**3º ano:** (36 aulas anuais)

- Coreografias relacionadas às matérias: “*Profissões artesanais*”, “*Velho Testamento*”, etc.
- Movimentos rítmicos com música e poesia. Vivenciar, brincando a forma geométrica do triângulo.
- Movimentos baseados em um motivo musical. Reconhecer pergunta e resposta, com pequenos jogos correspondentes (espiral da pergunta e da resposta).
- Conscientização de gestos relacionados com sons: fonemas na palavra e a escala de dó maior na música.

- Exercícios de habilidade e de concentração.
- Vivência da terça maior e menor.
- Forma da leminiscata com cruzamento.

No 4º ano passamos por uma transição na estrutura das aulas de Eurytmia, pois ela não acontece mais estritamente em formação circular. Ela passa a incluir diversas formas geométricas e começa a se desenvolver no espaço da frontalidade. A criança passa a vivenciar o espaço frontal e assim experiencia sua separação do mundo e dos outros que a cercam.

Além disso, os exercícios de habilidades motoras, lateralidade e concentração começam a se tornar mais intensos e mais freqüentes durante as aulas. Nosso maior objetivo é auxiliar cada aluno na apropriação, coordenação e controle completo do seu próprio corpo e a harmonização dos seus gestos e movimentos.

#### **4º ano:** (36 aulas anuais)

- Elementos da gramática (substantivo, verbo) são representados por formas no espaço.
- Exercícios de concentração e destreza.
- Aliterações.
- Deslocamento de quadrados.
- Terças maiores e menores.
- Textos da mitologia Nórdica e mitologia indígena.
- Coreografias com diferentes escalas maiores e seus gestos correspondentes.
- Formas espelhadas.
- Orientação frontal.

No 5º ano outra mudança na estrutura das aulas acontece, pois agora a classe passa a ser dividida em dois grupos e cada grupo realizará duas aulas de Eurytmia por semana. Nesta nova fase, os alunos não são mais acompanhados pelos professores de classe e começam a se deslocar autonomamente pela escola conforme cada aula do dia.

Nas aulas de Eurytmia do 5º ao 8º ano os alunos executam exercícios de habilidade motora, de concentração, de postura, de equilíbrio, rítmicos, de percepção espacial e de escuta musical. As elaborações artísticas com poesia

seguem temas dos currículos de história ou literatura indicados para cada faixa etária, como por exemplo: no 5º ano as antigas culturas, no 6º ano a história romana, no 7º ano peças de contos de fadas para serem apresentadas para as classes mais novas e finalmente, no 8º ano poesias românticas, baladas e etc.

Também com a Eúritmia tonal as elaborações coreográficas vão se aprimorando e se tornando mais complexas conforme o passar dos anos, pois novos elementos vão sendo incorporados à percepção musical dos alunos, como: compasso, ritmo, melodia, altura de tom, intervalos musicais, harmonia, acordes maiores, menores e dissonânticos, frases musicais, variação de vozes e etc.

#### **5º ano: (72 aulas anuais)**

- Formas correspondentes aos elementos gramaticais.
- Estrela de cinco pontas. Estrela e arco.
- Oito harmônico.
- Textos de antigas culturas (Índia, Pérsia, Egito, Grécia).
- Exercícios de concentração e de habilidade.
- Curva Cassínica.
- Continuação do trabalho com escalas musicais.
- Coreografias musicais mais complexas.
- Início dos exercícios de destreza com bastões de cobre.
- Introdução do andar bonito e harmonioso e o andar em diferentes tempos.

#### **6º ano: (72 aulas anuais)**

- Transformações de formas geométricas.
- Exercícios estruturais de bastões: 7 tempos e 12 tempos, etc.
- Aliteraões.
- Estrela de seis pontas.
- Textos da cultura romana.
- Compasso musical e peças musicais a 2 vozes.
- Exercícios musicais de vivência do intervalo da oitava.
- Formação das vogais no espaço configurada pelo grupo.

#### **7º ano: (72 aulas anuais)**

- Os elementos gramaticais são ampliados por meio de gestos correspondentes a estados anímicos.

- Transformações mais complicadas do quadrado.
- Exercícios de concentração e autodomínio.
- Estrela de sete pontas.
- Tonalidades maiores e menores.
- Intervalos musicais.
- Peças mais elaboradas: contos de fada, histórias, peças humorísticas, etc.
- Exercícios de bastões: Cascata e Qui Qui.

**8º ano:** (72 aulas anuais)

- Baladas, peças humorísticas, peças musicais mesclando os gestos dos tons e dos intervalos.
- Tonalidades maiores e menores, acordes e dissonâncias.
- Formas geométricas, por exemplo: 4 oitavas harmônicas sobrepostas.
- Exercícios com bastões, acrescentando o da Espiral.
- Tomar consciência da estrutura e da geometria do próprio corpo.
- Participação dos alunos na elaboração da coreografia.
- Cultivo do andar eurítmico.

Vale ressaltar aqui que até o atual momento (2014) em nossa escola (EWRS), nós não oferecemos aula de Eurytmia para o 9º ano, pois não há espaço na grade curricular para que esta disciplina possa ser inserida, como foi proposto inicialmente por Rudolf Steiner. Também é importante esclarecer que no Ensino Médio do 10º ao 12º ano a disciplina de Eurytmia só é ministrada durante um semestre, ou seja, cada ano escolar do E.M. só pratica Eurytmia por seis meses no ano letivo.

Aqui já se torna óbvio que o currículo que ministramos nas classes do Ensino Médio, na EWRS não está totalmente completo e que também nos falta tempo para aprofundar e amadurecer os elementos artísticos tão sutis desta disciplina. Justo nesta fase, que é tão importante para o jovem, quando há a possibilidade de vivenciar por si mesmo os elementos oferecidos em cada disciplina e ser capaz de torná-los sua própria expressão.

**10º ano:** (30 aulas anuais)

- A dinâmica na fala, na música, nos movimentos; ressaltar contrastes.
- O contraste entre o homem e o mundo, entre a figura e o ambiente.
- Treinar a elasticidade exterior e interior.

- Dar expressão individual aos movimentos.
- Referências ao ensino de matérias: poesia, história (culturas antigas).
- Transmitir experiências anímicas aos gestos.
- A manifestação das atividades anímicas do pensar, sentir e querer.
- Ritmos livres – claro/escuro, forte/piano, etc.
- Melodias complexas, pluralidade de vozes, cânones, harmonia, ritmo e dinâmica musical.
- Gestos dramáticos.
- Formas básicas para novos temas (pronomes, poesia épica, lírica, dramática, versificação, rimas).

**11º ano:** (30 aulas anuais)

- Dominar os movimentos.
- O centro e a periferia.
- Diferentes estilos musicais.
- O contraste entre apolínico e dionisíaco.
- As cores e sua dinâmica.
- Solos – obras musicais que exigem maior perfeição.
- Consciência do próprio corpo.
- Os movimentos dos planetas (Astronomia).
- Formas silenciosas.
- A linguagem dos gestos.
- Recapitulação das tonalidades e suas qualidades.

**12º ano:** (30 aulas anuais)

- Visão geral.
- O corpo como expressão da alma.
- Domínio sobre movimentos, postura e gestos.
- A Eurytmia como manifestação da relação entre o homem e o universo (Constelações do Zodíaco).
- A Eurytmia como arte moderna, como síntese de impressionismo e expressionismo.
- Poesia e música moderna.
- Problemas de luz, de movimentos em grupos e de vestuário.

## 5 METODOLOGIA

A elaboração do presente trabalho buscou realizar um levantamento teórico sobre os diversos aspectos que circundam o tema central deste estudo, como a vida e a obra do filósofo Rudolf Steiner, o pensamento filosófico da Antroposofia, a Pedagogia Waldorf seus conceitos e seus procedimentos didáticos, o currículo da Pedagogia Waldorf. Também procurou aprofundar seu tema principal, a Eurytmia, descrevendo seu surgimento, desenvolvimento e sua aplicação dentro das escolas Waldorf no desenvolvimento do ser humano.

Amparada por este referencial teórico o âmbito da Eurytmia Pedagógica foi descrito por meio de uma reflexão, principalmente a respeito da correlação existente entre os elementos eurítmicos ministrados para as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental e a criação artística dos alunos 12º ano do Ensino Médio nas aulas de Eurytmia.

Diante do exposto acima, pretendo em minhas considerações finais poder contribuir com observações pessoais da minha própria atuação como professora de Eurytmia nestas duas faixas etárias, acrescentando a descrição do desenvolvimento, dos comportamentos e dos comentários feitos pelos alunos durante as minhas aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de pesquisar sobre a Eurytmia Pedagógica surgiu da minha própria prática como professora desta arte, na Escola Rudolf Steiner. Inicialmente, ministrei aulas somente para o Ensino Fundamental e depois de um ano e meio de atuação didática passei também a ministrar aulas para o Ensino Médio.

Com o passar do tempo pude observar que a aprendizagem de alguns elementos eurítmicos como a reverência, a capacidade de criar imagens através de gestos, a expressão de estados anímicos, a objetividade e clareza das formas espaciais geométricas e a sensibilidade em perceber e interagir harmonicamente com o movimento do outro, adquiridas pelas crianças em seus primeiros anos escolares, são aspectos muito importantes e de grande influência na criação artística dos jovens nos últimos anos de escola.

Pude observar também que quando os elementos eurítmicos são aprendidos corretamente e interiorizados animicamente pelas crianças em seus primeiros anos escolares, eles se metamorfoseiam em forças internas capazes de impulsionar os jovens em suas elaborações artísticas. Os jovens se tornam capazes de criar artisticamente a partir de sua própria alma, ou seja, do seu mais verdadeiro sentimento, da sua autêntica forma de pensar e da sua própria capacidade de atuar.

Como já coloquei anteriormente, o espelhamento dos currículos do E.F. e do E.M. foi observado por Bardt (2008). Contudo, esta autora não relata formas de avaliação deste fenômeno. Por exemplo: como posso, fenomenologicamente, saber o quanto os elementos eurítmicos foram aprendidos corretamente e interiorizados animicamente pelas crianças em seus primeiros anos escolares? Como se dá a metamorfose desses elementos em forças internas nos jovens? Como esta metamorfose se manifesta? E como isso pode impulsioná-los em suas elaborações artísticas?

Fica aqui, é claro, o desejo de aprofundar esse estudo em um projeto de mestrado, para que haja a possibilidade de uma pesquisa de campo desta prática artístico-pedagógica tão enriquecedora para o desenvolvimento do ser humano.

Para embasar esta reflexão optei por realizar no atual trabalho de conclusão desta especialização uma pesquisa teórica, devido ao curto período de elaboração que teria para executar a mesma. Meu percurso foi iniciado por meio do meu acesso ao conteúdo antropológico que ampliou minha visão acerca do desenvolvimento do

ser humano. Estudar a Antroposofia, a Pedagogia Waldorf, seu currículo de ensino e a Eurytmia, fez com que eu ampliasse o meu olhar em direção as crianças e jovens com quem trabalho, permitindo-me compreender melhor seu processo de aprendizagem e de criação artística.

Para refletir sobre as correlações existentes entre os elementos eurítmicos ensinados às crianças de sete anos de idade e as criações artísticas dos jovens de dezoito anos, durante o processo de ensino aprendizagem da Eurytmia, foi preciso, no primeiro capítulo, fazer um levantamento biográfico sobre o filósofo Rudolf Steiner. Foi essencial conhecer sua biografia e um pouco do extenso cabedal de obras que ele publicou. Estudar a Antroposofia e seus fundamentos básicos me auxiliaram a enxergar o desenvolvimento humano de forma integral e holística.

Em seguida, no segundo capítulo, pesquisei a visão da Pedagogia Waldorf e pude identificar nessa prática pedagógica a sua fundamentação, sua aplicação e suas principais características de atuação.

A partir daí, no terceiro capítulo, trabalhei com o surgimento, trajetória, características específicas e elementos centrais da Eurytmia. No quarto capítulo, consegui relacionar o currículo aplicado da Eurytmia às fases de desenvolvimento do ser humano, explicando e descrevendo todo o processo de ensino e aprendizagem desta disciplina em cada faixa etária, e como ela se apresenta como um diferencial da Pedagogia Waldorf. Este capítulo me permitiu explorar as correlações entre os elementos eurítmicos ministrados para as crianças do Ensino Fundamental e a autonomia e expressividade das criações artísticas dos jovens do Ensino Médio. Finalmente, no quinto capítulo, apresentei a metodologia utilizada na produção deste estudo.

Todo esse estudo contribuiu positivamente para as minhas atividades pedagógicas como professora de Eurytmia. Passei a estar mais atenta ao que é expresso pelos jovens, principalmente quando estão em processo de improvisação e exploração artística, visando compreender o que acontece com eles na *“hora de criar”*.

Em minha experiência prática como professora de Eurytmia percebi que os elementos eurítmicos básicos, já citados anteriormente, são muito bem introduzidos e aplicados com profundidade e coerência para cada ano do Ensino Infantil e Fundamental. Nestes âmbitos escolares o currículo desta disciplina é ministrado em sua totalidade e os alunos têm a oportunidade de experienciá-los em abundância,

tanto nas aulas semanais como nas diversas apresentações artísticas realizadas durante os oito anos do Ensino Fundamental.

Acredito conseguir desenvolver nos meus alunos do E.F. tanto os aspectos das habilidades físico-motoras (lateralidade, coordenação motora, equilíbrio), percepção espacial e musical, os aspectos artísticos de estética, a criação da imagem através dos gestos eurítmicos e a elaboração coreográfica, assim como os aspectos anímicos de reverência, harmonia, fantasia e etc.

Já no Ensino Médio enfrento dificuldades em conceder aos alunos tempo suficiente de experimentação e improvisação, essenciais para a descoberta e exploração individual e coletiva das diversas possibilidades de expressão que pode ser criadas com os gestos e movimentos eurítmicos. Da mesma forma, também não há tempo para o desenvolvimento de reflexão sobre questões como: Para que serve a Eurytmia? Por que esta disciplina existe na Escola Waldorf? Por que e para que é importante fazer Eurytmia na idade que tenho?; assim como poder conhecer de forma agora mais consciente e questionadora os elementos eurítmicos ensinados para esta faixa etária: os gestos planetários e os gestos do zodíaco, que relacionam o ser humano com o universo.

Os problemas citados acima estão relacionados ao fato de que na EWRS a Eurytmia no Ensino Médio é ministrada somente por um semestre por ano para cada classe, a partir do 10º ano (não há aulas de Eurytmia no 9º ano). Isto se dá pela impossibilidade de se colocar na grade curricular destas classes aulas durante o ano inteiro, uma vez que há necessidade de cumprir uma carga horária extensa para as disciplinas obrigatórias indicadas pelo MEC.

Toda esta realidade interfere diretamente no despertar da autonomia criativa dos alunos, que acabam sendo prejudicados pelo pouco tempo que têm disponível para poder verdadeiramente tornar-se criador e criação de suas próprias elaborações artísticas. Na minha prática cotidiana tento amenizar esta situação escolhendo a cada semestre somente uma peça artística para ser trabalhada a fundo pelos alunos. Tento também sempre alternar um trabalho com poesia em um ano com um trabalho com música no ano seguinte. Desta forma procuro oferecer um pouco de tudo que o currículo da Eurytmia propõe para esses anos escolares.

Sendo assim, acredito poder arriscar e afirmar que a metodologia de ensino sugerida pela Pedagogia Waldorf transforma os conteúdos curriculares em elementos de contínuo aprimoramento de diversas capacidades dos alunos, durante

os 12 anos escolares. O currículo é aplicado de forma viva, sem ter o objetivo de acumular conhecimentos ano após ano. Ele elabora um determinado conteúdo para uma faixa etária e mais a frente quando o aluno já amadureceu, ele metamorfoseia o mesmo conteúdo em outras capacidades. Ele possibilita a existência de correlações entre os conteúdos “*plasmadores*” (que são absorvidos da periferia para o centro, ou de fora para dentro) nos anos escolares iniciais, com as forças criadoras (que nascem no centro e se expandem para a periferia, ou que vem de dentro para fora) nos últimos anos escolares.

Em linhas gerais, posso fazer a seguinte consideração: que essa pesquisa resultou em um grande impulso para maiores reflexões. Desvendei em minha própria atuação a magia existente na prática de ensino da Eurytmia como um todo, compreendi a importância desses elementos eurítmicos na formação de imagens conceituais nas crianças e seu papel salutar na vida delas e no seu desenvolvimento anímico, pois sugerem, de maneira subjetiva, soluções para seus desafios internos.

Também pude refletir e observar como na minha prática pedagógica, com os alunos do E.M., ainda é preciso conquistar melhores condições de aplicação do currículo completo da Eurytmia dentro da grade curricular da escola, para que esses jovens possam desenvolver profundamente a expressão de suas identidades como indivíduos autônomos, criativos e livres.

Finalizo minhas considerações, utilizando a verdade manifestada no seguinte comentário de Shaina Stoehr, a respeito da Eurytmia: “*In Eurythmy the space around and between us is treated as a ‘living medium’ which can be permeated with our imagination and feelings*”, [Em Eurytmia o espaço em torno e entre nós é tratado como um ‘mediador vivo’ que deve ser permeado de imaginação e sentimentos].

Quando esse elemento de vida é trazido com eficácia, desde os primeiros contatos da criança com a Eurytmia no círculo do primeiro ano e das narrativas dos contos de fadas, a Eurytmia se torna um veículo verdadeiro de expressão para o “Eu”. Quando este jovem atingir a maturidade, ele se tornará capaz de se expressar autenticamente e de atuar no mundo com suas forças criativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ilma Arruda de Araújo; SÂMARA, Thaís Abi. *Caminho para um ensino mais humano: apontamentos sobre a pedagogia e as escolas Waldorf*. Belo Horizonte: Líthera, 1999.

ANDRADE, Rafaela Guimarães. *A contribuição dos Contos de Fadas ao Desenvolvimento Infantil no âmbito da pedagogia Waldorf*. Monografia de Conclusão de Curso, Brasília: Departamento de Pedagogia, Universidade de Brasília, 2013.

BACHEGA, Augusto César. Pedagogia Waldorf, um olhar diferente à educação. *Anais do Sciencult*, v.1(1), p. 360-369, 2009.

BARDT, Sylvia. *Eurythmy: a creative force in humanity – Experiences from pedagogical practice*. 1ªed. New York: AWSNA, 2008.

KIRCHNER-BOCKHOLT, Margarete. *Elementos fundamentais da euritmia curativa*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2009.

BOTTENE, Ana Carolina. *As especificidades da pedagogia Waldorf: um estudo com três professoras envolvidas no processo de Alfabetização*. Monografia de Conclusão de Curso, São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos, 2011.

DOWN, Reg. *Leaving room for the angels – Eurythmy and the art of teaching*, 2ª ed. California: AWSNA, 2004.

EMANUEL, Tereza Cristina de Oliveira. *A pedagogia Waldorf*, Monografia de Conclusão de Curso, Rio de Janeiro: Departamento de Pedagogia, Universidade Veiga de Almeida, 2002.

FROBÖSE, Edwin & FROBÖSE, Eva. *Euritmia – Sua origem e seu desenvolvimento segundo indicações de Rudolf Steiner*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2009.

GÖBEL, Thomas. Eurythmy as visible speech. *Newsletter from the Section for the Arts of Eurythmy, Speech and Music*, v. 42, Easter 2005, p. 12-15, 2005.

HOWARD, Michael. *Art as spiritual activity. Rudolf Steiner's contribution to the visual arts*. Hudson: Anthroposophic Press, 1998.

KAWAMURA, Regina Cláudia. Rudolf Steiner e a Antroposofia: uma ciência, uma vivência. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, v. 9(6), p. 135-137, 2012.

KIYAN, Ana Maria Mezzarana. *O gosto do experimento – Possibilidades clínicas em Gestalt-terapia*. São Paulo: Ed. Altana, 2009.

LANZ, Rudolf. *A pedagogia Waldorf – Caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2003.

\_\_\_\_\_. *Noções básicas de antroposofia*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1997.

NOGUEIRA, Marília Barreto. *Da palavra à poética do movimento*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica, 2003.

\_\_\_\_\_. A Presença da Eúritmia na Pedagogia Waldorf. *Revista Chão Gente*, v. 8(III), Junho/2004. Disponível em: <http://www.alumiar.com/index.php/educacao/39-antroposofia/973-apresencadaeuritmianapedagogiawaldorfv>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

PASSERINI, Sueli Pecci. *O fio de Ariadne: um caminho para a narração de histórias*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2004.

RICHTER, Tobias. *Objetivo pedagógico e metas de ensino de uma escola Waldorf*. São Paulo: Ed. Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2002.

SCHIMMEL, Heinz. *Der tanz im wandel der zeiten und die neue Kunst der Eurythmie*. Munique: Chr Gauke Verlag, 1977.

STEINER, Rudolf. *A filosofia da liberdade*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2000.

\_\_\_\_\_. *A ciência oculta, esboço de uma cosmovisão suprasensorial*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2001.

\_\_\_\_\_. *A arte da educação, Vol.I*. São Paulo: Editora Antroposófica, 1995.

\_\_\_\_\_. *Teosofia*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2002.

\_\_\_\_\_. *O conhecimento dos mundos superiores*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2002.

SETZER, Valdemar. *O que é Antroposofia?* 1998. Disponível em: <<http://sab.org.br/antrop.htm>>. Acesso em: agosto 2014.

STOEHR, Shaina. *Eurythmy an art of movement for our time*. Stourbridge: The Robinswood Press. 1993.